UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ANA CAROLINA RAMOS

**Desenvolvimento e consolidação do turismo sexual no Nordeste do Brasil: fatores
convergentes**

Versão Corrigida

São Paulo

2018

ANA CAROLINA RAMOS

Desenvolvimento e consolidação do turismo sexual no Nordeste do Brasil: fatores convergentes

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R175d Ramos, Ana Carolina
Desenvolvimento e consolidação do turismo sexual
no Nordeste do Brasil: fatores convergentes / Ana
Carolina Ramos ; orientadora Rita de Cássia Ariza
da Cruz. - São Paulo, 2018.
174 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. turismo. 2. turismo sexual. 3. prostituição. 4.
desigualdade socioespacial. 5. Nordeste . I. Cruz,
Rita de Cássia Ariza da, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Ana Carolina Ramos

Data da defesa: 06 de dezembro de 2018

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof^a Dr. Rita de Cássia Ariza da Cruz

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 06/ 02/ 2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: RAMOS, Ana Carolina.

Título: Desenvolvimento e consolidação do turismo sexual no Nordeste do Brasil: fatores convergentes.

Dissertação apresentada à Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em: 06 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora

Prof. (a) Dr. (a): Rita de Cassia Ariza da Cruz (Orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Prof. (a) Dr. (a): Maria Aparecida Pontes da Fonseca

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr.: Manoel Fernandes de Souza Neto

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Prof. (a) Dr. (a): Silvana de Souza Nascimento

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Dedico essa dissertação a Gilberto Fonseca e Osmar Ramos (*in memoriam*), a minha avó Neuza, a minha mãe e aos meus irmãos. Obrigada a todos vocês por sempre estarem presentes na minha vida.

Agradecimentos

Estou cada vez mais certa de que o paraíso são os outros. Vi num livro para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém. Eu compreendo bem.

Valter Hugo Mãe

O paraíso são os outros, p.34, 2018.

Nesse momento de fechamento de uma fase importante da minha vida, percebo que tenho muitas pessoas a quem agradecer. Inicialmente as pessoas que estiveram do meu lado me incentivando a entrar no programa de pós-graduação, mesmo quando eu não tinha muita fé que conseguiria ingressar no mestrado. E aquelas que me ajudaram no percurso desde a graduação até o mestrado, acreditando, muitas vezes, mais em mim do que eu mesma. Essa dissertação é fruto de todo o amor e carinho que recebi de vocês ao longo dos anos.

Primeiramente agradeço a professora e orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz que contribuiu imensamente para minha formação acadêmica. Sou muito grata por ter tido a senhora como orientadora, que com toda sua paciência e dedicação me ajudou nos momentos mais complicados do mestrado. Obrigada pelos momentos de reflexão e pelo carinho que você vem dedicado a mim deste o tempo do Trabalho de Graduação de Curso.

Agradeço imensamente a minha família por todo o apoio que vocês me deram e toda minha vida. Sempre penso a quão sortuda sou de fazer parte de uma família com pessoas tão incríveis. A minha querida vó e mãe muito obrigada por apoiarem todas minhas decisões e me ajudarem em todos os momentos possíveis. Vocês são o alicerce da minha vida e a vocês devo todo esse trabalho. Agradeço também a minha madrinha e tia Maria do Carmo que além de cuidar de mim, cuidou de meu pai em todo o período de sua doença.

Agradeço a todos colegas da pós-graduação: Savanna, Mariana, Thaís, Isabela, Romina, José, Gilberto e Eduardo. Vocês que cursaram comigo esse árduo caminho, principalmente no Brasil, que é o da pós-graduação. Juntos em nossas reuniões conseguíamos nos apoiar e discutir questões extremamente relevantes sobre a Geografia e a sociedade.

A minha psicóloga Maralucia agradeço imensamente por ter me ajudado em todos os momentos mais difíceis desde o intercambio para a Argentina até a da fase de escrita da dissertação. Creio que em todas nossas sessões eu saia mais fortalecida e certa que poderia escrever meu próprio futuro.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Geografia que desde a minha graduação me ensinaram a ser uma Geógrafa. A vocês devo minha formação acadêmica e pessoal como sujeita crítica a toda sociedade que vivemos.

As minhas queridas amigas desde o tempo da graduação eu sou muito grata por terem me ajudado nesse percurso não só acadêmico como pessoal: Clariana, Claudia, Samanta, Sibeles, Talita Amaral e Talita Barbosa. Vocês todas são minhas amigas há mais de dez anos e digo com muito amor que espero que essa amizade seja eterna. Em especial, agradeço a minha amiga Sibeles que contribuiu diretamente realizando alguns dos mapas desse trabalho.

Aqueles amigos que foram chegando aos poucos em minha vida e foram se tornando essenciais. Obrigada pelas conversas, apoio, risadas, festas, ensaios (do Ilú Obá de Min), debates e militância: Rafael, Elis, Aline Paschoalino, Aline Oliveira, Ingrid, Bruna Beserra, Natalia e Pedrinho.

A Beatriz e Carol as amigas que conheci no trabalho agradeço pela risadas, conselhos e comidas (divididas) que compartilhamos durante quase três anos. Creio que tenho muita sorte de ter conhecido no ambiente de trabalho pessoas tão maravilhosas quanto vocês duas.

Ao terreiro Axé Ilé Obá e em especial a mãe Paula que me ajudou nos momentos mais descrentes de minha vida. Creio que os ensinamentos de força e fé me fizeram mais resistente para enfrentar as dificuldades da vida e entender que esta possui maneiras peculiares de traçar nossos caminhos.

No período que estive fora do Brasil em um intercâmbio para a Argentina foi sem dúvida um momento difícil. A adaptação em uma nova cidade foi um pouco dura no início, porém aos poucos fiz amigos que tornaram toda essa jornada mais doce e leve. Agradeço à Daniela, Henrique, Larissa, Fernando, Tânia e Caio. Obrigada por compartilharem tantos momentos comigo na cidade parada da década de 1990 que é Buenos Aires. Todos os medos que senti nos primeiros momentos se transformaram em felizes lembranças. Agradeço também o Fran e a Nati que foram as pessoas mais gentis e amáveis que conheci em toda Argentina.

Agradeço a Prof^a Dr^a Claudia Troncoso e a todos que me receberam em Buenos Aires no Instituto de Geografia e me ajudaram enquanto estive na cidade. Assim, também agradeço a todo o Instituto de Geografia pela ajuda e acolhimento que recebi no período que estive na cidade.

Em particular agradeço a Magdalena Moreno e as mulheres do “Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género” da Universidade de Buenos Aires (UBA), que me

acolheram e aceitaram compartilhar trocas acadêmicas sobre pesquisas que tangem a sexualidade e a questão de gênero no Brasil e na Argentina.

Obrigada também a Tomás M. por ter me ajudado (as vezes contribuído) para toda montanha russa que passei desde 2016.

Agradeço a CAPES por me conceder a bolsa de fomento à pesquisa de Mestrado que me ajudou a focar nos estudos possibilitando que eu não precisasse conciliar esta pesquisa com uma jornada exaustiva de trabalho laboral. Neste momento em que os auxílios de fomento à pesquisa acadêmica estão ameaçados a serem diminuídos ou cortados é importante acentuar a extrema relevância dos mesmos para possibilitar que pesquisadores possam se dedicar de forma digna à pesquisa científica. O corte ou a diminuição das bolsas poderão ocasionar um trágico futuro para as pesquisas no âmbito nacional, principalmente na área das ciências humanas ainda mais desvalorizadas no país.

Por fim agradeço a toda todas as pessoas que colocaram música na minha vida ou me ajudaram a escolher a melhor melodia para tocar. Desculpem se esqueci algum nome em específico. Carrego comigo toda experiencia e amor de momentos que compartilhei com pessoas maravilhosas com que tive o enorme prazer de conhecer e conviver.

Não podemos esquecer do momento extremamente difícil no qual passa toda situação política nacional, sendo assim, é importante dizer e redizer a plenos pulmões:

Lula Livre!

*Meu corpo não é meu corpo
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz*

*Meu corpo, não meu agente,
meu envelope selado,
meu revólver de assustar,
tornou-se meu carcereiro
me sabe mais que me sei.*

*[...] Meu corpo inventou a dor
a fim de torná-la interna,
Integrante do meu Id,
ofuscadora da luz
Que aí tentava espalhar-se.*

*Outras vezes se diverte
sem que eu saiba ou que deseje,
e nesse prazer maligno,
que suas células impregna,
do meu mutismo escarnece.*

*Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.*

*Meu prazer mais refinado,
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.*

*Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volta a mim, com todo o peso
de sua carne poluída,
seu tédio, seu desconforto.*

*Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo rumo oposto.*

*Já premido por seu pulso
de inquebrantável rigor,
não sou mais quem dantes era:
com volúpia dirigida,
saio a bailar com meu corpo.*

*Carlos Drummond
As contradições do corpo, p.11, 2015.*

RESUMO

RAMOS, Ana Carolina. Desenvolvimento e consolidação do turismo sexual no Nordeste do Brasil: fatores convergentes. 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

O turismo é um fenômeno social e econômico que possibilita a reprodução do capital por meio do uso e da apropriação do espaço, no sentido de que é através do consumo do lugar que a atividade turística se consolida. A mercantilização do lugar é parte do processo de reprodução do capital e, neste sentido, os lugares são ressignificados. Nesta pesquisa, buscamos entender como ocorreu o desenvolvimento do turismo sexual e sua consolidação no Nordeste do Brasil. No geral, nos países periféricos do sistema capitalista, o turismo sexual vem encontrando um amplo espaço para seu desenvolvimento, onde viajantes de países economicamente mais desenvolvidos buscam encontrar um atrativo mercado sexual. Neste caso, esta pesquisa trata o turismo sexual como um conceito caracterizado pela viagem motivada pela busca de sexo. Em nosso estudo específico busca entender como e porquê o Nordeste brasileiro tornou-se *locus* deste tipo de turismo. O turismo sexual tem se desenvolvido pela correlação de diversos fatores, de ordem socioeconômica, histórica e cultural. Nessa pesquisa, buscamos abordar cada um desses fatores, a fim de encontrar um ponto de convergência que nos apontasse o porquê de o Nordeste brasileiro ter sido inserido na geografia do turismo sexual. A partir da década de 1990, na região Nordeste, algumas cidades começaram a receber incentivos para maior desenvolvimento do turismo conhecido como “sol e praia”. Nesse momento, políticas e planos estruturaram o mercado de turismo na região, fazendo com que essas cidades recebessem maiores investimentos em infraestrutura, a fim de incrementar seu potencial turístico. Como consequência, o segmento do turismo sexual também começou a crescer nessas cidades. De uma forma menos estruturada da presente em cidades tailandesas, por exemplo, as cidades nordestinas terminaram por se inserir na geografia do turismo sexual internacional.

Palavras chave: turismo, turismo sexual, prostituição, desigualdade socioespacial, Nordeste.

ABSTRACT

RAMOS, Ana Carolina. 2018. Development and consolidation of sexual tourism in Northeast Brazil: convergent factors. 175 f. Dissertation (master degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

Tourism is a social and economic phenomenon that provides the reproduction of capital through the use and appropriation of space, for it is through the consumption of a place that touristic activities are consolidated. The commodification of the place is part of the process of reproduction of capital, and thus places are resignified. For this research, it was sought to understand how does sex tourism develops and consolidates in the Northeast of Brazil. Generally, sex tourism has found a broad space for its development within the countries on the periphery of capitalism, in which travelers from developed countries seek to find an attractive sex market. In this case, this research addresses sex tourism as a concept, defined by a trip motivated by the search for sex. Our particular study aims to understand how and why the Brazilian Northeast has become a *locus* for this type of tourism. Sex tourism has been developing by the correlation of several factors regarding socio-economic, historical and cultural order. In this research, it was sought to address each of these factors, in order to find a point of convergence that might lead us to the reason why Brazilian Northeast has been included in the geography of sex tourism. From the early 90's, in the northeastern region, some cities had began to receive financial incentives for the further development of a tourism known as "sun and beach". By that moment, policies and plans had structured tourism market in that area, through providing those cities greater investments in infrastructure, in order to increase their touristic potential. As consequence, the segment of the sex tourism had simultaneously began to grow within those cities. In a less structured way than what is seen in Thai cities, Northeastern cities, as a matter of fact, ended up being a part of international sex tourism geography.

Keywords: *tourism, sex tourism, prostitution, socio-spatial inequality, Brazilian Northeast.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Fatores convergentes na produção de destinos de turismo sexual.....	49
Figura 1.2 – <i>Folder</i> da Embratur de 1977.....	59
Figura 1.3 – <i>Folder</i> da Embratur da década de 1983.....	59
Figura 1.4 – <i>Folder</i> da Embratur da década de 1988.....	60
Figura 1.5 – <i>Folder</i> da Embratur de 1999-2002.....	62
Figura 1.6 – <i>Folder</i> da Embratur de 1999-2002.....	62
Figura 1.7 – Inserção do Brasil nas rotas internacionais do turismo sexual.....	66
Figura 2.1 – Esperança de vida ao nascer - Municípios brasileiros de 1980 a 2010.....	82
Figura 2.2 – Mortalidade infantil - Municípios brasileiros de 1980 a 2010.....	83
Figura 2.3 – Percentual do PIB <i>per capita</i> – Brasil de 1970 a 2010.....	85
Figura 2.4 – Percentual de pobreza – Brasil de 1970 a 2010.....	86
Figura 2.5 – População com acesso à rede geral de energia elétrica – Brasil de 1970 a 2010.....	88
Figura 2.6 – População com acesso à rede de água – Brasil de 1970 a 2010.....	90
Figura 2.7 – População com acesso à rede geral de esgoto – Brasil de 1970 a 2010.....	91
Figura 3.1 – Áreas definidas como prioritárias para a atuação da fase I do Prodetur-NE	102
Figura 4.1 – Bordel no Red Light District em Amsterdã.....	129
Figura 4.2 – Cartaz expondo o “Código de Conduta Ética do Nordeste” que criminaliza a exploração sexual infanto-juvenil.....	136
Figura 4.3 – Cartaz apoiado pela Embratur contra a exploração sexual infanto-juvenil.....	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 – Porcentagem do valor contratado por entes participantes – Prodetur/NE I	107
Gráfico 4.1 – Valores aplicados por cada componente pelo Prodetur	143
Gráfico 4.2 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para os aeroportos de Salvador, Natal, Fortaleza e Recife nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.....	145
Gráfico 4.3 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2006 a 2010	147
Gráfico 4.4 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Centro-Leste de 2006 a 2010	147
Gráfico 4.5 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2010 a 2017	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Índices socioeconômicos de alguns países de destino e receptores do turista sexual.....	46
Tabela 1.2 – Motivos para conhecer o Brasil, 2001	54
Tabela 1.3 – Principal motivação de viagem a lazer ao Brasil – 2013 a 2017	55
Tabela 3.1 – Distribuição dos recursos do Prodetur-NE	105
Tabela 3.2 – Prodetur/NE fase I – Valores aplicados por componente e fonte (US\$ milhões)	106
Tabela 3.3 – Prodetur/NE fase II – Investimentos em cada estado de acordo com a fonte de financiamento	108
Tabela 4.1 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Salvador nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.....	143
Tabela 4.2 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Recife nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.....	144
Tabela 4.3 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Fortaleza nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.....	144
Tabela 4.4 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Natal nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.....	144
Tabela 4.5 – Movimento anual de passageiros (Embarques + Desembarques) para a região Nordeste de 2006 a 2010.....	146
Tabela 4.6 – Movimento anual de passageiros (Embarques + Desembarques) para a região Centro-Leste de 2006 a 2010.....	146
Tabela 4.7 – Movimento anual de passageiros (Embarques + Desembarques) para a região Nordeste de 2010 a 2017.....	148

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.1 – Países de origem e de destino de turistas sexuais.....	31
Mapa 3.1 – Abrangência do Prodetur/NE I e Prodetur/NE II nos estados nordestinos.....	109
Mapa 3.2 – Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado do Ceará	114
Mapa 3.3 – Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado do Rio Grande do Norte.....	117
Mapa 3.4 – Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado de Pernambuco ..	119
Mapa 3.5 – Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado da Bahia	121
Mapa 4.1 – Principais cidades destinos de turismo sexual no Brasil.....	138

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIH: Associação Brasileira da Indústria de Hotéis

ANAC: Agência Nacional de Aviação Civil

BA: Bahia

BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNB: Banco do Nordeste do Brasil

CE: Ceará

CEPAL: A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CEM: Centro de Estudos da Metrópole

CNT: Confederação Nacional do Transporte

CNTur: Conselho Nacional de Turismo

EMBRAER: Empresa Brasileira de Aeronáutica S/A

Embratur: Instituto Brasileiro de Turismo

EMPETUR: Empresa de Turismo de Pernambuco

FIPE: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

HOTRAN: Horário de Transporte Aéreo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

Infraero: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPETURIS: Instituto de Pesquisas, Estudos e Capacitação em Turismo

MA: Maranhão

MME: Ministério de Minas e Energia

MTur: Ministério do Turismo

NE: Nordeste

WTTC: The World Travel & Tourism Council

OMC: Organização Mundial do Turismo

OMT: Organização Mundial do Turismo

ONG: Organização Não Governamental

PE: Pernambuco

PDITS: Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

PIB: Produto Interno Bruto

PIB *per capita*: Produto Interno Bruto por Pessoa

Plantur: Plano Nacional de Turismo

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Prodetur- NE: Programa de Desenvolvimento de Turismo no Nordeste

Prot.: Proteção

RE: Recife

Recup.: Recuperação

RN: Rio Grande do Norte

SE: Sergipe

SETUR: Secretária de Turismo

Sudene: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução.....	19
1. Turismo sexual – reflexões introdutórias.....	32
1.1. Rotas do turismo sexual no mundo.....	40
1.2. Destinos de turismo sexual – em busca de uma caracterização.....	44
1.3. A inserção do Brasil nas rotas do turismo sexual internacional.....	50
2. O Nordeste no contexto da formação espacial brasileira.....	67
2.1. A formação da região Nordeste do Brasil.....	71
2.2. Análise socioeconômica da região Nordeste no Brasil contemporâneo.....	79
3. O turismo como estratégia de desenvolvimento.....	93
3.1. Megaprojetos turísticos e Prodetur-NE.....	96
3.2. Os planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS.....	113
4. Turismo sexual – apontamentos complementares.....	124
4.1. Acerca do crescimento do turismo internacional.....	124
4.2. O turismo sexual no contexto do mercado contemporâneo do sexo.....	129
4.3. O turismo sexual como negócio.....	142
Considerações Finais.....	155
Referências Bibliográficas.....	160

Introdução

Na presente dissertação buscaremos elucidar as causas do desenvolvimento do turismo sexual no Nordeste brasileiro. Os fatores que levaram essa prática a se desenvolver no Nordeste são complexos, e no decorrer desta pesquisa nos fizeram diferenciá-la da prostituição – tal distinção no início da pesquisa não estava clara. Inicialmente considerávamos que as duas práticas eram intrinsicamente a mesma coisa, fato esse que se provou errôneo no decorrer da pesquisa.

Ao nos propormos estudar o turismo sexual necessitamos contextualizá-lo no período histórico em que vivemos. Para nós o turismo sexual é uma prática que vem se desenvolvendo recentemente, ou seja, distintamente da prostituição que é considerada uma atividade bastante antiga.

Com a globalização e o desenvolvimento maior da atividade turística novos segmentos foram se consolidando. Atualmente, como apontou diversos autores, existe um nicho de pessoas que buscam por destinos turísticos que se revelam mais autênticos, onde é desejado o contato com novas experiências diferentes do cotidiano de quem viaja (KEMPADOO, 1999; MULLINGS, 1999).

Para Mullings (1999) alguns turistas desejam encontrar em suas viagens não só novas paisagens, mas também querem experimentar formas hedonistas de lazer e turismo. Neste caso, pode-se dizer que há o desejo pelo consumo de experiências genuínas que o viajante não encontrará em seu país de origem.

A mercantilização do espaço, que se tornou associado a muitas das formas de turismo contemporâneo, é frequentemente estendida às mulheres e homens que habitam as referidas paisagens. Enquanto muitos turistas viajam para experimentar praias paradisíacas, sol consistente e o prazer de encontrar pessoas de diferentes culturas, alguns também buscam a oportunidade de engendrar formas hedonísticas de consumo, às quais não teriam acesso em suas casas (MULLINGS, 1999: 71)¹

No continente americano o turismo sexual assume a particularidade de envolver um mercado de afetos que vai além da atividade sexual, o que normalmente se relaciona à atividade da prostituição. Em países do Caribe e no Nordeste do Brasil o turismo sexual

¹ Citação original: The commodification of place that has become associated with many of the contemporary forms of tourism is often extended to the women and men who inhabit those landscapes. While many tourists travel to experience wonderful beaches, reliable sun, and the pleasure of meeting people from different cultures, some also seek the opportunity to engage in forms of hedonistic consumption that they could not have at home.

relaciona-se, principalmente, ao envolvimento entre homens e mulheres², não se restringindo apenas ao sexo e se conectando a uma linha de afetos e a envolvimento emocional (PISCITELLI, 2004). No entanto essa particularidade não exclui a existência de turistas que buscam apenas manter relações sexuais sem nenhum grau de envolvimento afetivo.

Quando consideramos que a prostituição e o turismo sexual se diferem conceitualmente, temos clareza que existe um ponto de intersecção entre as duas práticas. Em nossa visão, é a mercantilização do corpo e do afeto o que torna práticas como essas não só viáveis na sociedade atual como também rentáveis para o capitalismo - vide o caso da Tailândia e da Filipinas que recebem muitos visitantes homens devido à sua já conhecida fama de “paraíso” da prostituição.

Kempadoo (1999) trata o fenômeno do turismo sexual como uma prática do mundo globalizado e dos movimentos culturais, pois existe um intercâmbio que desperta curiosidade e atração dos países do Norte para com os países do Sul, porém no caso essas relações são marcadas pela inferioridade. As fantasias e desejos dos europeus com mulheres de países em desenvolvimento envolve a sexualização das mulheres “mulatas” e negras consideradas exóticas e primitivas. Esse processo se inicia no período colonial, porém com a contemporaneidade o fluxo de intercâmbio de pessoas e de culturas torna-se maior, a facilidade de viajar para outros países e se “aventurar” por uma cultura considerada exótica é mais factível.

Devemos também salientar que, com a *internet*, a troca de informações sobre os lugares e destinos turísticos está cada vez maior. Hoje, existem *sites* que oferecem dicas e ajudas para esses viajantes que buscam o mercado sexual em países do Sul.

Mullings (1999) acentua que é na *internet* que se ratifica a desigualdade e a relação de poder entre países do Norte e países do Sul, pois a transmissão de informações que é difundida pelos *sites* de turismo permite que lugares que estavam fora do mapa do turismo sexual figurem em evidência para o mercado do sexo. Na *internet* serão produzidas informações sobre os lugares e as pessoas que ali moram de modo descontrolado. Esses discursos produzidos a respeito das pessoas e dos lugares representarão poderosos meios de transmissão de informação. Como esses *sites* e empresas, no geral, são controlados por pessoas de países economicamente mais desenvolvidos, ali difundem-se ideias e informações

² Nesta dissertação estudaremos o turismo sexual realizado por homens em busca de mulheres, que é o que mais recorrente na região Nordeste do Brasil. Sabemos que existem outros tipos de turismo sexual como o homossexual e o de mulheres que se deslocam em busca de homens, no entanto nosso foco é abordar o turismo sexual heterossexual masculino localizado nas cidades litorâneas do Nordeste brasileiro.

sobre países economicamente menos desenvolvidos sem que se possa ter o controle das informações transmitidas (TRUNG 1996, *apud* MULLINGS, 1999).

Mullings (1999) relaciona o aumento do turismo sexual com a globalização. Para a autora a demanda do turismo sexual cresceu, principalmente pessoas que buscavam viajar para consumir serviços sexuais com homens ou mulheres em lugares “exóticos” onde as pessoas locais também são tratadas como exóticas. Nessas viagens o turista busca a maior autenticidade com o lugar e busca experiências únicas, muitas vezes o sexo com pessoas locais revela-se com essa experiência. Neste caso percebe-se a clara objetivação do outro e do desejo.

Entendemos que não podemos isolar o mercado sexual da economia global, pois este representa uma importante fonte de renda para os países envolvidos e abarca, também, o intercâmbio cultural; no entanto, conjuntamente a isso o turismo sexual, mesmo quando não confundido com prostituição, contribuiu para consolidar o machismo presente na sociedade há décadas (KEMPADOO, 1999).

No caso brasileiro, apesar de o turismo sexual ter se desenvolvido concomitantemente com a prostituição, o primeiro carrega a particularidade de possuir relações afetivas mais profundas do que a prostituição. Os homens que se deslocam para o Nordeste brasileiro não acreditam estar sendo consumidores de prostituição, no mesmo caso, as mulheres que também, em grande parte das vezes, não se consideram prostitutas (PISCITELLI, 2004; 2004a). O fato de que a prostituição as relações são mais neutras e não envolverem o pagamento direto dissocia essa atividade do turismo sexual, onde o pagamento nem sempre é explícito.

Em nossa análise, a sociedade passa por um momento em que o corpo e parte das relações afetivas ligadas a ele encontram-se mercantilizadas. Apesar de considerarmos que ao longo da história a prostituição possa ter obtido diversos significados, como acentua Kempadoo (1999), é possível dizer que com o avanço do capitalismo sobre todas as esferas da vida cotidiana, o desejo e o prazer estão cada vez mais ligados a uma lógica mercantilizada.

No caso do turismo sexual, essa linha é mais tênue, uma vez que é mais comum existir um envolvimento emocional; no entanto, não se pode negar que ainda que exista uma relação afetiva entre as pessoas envolvidas, esta é mediada por alguma forma de pagamento, seja o dinheiro diretamente ou a “ajuda”³ fornecida pelos homens para as mulheres. A relação não é

³ Para Piscitelli (2004; 2011) a noção de ajuda está ligada a uma prática assistencialista que nem sempre o dinheiro é ofertado diretamente e que se dissocia a troca monetária de um programa. A ajuda implicaria em uma

igualitária dentro do turismo sexual e se assenta em uma diferenciação de classe, de gênero e raça.

Ao analisarmos a prostituição sabemos que esta não é fenômeno recente na história da humanidade e seu surgimento não remete ao surgimento do modo capitalista de produção, porém, cabe ressaltar que esse sistema converteu o corpo também em um objeto de consumo, assim como qualquer outro. A prostituição se insere, assim, como outras atividades, na escala comercial muito bem estruturada por agenciadores, pelos quais o produto, especialmente o corpo feminino, passa a ser ofertado como mercadoria. As relações pessoais são reduzidas a contratos monetários e se isto não se iniciou no sistema capitalista, foi potencializado pelo mesmo, já que a desigualdade do sistema colabora para que existam relações desiguais de raça, de renda e de gênero.

Para Simmel (1993), na sociedade burguesa, o machismo e o sistema patriarcal corroboram para que as mulheres sejam as que mais se prostituem, pois, para manter o *status* da “boa família”, a prostituição é aceita como válvula escapatória para os homens satisfazerem todos os seus desejos – os que não podem ser realizados com suas esposas. Para o autor, a necessidade de manter os padrões morais da família faz com que a prostituição não seja uma transgressão da ordem na sociedade burguesa, mas sim o que a mantém funcionando com perfeição. Complementando esta análise, acreditamos que além do padrão moral está concomitantemente relacionado o padrão racial nas relações do mercado sexual, assim como acentua Kempadoo (1999).

Por outro lado, a prostituição feminina, no capitalismo, é a solução para a classe “marginalizada” da sociedade (devido à desigualdade intrínseca e/ou à falta de estudos), pois assim a mulher pode ser “melhor” inserida no sistema, o que torna a atividade a solução para muitas mulheres se sustentarem ou mesmo adentrarem no mundo do consumo; para os homens, é o modo pelo qual irão satisfazer suas fantasias, aproveitando-se de sua superioridade de renda, gênero e muitas vezes racial, como ressaltava Kempadoo (1999).

Quando tratamos da sociedade capitalista pautada pelo consumo, buscamos apoio na análise de Lefebvre (1991) para iluminar nosso pensamento, pois acreditamos que o turismo sexual e a prostituição sejam expressões da sociedade atual que torna o desejo/prazer mercadorias. Para Lefebvre (1991), a forma da mercadoria expandiu-se em todos os espaços

noção de afeto e o programa (normalmente relacionado a prostituição) a um contrato de serviço. Na ajuda o homem oferta uma quantia monetária que não é o principal recurso de sobrevivência das mulheres e sim uma complementação.

da vida cotidiana, tornando momentos do plano vivido envolvidos pela lógica do mercado. As relações sociais nesta forma passam a ser dirigidas pelo e para o mercado como meio de garantir a maior lucratividade do sistema capitalista.

O autor acentua que na sociedade contemporânea, marcada pela lógica do consumo, estamos consumindo símbolos e signos, ou seja, representações da vida, do desejo, do prazer e da satisfação, as quais orquestram nossa vida ditando o nosso modo de vida – a sociedade burocrática de consumo dirigido (LEFEBVRE, 1991).

Neste caso, a ideologia do *marketing* tem um papel importante, pois é através do simbolismo que as mercadorias ganham significado, estes que ultrapassam a própria mercadoria fazendo com que os mesmos pautem nossa vida cotidiana – a mercadoria ordena o sentido da vida.

No caso do desejo, o *marketing* tem o papel importante de suscitá-lo, criando um conjunto de signos e significados em que o objetivo é satisfazer e estimular o maior consumo “*A publicidade ganha a importância de uma ideologia. É a ideologia da mercadoria*” (LEFEBVRE, 1991: 117).

Neste sentido, o autor escreve que a estrutura social em que vivemos se constitui por álibis, ou seja, mecanismos que operam para garantir o “funcionamento” da sociedade. Para as mulheres estes álibis mostram-se de forma opressiva, seja pela pressão do consumismo ou até mesmo por se tornarem o próprio objeto de consumo.

Baudrillard (2011), por sua vez, considera o corpo a materialização de um objeto de consumo, pois é nele onde os signos de nossa sociedade são corporificados. O corpo nesse caso é um mapa de signos (BRETTON, 2002 *apud* NADAIS e SANTOS, 2012). O corpo marca nosso modo de vida, que depende intrinsecamente da sociedade na qual estamos inseridos. Como atualmente estamos marcados pelo consumo, o corpo é um dos meios pelo qual as mercadorias são ofertadas, contudo ele também se torna mercadoria, ou seja, é um instrumento potencializador e também potencializado pelo consumo (NADAIS e SANTOS, 2012). No caso do corpo feminino, é possível perceber o quanto este é uma mercadoria potencializada pela sociedade, pois a oferta de objetos utilizando-se do corpo feminino como instrumento para o consumo é dada em larga escala.

Pensando para além da prostituição e do turismo sexual, é fato o quanto na sociedade capitalista o corpo da mulher é uma ferramenta para potencializar o consumo, confundindo-se ora o próprio instrumento com a mercadoria em si. Na sociedade capitalista, para além da prostituição e do turismo sexual, a figura feminina é constantemente mercantilizada. A

objetificação do corpo feminino está marcada em todas as esferas da vida. Ao pensarmos na publicidade e na venda de certos produtos, o corpo feminino é constantemente relacionado a uma mercadoria. Propagandas de produtos para o público feminino e masculino são transmitidos através do corpo feminino, o que acaba tornando-o parte do processo de mercantilização. O desejo instigado pelas propagandas é de que o consumidor possa consumir tudo que é exibido, sendo neste caso o corpo da mulher objetificado por completo.

Nesse sentido pensamos que não apenas a prostituição e o turismo sexual tornam as mulheres passíveis de serem tratadas como produtos, mas a própria constituição machista da sociedade capitalista reduz as mulheres ao papel de mercadoria:

As mulheres têm álibis, elas são um álibi. E se queixam. De quê? Dos homens, da condição humana da vida, dos deuses e de Deus. Elas passam ao largo. São ao mesmo tempo sujeitos na cotidianidade e vítimas da vida cotidiana, portando objetos, álibis (a beleza, a feminilidade, a moda e etc.) e é a elas que os álibis maltratam. São igualmente compradoras e consumidoras de mercadorias e símbolos da mercadoria (na publicidade: o nu e o sorriso) (Lefebvre, 1991: 83).

O mercado do turismo sexual e da prostituição também está ligado ao desejo e ao poder sobre o outro. No mundo contemporâneo, marcado pela mercantilização das relações, o desejo e o prazer também podem ser comprados por meio da prostituição. Não somente, portanto, pela questão do prazer, mas sim também pelo prazer de consumir e ter poder sobre o outro, que neste caso é possível devido à comercialização do sexo.

Para Nadais e Santos (2012), o mercado sexual está intrinsecamente ligado ao poder que uma pessoa tem em relação a outra; esse poder se manifesta principalmente de forma econômica, racial e de gênero. No mercado sexual, o jogo de poder que os homens brancos de países Ocidentais possuem perante as mulheres negras de países pobres pode ser algo instigante e despertar desejo pelo diferente.

O turismo sexual não se trataria apenas de uma simples troca monetária, inserindo-se no âmbito da comercialização não apenas do sexo, mas também de relações íntimas e afetos, ultrapassando assim a relação meramente financeira, conhecida na prostituição (PISCITELLI, 2011). Tanto as mulheres quanto os homens envolvidos no turismo sexual participam de um “mercado de afetos”, pois apesar da relação estabelecida ultrapassar a barreira monetária ela não a exclui.

No caso do Nordeste, os envolvidos com o turismo sexual querem, muitas vezes, camuflar certa “normalidade” da relação vivida; os homens passam a ser os namorados das garotas de programa e vice-versa. O contrato monetário, como já exposto, está presente, mas

assume diversas formas, como troca de presentes, passeios e até mesmo possibilidades de viagens futuras para o país de origem do turista. A relação é mais complexa que na prostituição que apenas, no geral, existe a troca de sexo por dinheiro. No turismo sexual, a troca de afetos está presente para simular uma relação afetiva normalmente conhecida. Estes rearranjos podem então ser vistos como a concretização de um pensamento mercantilista das relações vividas. Não se exclui a possibilidade de existência de afeto de verdade, porém este é permeado pela dimensão comercial e pela relação de poder dos homens, detentores do poder monetário, sobre as mulheres que estão ali sendo, de certa forma, também consumidas como mercadorias.

Cabe pensar se em nossa sociedade as relações sociais estão cada vez mais permeadas por uma lógica comercial, gerando um amplo mercado envolvendo o sexo, o afeto e o desejo, ou seja, a lógica do consumo invadiu o aspecto íntimo da vida privada.

Em nossa pesquisa ratificamos que a existência do mercado do turismo sexual não ocorre de modo randômico em qualquer lugar do mundo e certamente não afetará igualmente homens e mulheres.

Nosso objetivo é de buscar entender e analisar porque a região Nordeste do Brasil, mais especificamente, as áreas litorâneas, se tornaram rota do turismo sexual. Neste percurso analisaremos os fatores sociais, históricos e econômicos que colocaram a região Nordeste no mapa do turismo sexual no mundo. Com isso buscamos entender, por meio de dados qualitativos, como esses fatores agiram e agem simultaneamente determinando que alguns países e regiões tornem-se rota do turismo sexual. A ausência de dados quantitativos ligados ao turismo sexual, principalmente no que tange ao Brasil, fez com que optássemos pela abordagem qualitativa nos embasando em leituras de estudiosos acerca do tema e também por outras fontes como jornais e revistas.

Uma parte da nossa pesquisa buscou entender porque não apenas as questões ligadas à economia desempenham um papel importante para tornar um país ou região rota do turismo sexual. Como constata Piscitelli (2005), em alguns lugares do mundo, também pobres da economia capitalista, não ocorre o desenvolvimento de turismo sexual, no entanto outros sim. Essa questão é importante para nós, pois possibilitou analisarmos outros fatores para além da questão econômica como causas constituintes das rotas do turismo sexual. Entendemos que a questões históricas, de gênero e racial irão se comportar como fundamentais para consolidar as rotas do turismo sexual.

Partimos do método dialético para entender como diferentes fatores se comportaram para consolidar alguns lugares do mundo como destino e outros origem de turistas sexuais. Em nosso percurso metodológico não buscamos verdades consolidadas, mas entender como os fatores que buscamos estudar se comportam de modo contraditório, porém complementar nos países do Norte e nos países do Sul do sistema capitalista.

Nossa abordagem parte do pressuposto de que não será randômico o desenvolvimento do turismo sexual em alguns lugares do mundo, e sim parte do desenvolvimento socioeconômico distinto dos países no sistema capitalista.

O fator racial e de gênero também são importantes pontos em nossa análise, uma vez que o desenvolvimento de nossa sociedade consolidou diferenças históricas entre homens e mulheres em uma sociedade patriarcal e machista. No mercado sexual as mulheres possuem maior inserção como trabalhadoras deste segmento, por outro lado, os principais consumidores são homens. Existe também uma diferença de renda importante entre esses atores, o que determina uma posição de poder dos homens perante as mulheres. Os principais destinos de turismo sexual do mundo são onde homens podem reafirmar seu poder econômico e de gênero perante as mulheres locais.

A noção de dependência econômica é intrínseca a essas relações, determinando uma relação desigual. Por outro lado, entendemos que não podemos atribuir a responsabilidade pela existência do turismo sexual aos homens que são seus consumidores. O mercado do sexo é amplo, envolve diversos atores e, no geral, homens e mulheres que atuam como consumidores e fornecedores do serviço sexual não são responsáveis pela criação das rotas.

Sabe-se que a existência do turismo sexual cria um lucrativo mercado onde os principais atores que lucram com este segmento não são os homens de países desenvolvidos, estes muitas vezes trabalhadores da classe média em seus países de origem, que buscam passar suas férias em países tropicais e desfrutar dos atrativos que estes países têm a oferecer. Muito longe de serem os responsáveis pela ocorrência do turismo sexual, os homens também são direcionados para países tropicais devido à forte imagem criada por meio do *marketing* pelo mercado do turismo. A imagem construída cria um imaginário sobre esses países tropicais que carrega um forte simbolismo, como, por exemplo, o de “paraísos tropicais” repletos de prazeres e diversões. Sendo assim, faz-se necessário demarcar que sequer a escolha do lugar como destino de turismo, envolvendo os diferentes segmentos da atividade, é uma escolha libertaria, posto que condicionada pelo mercado turístico mundial.

Além disso, as questões raciais e culturais possuem um peso considerável quando tratamos do mercado do sexo. Apesar de diferenciarmos a prostituição do turismo sexual, sabemos que a origem do mercado sexual está relacionada com a primeira prática. Como será abordado, desde o período colonial mulheres negras serão o principal grupo racial que se prostituiu nas colônias americanas. Muitas eram colocadas no mercado da prostituição por seus senhores e posteriormente à abolição da escravidão essas mulheres continuaram sendo sexualizadas e erotizadas pelos homens (principalmente brancos) (KEMPADOO, 1999).

O corpo da mulher negra historicamente será erotizado e sexualizado como um instrumento de prazer e desejo; contudo, do ponto de vista moral, será inferiorizado perante as mulheres brancas. Para Hooks (HOOKS, 1992 *apud* MULLINGS 1999), o corpo negro é direto e indiretamente consumido, desde o período colonial se encontra mercantilizado. A exotização das mulheres negras para a autora trata-se de “mercantilização do outro”, ou seja, fascínio e desejo por uma cultura distinta da cultura dominante branca e ocidental.

No caso do continente americano a mulher “mulata”⁴ será ainda mais exotizada, por considerar que a mistura racial era ainda mais erótica. Homens e mulheres nativos serão considerados extremamente sexualizados, o que despertaria um interesse e desejo principalmente por pessoas de países economicamente mais desenvolvidos (PISCITELLI, 2004).

No que tange ao recorte espacial, empreendemos o uso de uma abordagem regional sobre as causas do desenvolvimento do turismo sexual e adotamos em nossa abordagem a região Nordeste definida pelo IBGE como estudo de caso. Importante ressaltar, entretanto, que as espacialidades produzidas pelo turismo sexual no Nordeste compõem uma geografia própria, pois na prática o mesmo não está presente em toda a região, restringindo-se apenas a algumas porções do território. Em nossos estudos percebemos que esta prática se espacializa principalmente nas cidades litorâneas do Nordeste e em pontos onde a atividade do turismo se encontra bem estruturada.

Em 2011, quando elaboramos nossa monografia, foi realizado o trabalho de campo para a região do Nordeste brasileiro, onde constatamos por meio de entrevistas e na averiguação em *locus* a existência do turismo sexual. Através do campo e das pesquisas realizadas chegamos a quatro principais cidades foco do turismo sexual no Nordeste do Brasil: Fortaleza, Natal, Recife e Salvador.

⁴ O termo “mulata” trata-se da mistura racial entre brancos e negros. É um termo empregado informalmente para designar a mistura racial.

Como o turismo sexual é um segmento cuja prática está ligada ao desenvolvimento da atividade turística, as cidades capturadas por esta prática são, em geral, capitais e seus entornos próximos, onde há infraestrutura urbana adequada, com uma ampla rede de serviços destinada ao turismo. De 2011 para cá, não há indícios de que essa geografia tenha se alterado, ou seja, as cidades citadas continuam inseridas nas rotas do turismo sexual no Nordeste do Brasil. Contudo, admitimos que desde 1990, quando a região Nordeste passou a se configurar como uma rota do turismo sexual, modificações podem ter ocorrido no que tange ao dimensionamento dos fluxos de turistas dirigidos à região a fim de praticar o turismo sexual. Mais uma vez ressaltamos, então, o fato de que a ausência de dados sobre esses fluxos impede uma análise precisa.

Em nossa abordagem qualitativa, a década de 1990 é apontada como o auge do turismo sexual no Brasil. Contudo, campanhas que desincentivavam esta prática (principalmente quando envolvia meninas e meninos menores de idade), teriam impactado o fluxo de turistas que se envolvem com o turismo sexual e a prostituição, conforme apontado por fontes jornalísticas. O que não se pode ignorar é o fato de que campanhas de coibição ao turismo sexual são importantes indicativos de que esta prática esteve presente de forma importante em cidades litorâneas do Nordeste desde os anos 1990.

Como se poderá ver adiante (páginas 138 e 139), já em 1997 o governo brasileiro, por meio da EMBRATUR, apoiou uma campanha nacional contra o turismo sexual no país e, em 2010, diferentes entidades se juntaram para criar um “Código de Conduta Ética do Nordeste”, corroborando a criminalização da exploração sexual infanto-juvenil.

Cabe aqui também ressaltar que o foco de nossa pesquisa é a região Nordeste do Brasil, porém sabemos da existência do turismo sexual em outras regiões do país. Além dessa, estamos cientes de que o turismo sexual no Brasil também não se limita ao realizado por homens heterossexuais.

Adotando estes pressupostos, nossa escolha por uma pesquisa de gabinete ao invés de uma pesquisa que tivesse o foco no trabalho de campo, foi uma escolha metodológica. Nesta pesquisa buscamos nos aprofundar nas causas sociais, econômicas e históricas que tornaram o Nordeste rota do turismo sexual. Neste caso, os aportes teóricos iluminam nosso objeto de estudo, mas estamos cientes de que ao adotar este caminho investigativo assumimos perdas que nos impedirão de esmiuçar as especificidades de cada lugar em relação ao turismo sexual.

Temos consciência, também, de que existem especificidades de como o turismo sexual se espacializa em cada região ou cidade e de que estas particularidades só poderiam ser

detalhadas aqui caso tivéssemos feito a escolha por realizar o trabalho de campo em cada uma das cidades citadas. Uma vez, todavia, que nosso foco é outro, deixamos de lado as especificidades de cada lugar e buscamos aprender o processo mais amplo do desenvolvimento de rotas do turismo sexual.

Todos os autores pesquisados e compilados nessa pesquisa contribuíram para iluminar direta ou indiretamente o processo dialético-metodológico que trilhamos para entender os motivos pelos quais a região Nordeste do Brasil tornou-se rota do turismo sexual mundial (vide o Mapa 1.1).

Assim nossa pesquisa estruturou-se a partir do seguinte problema: Quais fatores explicam a inserção do Nordeste brasileiro nas rotas internacionais do turismo sexual? E como cada possível fator contribuiu para produzir esse resultado?

Na busca por respostas a essas perguntas é que definimos o objetivo da investigação, ou seja, analisar criticamente diferentes fatores contribuintes para a inserção da região Nordeste do Brasil nas rotas internacionais do turismo sexual.

Como procedimentos metodológicos foram compiladas fontes bibliográficas e fontes secundárias buscando iluminar nosso objeto de pesquisa. Como não foi adotado nenhum estudo de caso específico não realizamos trabalho de campo para nenhuma cidade do Nordeste brasileiro. Vale a ressaltar, que anteriormente, durante o Trabalho de conclusão da Graduação, nossa pesquisa tinha tema e objetivo similar, e no período de 2011 foi realizado campo para duas cidades da região: Fortaleza (CE) e Natal (RN), uma experiência empírica que nutriu, em alguma medida, nossas reflexões atuais, em gabinete.

O levantamento bibliográfico primário envolveu uma vasta pesquisa nas áreas das ciências humanas ligadas ao turismo e ao turismo sexual. As fontes secundárias foram reportagens que mapeavam o turismo sexual no mundo apontando frequentemente alguns destinos como rotas do turismo sexual. Foram também analisados materiais de órgãos ligados ao Turismo e de programas de incentivo do turismo no Brasil.

A dissertação foi estruturada em quatro capítulos que buscam elucidar nosso problema de pesquisa, além da Introdução e das Considerações Finais.

O Capítulo 1 foi apresentado o conceito do turismo sexual e os fatores culturais e históricos que tornaram o Nordeste brasileiro foco desse segmento do turismo.

No Capítulo 2 foi abordado o fator econômico que tornou a região Nordeste periferia do capitalismo e como isto afetou o desenvolvimento social da população. Além disso também foram apresentados os planos turísticos que vislumbravam desenvolver a região.

Estes tinham como objetivo melhorar a inserção da região na economia nacional por meio do turismo.

No Capítulo 3 apresentamos o Prodetur-NE, o Programa de Desenvolvimento do Turismo para as cidades litorâneas nordestinas. Esse programa que foi estruturado em duas fases e, contribuiu para uma série de mudanças urbanas nas cidades do Nordeste que possuíam maior potencial turístico, assim contribuiu para alavancar esse setor na região. Nesse capítulo buscamos relacionar como o desenvolvimento do programa contribuiu para o aumento do fluxo turístico nas cidades contempladas pelos investimentos do programa.

No capítulo 4 abordamos o turismo sexual novamente, contudo focando como esse segmento vem se estruturando e se desenvolvendo nas cidades do Nordeste. Ainda buscamos analisar dados compilados referentes a infraestrutura aeroviárias, hoteleira e *sites da internet*, com o objetivo de entender como estes contribuíram para inserir o Nordeste na geografia do turismo sexual internacional.

Mapa 1.1 – Países de origem e de destino de turistas sexuais⁵

TURISMO SEXUAL: ORIGEM E DESTINO

Elaboração: DANTAS, S. Organização: RAMOS, A. C.

⁵ O mapa foi baseado em informações obtidas a partir de diferentes fontes consultadas ao longo da pesquisa, entre as quais estão autores, sites e matérias de jornais.

1. Turismo sexual – reflexões introdutórias

Como pontuado anteriormente, trataremos o turismo sexual, nesta pesquisa, como um conceito, o que traz a necessidade de diferenciar esta prática da prostituição normalmente conhecida. O que torna a prática do turismo sexual peculiar em relação à prostituição em sentido amplo reside no fato de que o turismo sexual envolve o deslocamento para um lugar, diferente do lugar de moradia de quem o pratica, em busca de sexo. Neste caso, o principal fator motivador da viagem será a busca pelo prazer sexual em alguns lugares, que por razões que pretendemos compreender, têm se destacado, mais que outros, na realização deste tipo de turismo.

Vale dizer que, no geral, são territórios de economias pouco desenvolvidas em que a população feminina e masculina acaba por prostituir-se como forma de obter seu sustento ou mesmo conseguir se inserir na sociedade de consumo.

No que tange à geografia do turismo sexual em escala planetária, reconhecemos a existência de qualidades ou características que contribuem para que um lugar torne-se parte da rota do turismo sexual. No geral, belezas naturais contribuem para que lugares sejam vistos como exóticos e paradisíacos, o que é considerado bastante atraente para a indústria do turismo. Assim, lugares abarcados pelas rotas do turismo sexual podem ser enquadrados como belos e com exuberantes paisagens naturais, como é o caso da Tailândia, e Filipinas, da América Central e do Brasil, com destaque para a região Nordeste.

Como pressuposto, entendemos que no modo de produção do capitalista cria espaços desiguais em seu desenvolvimento, os quais irão se inserir na economia mundial de maneira distinta. Regiões consideradas “periféricas” no sistema, como o Brasil e o Nordeste especificamente, participam da dinâmica econômica como fornecedores de matéria-prima e mão de obra barata. O Nordeste brasileiro, que foi considerado, durante séculos, uma região “problema” será alvo, a partir da segunda metade do século passado, de ações incisivas no contexto do planejamento regional brasileiro, voltadas à sua maior dinamização econômica; o fomento à atividade turística é parte desse projeto de Estado.

Assim, o turismo se camufla de um discurso extremamente positivo para o desenvolvimento da economia nordestina. A atividade turística, segundo esse discurso dominante, possibilitaria maior inserção da economia do Nordeste na renda nacional, geraria empregos e traria mais investimentos para a região.

Em 1990, com o fomento a programas voltados à melhoria da infraestrutura urbana, algumas cidades litorâneas nordestinas passaram a receber vultuosos investimentos. Assim, a indústria turística se consolidou nas capitais litorâneas do Nordeste e, apoiado nas características fisiográficas da região, o turismo “Sol e Praia” teve amplo desenvolvimento. Juntamente com o crescimento do turismo de massa cresceu também o turismo sexual.

Em relação às ilhas Caribenhas, o panorama geral não é muito distinto; o turismo passou a ganhar influência na economia desses países a partir de 1990. O turismo foi a solução encontrada para dinamizar a economia devido à crise de 1980 que provocou o empobrecimento e desemprego generalizado para a população. O setor turístico apoiado nas belezas naturais da região começou a se desenvolver, criando inúmeros empregos formais e informais. Homens e mulheres caribenhos começaram a se inserir nas atividades turísticas de diversas maneiras, e a prostituição foi uma delas, dado que no Caribe ocorre o turismo sexual também de mulheres de países economicamente mais desenvolvidos em busca de homens nativos.

Ressalte-se, porém, que não consideramos apenas os fatores econômicos e naturais como determinantes para o desenvolvimento do turismo sexual. Com base na análise feita por Kempadoo (1999), fatores histórico-culturais também têm um peso no desenvolvimento dessa prática. A autora revela como a dominação de gênero e a racial colaborou para que alguns lugares do mundo – no geral países em desenvolvimento – se tornassem focos do turismo sexual. Segunda a autora, a discussão sobre a constituição da prostituição perpassa pela discussão da divisão do trabalho e do poder na sociedade capitalista, uma vez que a atividade está interligada com controle e poder dos colonizadores a mulheres negras desde o século XVI.

Segundo o historiador Hilary Beckles (1989), de Barbados, citado por Kempadoo (1999), a prostituição esteve ligada, desde o período da escravidão, ao poder de dominação dos homens brancos sobre mulheres negras e mulatas. No período escravocrata, os senhores brancos além de explorarem as escravas negras com atividades domésticas, também as exploravam sexualmente, ou seja, não apenas os senhores possuíam domínio sobre o trabalho das escravas como também o direito de as prostituir.

Além disso, em períodos de recessão nos plantios, quando era esperada dos escravos, tanto homens quanto mulheres, a capacidade de sustentar-se ou de obter salários por fora das plantações, “o número de mulheres escravas alocadas no mercado urbano como prostitutas pelos senhores de engenho aumentaria rapidamente” e nos centros urbanos “senhores e senhoras (de escravos)

frequentemente enviavam escravas como prostitutas para as tripulações dos navios" (BECKLES 1989: 142-143 *apud* KEMPADOO, 1999: 05).⁶ (tradução nossa)

Apesar desse contexto, a autora ressalta que, por meio da prostituição, muitas escravas conseguiram estabelecer-se economicamente e comprar suas alforrias ou até mesmo em algumas ilhas do Caribe as escravas trocavam sexo por armas, conseguindo ajuda necessária para apoiar lutas pela independência ou fugas contra escravidão. Assim, desde o período colonial, a prostituição constituiu-se como uma atividade que ultrapassa a simples troca monetária ganhando inclusive uma conotação política.

Com o advento do fim da escravidão, a prostituição aumentou em muitas ex-colônias e principalmente realizadas por ex-escravas negras e pobres. O recorte racial e de classe é evidenciado aqui, pois até hoje, a prostituição atinge principalmente mulheres negras de regiões pobres da economia capitalista, segundo Kempadoo (1999).

Mullings (1999) também aborda a sexualização de mulheres negras no período da escravidão. Para a autora, desde o período colonial o corpo das mulheres negras foi sexualizado e consumido na forma de mercadoria. A escritora norte-americana Bell Hooks (1992), uma estudiosa das relações entre raça e gênero sob o capitalismo, citada por Mullings (1999) discorre que o corpo negro era mercantilizado por meio de uma exotização da mulher negra africana, o que a autora trata como "*commodification of the otherness*" (MULLINGS, 1999: 74) ou a mercantilização do outro. Para ela, no período colonial os homens brancos erotizavam o corpo e a sexualidade da mulher negra, no entanto esse processo não cessou no período colonial ocorrendo até os dias atuais. As agências e a indústria do turismo via *marketing* sexualizam o corpo da mulher negra como uma forma de despertar fantasias em relação ao mesmo.

Quando focamos nossos estudos na prostituição e no turismo sexual nos séculos XX e XXI notamos que até hoje essas práticas estão ligadas à erotização e sexualização das mulheres não brancas. A dominação racial e de gênero ainda mobiliza uma grande quantidade de homens, principalmente brancos, para países em desenvolvimento, o que para Kempadoo (1999) acaba estabelecendo uma relação de poder entre homens e mulheres envolvidos no turismo sexual. Neste caso, os homens afirmam sua "superioridade" econômica perante as

⁶ Citação original: Further more, in times of economic slumps on the plantations, when slaves, both men and women, were expected to provide for themselves or to bring in wages through work outside the plantation, "the number of slave women placed on the urban Market as prostitutes by sugar planters would rapidly increase" and in the towns, "*masters and mistresses would frequently send out female slaves as prostitutes for ships*" crew (BECKLES, 1989: 142-143 *apud* KEMPADOO, 1999: 05).

mulheres e esta relação permite a eles reafirmar sua masculinidade. Esta relação desigual não ocorre no próprio país de origem desses turistas, uma vez que as mulheres de países economicamente mais desenvolvidos possuem, no geral, maior independência econômica e mais direitos sociais adquiridos. Relações ligadas ao mercado do sexo permitem aos homens exercerem um papel de dominante nos países em desenvolvimento, enquanto que em seus próprios países de origem esta relação de dominação é diluída devido ao maior empoderamento feminino.

Convergindo para esta análise, Piscitelli (2004) argumenta que os clientes do turismo sexual não apenas buscam “sexo barato”, existindo uma erotização racial ligada a alguns países, o que colabora para a definição da geografia do turismo sexual. Ainda, segundo a autora, características assinaladas como a sensualidade, paciência, afeição, simpatia ou alegria das brasileiras são vistas como positivas para os estrangeiros, as mesmas características possuem um lado ambíguo, pois revelam que o que agrada aos estrangeiros seria a passividade e a submissão das nativas.

As relações dentro do turismo sexual são permeadas, portanto, por um imaginário ligado a códigos também comportamentais, fazendo com que não seja apenas uma simples troca monetária; em muitos casos, os clientes estrangeiros e as garotas de programa criam o imaginário de certa “normalidade” em seu envolvimento sexual, sendo estabelecidas relações afetivas que vão além do sexo e do dinheiro, porém sem excluir nenhum dos dois.

Piscitelli (2004) argumenta a respeito da diferença entre a prostituição e o turismo sexual. Para a autora, embora um não exclua o outro, no turismo sexual as relações estabelecidas podem ir além de um contrato monetário. A análise do desenvolvimento dessa prática em países do continente americano revela que existe uma distinção entre o turismo sexual praticado aqui e aquele relativo aos mercados estruturados do Sudeste Asiático.

Segundo Piscitelli (2015), o turismo sexual que se inicia na região Nordeste possui um modo quase “artesanal”, sem redes estruturadas ou um mercado do sexo fortemente agenciado. As particularidades do turismo sexual no Brasil e em alguns países do Caribe nos mostram que existem diferentes tipos de turismo sexual e que essas diferenças existem em relação aos contratos firmados, formas de pagamento e ao grau de envolvimento entre os sujeitos da ação.

O turismo sexual que se assemelha a países do Sudeste Asiático ocorre quando homens e mulheres viajam em busca de sexo com pessoas de outras etnias, cor, classe social, e que não buscam um envolvimento maior além do sexo.

No entanto, existem turistas sexuais que se envolvem para além do sexo, configurando relações afetivas que não passam apenas por um contrato monetário. Em relação ao turismo sexual que se configura no Caribe e no Nordeste brasileiro, Piscitelli (2004; 2011) analisa que essas configurações são particularidades do tipo de turismo sexual que ocorre no continente americano. Analisando os casos de turismo sexual em Fortaleza, a autora encontrou homens que não consideravam estarem sendo consumidores de prostituição. As mulheres tampouco se consideravam prostitutas, uma vez que essas possuíam um emprego formal ou informal, e saíam com os turistas como forma de complementar a renda por meio da “ajuda” ou até mesmo frequentarem lugares que exigiam um rendimento maior.

Em relação aos turistas que não acreditam serem consumidores de prostituição, muitos deles, ainda, creem que estão “ajudando” as garotas, por se tratarem na maioria das vezes de mulheres pobres. Nesse sentido, os homens criariam a visão de se encontrarem em certa “realidade suspensa” e que o comportamento que assumem nesses lugares é permitido. O fato de o mercado do turismo sexual no Nordeste não envolver apenas uma relação monetária – de troca de dinheiro por sexo – é o que cria esta visão “ludibriada” entre seus envolvidos.

Para Soares do Bem (2005), os homens que se utilizam da prostituição por meio do turismo sexual agem como uma espécie de “novos colonizadores”, pois acreditam estar ajudando as mulheres ligadas à prostituição a saírem da vida de carência a que estão submetidas – mesmo que por apenas algumas horas ou dias.

O sentimento de serem “reis” (Lehmann-Carpzov 1994, p. 140) por algumas semanas é que confere a muitos turistas a possibilidade da “gratificação narcísica”, que lhes dá o mesmo “privilegio” da apropriação sexual de mulheres vulneráveis compartilhado pelos antigos senhores de engenho (SOARES DO BEM, 2005: 84).

A relação do turismo sexual com a opressão racial e de gênero é claramente percebida, visto que os países emissores de turistas homens a fim de realizar o turismo sexual são países ricos, e os polos receptores desses turistas são as ex-colônias da América Latina, Sudeste e Leste Asiático ou alguns países da África. As mulheres nestes países são as principais atingidas pela desigualdade social desdobrada do processo colonizador, sendo até hoje atingidas pela falta de melhores oportunidades e assim sendo colocadas no mercado informal de trabalho como uma alternativa para sua inserção na sociedade de consumo. O turismo sexual termina, então, por ser uma forma de inserção social, mesmo que, contraditoriamente, em posição marginalizada: pela mesma sociedade que o cria.

A exclusão social manifesta-se não somente na subordinação desses grupos vulnerabilizados ao trabalho alienado e estigmatizado, nem somente na sua exposição física e sexual, mas também na esfera do lazer, na ausência de acesso

garantido a saúde, a educação e ao consumo. Esses grupos sentem na pele a situação de diferença a que estão expostos, por estarem situados na outra margem da sociedade, privados do exercício de uma sociedade plena, sem chances objetivas de participar, como beneficiários, das promessas de mobilidade social inscritas, de fato, como pura ideologia no centro da racionalidade capitalista (SOARES DO BEM, 2005: 85).

Dando um passo além dos motivos aqui já apresentados e explicados, trataremos do aspecto do imaginário criado em torno do turismo sexual. Não podemos dizer que o turismo sexual ocorre apenas por aspectos econômicos, já que se trata de uma prática e envolve diversos sentidos e significados.

No Nordeste brasileiro, a prostituição e o turismo sexual apresentam particularidades relativas ao imaginário criado dentro dessas relações, por exemplo, fazendo-se com que as mulheres encarem essa atividade como uma possível ascensão social, ou como aponta Benevides (1998), a “busca do príncipe encantado”, que traria a possibilidade de tirá-las da condição de pobreza e exploração em que se encontram.

Assim, considerando o grande peso que o turismo internacional desempenha nessa disseminação, a prostituição tende a ganhar algum terreno adicional no Brasil, sobretudo na região Nordeste, onde as condições generalizadas de pobreza e de desemprego, principalmente para mulheres não qualificadas profissionalmente, inter cruzam-se com as miragens de sedução oferecidas por turistas europeus. Estes de certo modo, encarnariam o arquétipo colonialista do estrangeiro como agente civilizador e, por isso mesmo, merecedor de hospitalidade, bons tratos e agrados (BENEVIDES, 1998: 146).

A viagem de estrangeiros para o Nordeste em busca envolvimento sexual leva muitas mulheres a firmarem contratos que vão além do sexo – o cliente, que em muitos casos deixa de ser “o cliente” e passa a ser “o namorado” – e passam para um rol de atividades, como guia turística, intérprete e acompanhante pelo período em que o turista permanecer na cidade. Muitas mulheres procuram “o príncipe encantado”, o homem que poderia tirá-la da vida de carências e sofrimentos gerados pela escassez material. Tais particularidades tornam o turismo sexual nas ilhas do Caribe e no Nordeste brasileiro distintos do mercado asiático.

Benevides (1998) utiliza-se do termo prostiturismo considerando que a prostituição é somente uma das atividades desempenhadas pelas garotas de programa, já que outras atividades estão envolvidas, como o oferecimento de serviços que, teoricamente, não seriam “função” da garota de programa.

[...] Nesse sentido, pode-se argumentar que o envolvimento de adolescentes com turistas estrangeiros é motivado por um sistema de carências relacionadas não apenas a uma posição social que não permitiria o atendimento de necessidades básicas, como alimentação e moradia. Mesmo que estas estejam satisfeitas, permanecem as carências de lazer – ou de um determinado lazer oferecido pela “indústria cultural” –, de afeto, de perspectivas de ascensão social, de consumo

sempre renovado de objetos e serviços. No universo social subalterno de mulheres são somente nordestinas, inclusive de classe média, o atendimento dessas carências está associado a um casamento com um homem de posição social “superior”, o que, portanto, não significa somente uma “estabilidade afetiva” (BENEVIDES, 1998: 149).

Recentes reportagens e trabalhos de ONG's que lutam pelo combate ao turismo sexual e o documentário “Cinderelas, Lobos e Um Príncipe Encantado” (ARAÚJO, 2009), apontam que mulheres que acabam por sair de seus países de origem e se deslocar para o país de seus clientes/esposos/namorados, continuam, muitas vezes, a ser exploradas, sofrendo abusos e preconceitos.

[...] Se o cliente se sente bem, afirmando “sua superioridade financeira, social e racial”, como diz o Dossiê⁷, “a menina” não é apenas uma vítima passiva das supostas condições de miséria material e moral em que vive uma vez que “sair com gringos” que irá retirá-la da mesmice de sua existência periférica. E enquanto não se realiza o sonho de uma relação duradoura que lhe traga um passaporte para o exterior, pelo menos momentaneamente ela pode sair da periferia e comer de graça nos restaurantes da orla litorânea, frequentar hotéis de padrão internacional, dançar nos forrós e nas discotecas, assistir a *shows* e cinemas, comprar artigos da moda nos *shoppings centers*, enfim, ser introduzida nas práticas de consumo e de lazer do mundo globalizado (BENEVIDES, 1998: 148).

A ilusão alimentada pelo turismo sexual tornou-se algo comum no litoral do Nordeste brasileiro, uma vez que o turismo vem crescendo na região com a chegada de turistas estrangeiros que despertam, nessas mulheres pobres, o sonho de sair de uma vida de privações (não apenas de carências básicas).

Destacamos que o envolvimento maior no caso de mulheres e homens no turismo sexual no Brasil pode resultar em casamentos ou até em relacionamentos mais duradouros, contudo eles perpassam uma diferenciação racial, de renda e de gênero. Mesmo em casos bem-sucedidos existe uma relação de poder do homem branco em relação às mulheres na maioria negras e “mulatas”. Esses homens afirmam seu poder econômico perante essas mulheres o que configura uma relação desigual e marcada pela hegemonia masculina.

Tanto no caso do turismo sexual no Nordeste do Brasil como no Caribe, encontramos aspectos como a ultrasexualização da população nativa, o que desperta os desejos dos turistas (homens e mulheres) dos países desenvolvidos. Kempadoo (1999) afirma que a questão da libido ligada a esses lugares constrói a imagem de “lugares do prazer” onde os turistas poderão saciar seus desejos.

⁷ Dossiê Suíça – Pesquisa realizada pelo Centro de Informação para a Mulher (FIZ, 1994), organização não governamental sediada em Zurique, que trata de auxiliar e prestar assistência a mulheres de países em desenvolvimento que vão para o país e acabam por sofrendo violência e exploração sexual.

Apesar das inúmeras formas de relações afetivas e sexuais que o turismo sexual promove, a questão do poder racial e de gênero (no caso do turismo sexual praticado por homens), reafirma padrões machistas e patriarcais arraigados na sociedade. Os homens nesse caso, reafirmam sua masculinidade perante as mulheres por meio de seu poder econômico. Como já acentuamos, agem desta forma nos países economicamente menos desenvolvidos, pois em seus países de origem não conseguem fazê-lo devido a maior independência financeira da mulher em países desenvolvidos.

Além disso, essas relações reafirmam o privilégio cultural e racial de países do Norte perante a países do Sul, no caso, a imaginação construída serve para ultrassexualizar a população de países em desenvolvimento. A mercantilização do corpo e o imaginário criado em torno da sexualidade de pessoas negras e “mulatas” serve para satisfazer as fantasias e desejos de turistas oriundos de países do Norte.

Feitas tais ponderações, buscamos tratar a prostituição e o turismo sexual não somente como frutos de uma escolha pessoal, mas sim também como decorrente de um processo socioeconômico, histórico e cultural. A mercantilização do corpo em todos os aspectos garante a dinamização e diversificação da economia capitalista. Neste caso, o corpo não é apenas a força de trabalho, mas é a própria “corporificação” do instrumento, o meio pelo qual as mulheres (e homens) se utilizam para conseguirem se sustentar ou mesmo para conseguirem entrar no mundo do consumo capitalista.

1.1. Rotas do turismo sexual no mundo

Quando buscamos uma definição para turismo sexual segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) encontramos “viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele, mas usando suas estruturas e redes, com o objetivo principal de obter relações sexuais comerciais pelo turista com os residentes do destino”⁸. Como se pode notar, esta definição assemelha o turismo sexual à prostituição, desconsiderando as particularidades da atividade.

Diversos pesquisadores têm discutido a definição de turismo sexual, principalmente quando se trata de regiões como o Nordeste brasileiro, onde o turismo sexual não ocorre de maneira tão organizada como em países asiáticos, assemelhando-se a um modo “quase artesanal” (PISCITELLI, 2015).

Como colocado anteriormente, o envolvimento de turistas e garotas nativas está permeado por relações que vão além do acordo monetário, o que dificulta o enquadramento desta atividade como sinônimo de prostituição.

A busca por viagens organizadas onde o destino final seriam países tropicais, no qual um dos atrativos, senão o principal, era o mercado sexual passou a ocorrer de forma mais massiva a partir da década de 1950 nos países do Sul Asiático - Tailândia, Coreia do Sul e as Filipinas. Naquele momento o turismo sexual começou a se organizar e nesses países de modo mais intenso, estruturando redes de hotéis, cabarés, casas de massagens e bordeis a fim de atender a nova demanda de turistas que almejavam serviços sexuais.

No caso da Tailândia, durante a guerra da Coreia, Indochina e Vietnã, o turismo sexual começou a estruturar-se principalmente devido à busca de soldados estadunidenses pelo mercado sexual. Após a guerra, a infraestrutura turística do país começou a especializar-se para atender a uma cada vez maior demanda, conforme analisado por Cynthia Enloe (1989), escritora e teórica feminista norte-americana, citada por PISCITELLI (2015). O leste e sudeste da Ásia começaram a se destacar como um mercado sexual, principalmente voltado para homens, no qual as mulheres asiáticas eram representadas como uma mercadoria erótica, promiscua e passiva, e isso despertaria os desejos de homens oriundos de países do Norte (MULLINGS, 1999). Atualmente, a Tailândia é uma das principais rotas do turismo sexual no

⁸ “trips organized from within the tourism sector, or from outside this sector but using its structures and networks, with the primary purpose of effecting a commercial sexual relationship by the tourist with residents at the destination”. UNWTO Statement on the Prevention of Organized Sex Tourism, Resolution A/RES/338 (XI), Adopted by the General Assembly of the World Tourism Organization at its eleventh session ¹¹_{SEP} Cairo, Egypt, 17-22 October 1995, <http://ethics.unwto.org/en/content/statements-policy-documents-child-protection>. Consultado em janeiro de 2018.

mundo possuindo uma vasta rede de comercio relacionados a práticas sexuais em sua capital, Bancoc, o que nos permite supor existência de um verdadeiro segmento da atividade turística⁹. O fluxo do turismo sexual ocorre de países ricos para países pobres da economia capitalista, homens “aventureiros” que buscam viagens eróticas a fim de realizar suas fantasias sexuais (PISCITELLI, 2015).

Para Mullings (1999), o desenvolvimento do turismo sexual em países do Sul explica-se pela diferença econômica entre esses países. A economia mais frágil dos países do Sul torna o trabalho sexual uma realidade para uma parcela mais pobre da população. No geral, mulheres e homens envolvidos no mercado sexual possuem condições mais precárias e vulneráveis de trabalho.

Piscitelli (2005) ressalta que para além do advento das condições precárias de vida e desigualdade sociais, outros fatores também são importantes para um país tornar-se um destino do turismo sexual. A sexualização da população local cumpre um papel importante para a determinação de um país como rota do turismo sexual, pois quando pensamos somente nas economias precárias, diversos países economicamente menos desenvolvidos se enquadrariam como rotas do turismo sexual, no entanto essa prática não ocorre de modo randômico e se espacializa conforme alguns atenuantes.

No caso de países do Caribe e da região Nordeste do Brasil, de forma distinta aos países do sudeste da Ásia, o turismo sexual começa a ocorrer a partir de 1990 de forma não organizada. Nesse momento, ocorre uma mudança geográfica no turismo sexual, devendo ser destacados alguns fatores como a massificação de lugares já conhecidos na Ásia como destino de turismo sexual, o que geraria maior competição pelo consumo desse serviço e aumento dos preços do mercado sexual. Outro ponto em destaque seria a saturação do mercado asiático o que tornaria esses lugares menos autênticos e reais, logo, menos desejáveis, uma vez que os turistas também buscam viver experiências únicas e mais próximas à realidade; esses motivos afastariam potenciais consumidores do mercado asiático (MULLINGS, 1999).

Para diversos autores a busca por experiências hedonistas de prazer com uma diversidade cultural levou muitos turistas para a região do Caribe. Os países do Caribe ofereciam um ambiente novo e exótico, onde os turistas poderiam vivenciar uma cultura distinta da sua. Esses lugares seriam menos massificados que o mercado asiático, assim as experiências seriam mais personalizadas.

⁹ Como afirma Ansarah (2000: 09), “segmentar o mercado é identificar clientes com comportamentos homogêneos quanto a seus gostos e preferencias”. Neste sentido é possível afirmar que o turismo sexual foi convertido em um segmento da atividade turística em países como a Tailândia.

A partir de 1990, em Cuba e em outras ilhas do Caribe mulheres e homens jovens passaram a envolver-se sexualmente em troca de dinheiro, mas não somente o intercâmbio realizado é monetário, também envolve bens de consumo, viagens e itens de luxo (KEMPADOO, 1999).

Para Piscitelli (2015), o fato de essas viagens possibilitarem trocas que não envolvem necessariamente sexo por dinheiro é uma particularidade do turismo sexual desenvolvido no continente Americano. Nas ilhas do Caribe e no Nordeste brasileiro destacam-se outras formas de intercâmbio sexual, afetivo e econômico o que para alguns autores pode se denominar “sexo transnacional” (PISCITELLI, 2014).

O relacionamento estabelecido neste tipo de turismo sexual está permeado de relações complexas que extrapolam o limite de uma transação comercial. As relações afetivas e sexuais se tornam ambíguas e marcadas de particularidades segundo as quais, conforme apontado anteriormente, as mulheres não se consideram prostitutas e os homens clientes consumidores de prostituição (PISCITELLI, 2015). Segundo Piscitelli (1996) muitos homens inclusive alegam estar viajando para o Nordeste brasileiro para “fugir” do estigma de consumidores de prostituição, pois é esse estigma que recebem quando se deslocam para países do sudeste Asiático. Para eles, as relações estabelecidas neste tipo de turismo possuem maior afetividade em contraposição às viagens estabelecidas para países como Tailândia, em que o intercâmbio sexo por dinheiro é mais direto.

O turismo sexual começou a crescer nas ilhas do Caribe e no Nordeste brasileiro após 1990, principalmente, depois de vultuosos investimentos na indústria do turismo. Diretamente, não houve nenhum governo que tenha investido nesse segmento turístico, porém ele se desenvolveu como um “efeito colateral” à pobreza da população local, baixos salários e pouca expectativa de mudança. Como já afirmamos, trata-se de uma forma de homens e mulheres se inserirem na economia de consumo, pois por mais que não ocorra a troca monetária direta, homens e mulheres são atraídos para o turismo sexual pela expectativa de adentrarem uma vida e um cotidiano que não lhes é comum. Como dito anteriormente, a possibilidade de frequentar bares, restaurantes, obter viagens ou até mesmo se casarem com estrangeiros cria uma expectativa de mudança de vida, mesmo que temporária.

O desenvolvimento da indústria turística no Caribe e no Nordeste fez surgir uma série de empregos formais e informais para atender a cada vez maior demanda de turistas que se deslocavam para essas regiões, atraídos pelas belezas naturais e por promessas de diversão e

lazer. O principal fluxo de turistas que passou a deslocar-se para estas regiões era proveniente da Europa e dos Estados Unidos.

Ao chegar nessas regiões, ludibriados pelas propagandas de *marketing* que exploravam a sensualidade caribenha e das mulheres brasileiras, muitos turistas buscavam experimentar relações únicas e diferentes. Para Kempadoo (1999) a raça, a linguagem e a cultura diferente da população nativa do Caribe seria fonte de desejo para os turistas estrangeiros.

O'Connell Davidsan and Taylor (1999) alegam que quem viaja a procura de sexo realiza isso com raças diferentes da sua. No geral, em relação aos homens, a procura por mulheres da África, América e Ásia demonstra que as fantasias criadas inferem diretamente na distinta etnia e cultura que os viajantes procuram encontrar. Para Kempadoo (1999), a indústria do sexo se sustenta exatamente na erotização de culturas e etnias distintas, e também na relação de poder e de controle que os viajantes almejam obter em relação às mulheres nativas. A relação de curiosidade com a cultura e etnia diferente é contraditória, uma vez que é uma relação de “experimentar o diferente”, sendo o diferente, contudo, considerado inferior. Os lugares e as pessoas nativas são erotizados principalmente pelo fato de serem considerados exóticos, selvagens e primitivos.

Tanto no Nordeste do Brasil como no Caribe o desenvolvimento do turismo sexual ocorre paralelamente com o desenvolvimento da indústria do turismo, aproveitando-se da infraestrutura gerada. A exotização e a erotização da população nativa nessas regiões será um impulso para o deslocamento de homens e mulheres para esses lugares.

Além de conhecer nova cultura, os viajantes querem consumir novas experiências, de preferência únicas. Nesse caso, nada melhor para guiar essas viagens do que a população local. Neste sentido, o turismo sexual teria essa particularidade, em que os viajantes buscam vivenciar profundamente outra cultura, sendo guiados por o que eles chamam de namorados ou noivos – mesmo que temporários.

Cabe pontuar então que a geografia do turismo sexual está em permanente mudança e é definida em função de fatores bastante complexos. A pobreza e a desigualdade social possuem papéis importantes para determinar o fluxo de turistas de países do Norte para países do Sul do capitalismo. Porém, é preciso levar em conta também o papel exercido por fatores culturais, étnicos e raciais que funcionam como impulsionadores na criação de um imaginário a respeito da população nativa dos destinos do turismo sexual.

1.2. Destinos de turismo sexual – em busca de uma caracterização

Quando buscamos entender o que torna um país rota do turismo sexual devemos ter em mente a existência de uma convergência de fatores geográficos, históricos, sociais, culturais e econômicos. No geral os países que vêm se destacando como rota do turismo sexual são países tropicais e em desenvolvimento. Nesses países existe, em geral, uma exuberante paisagem natural que corrobora para criar um imaginário de “paraísos naturais”. Distintamente, portanto, dos países do Norte, esses lugares possuem clima e vegetação propícios para o turismo de “sol e praia”.

Para autoras como Kempadoo (1999) e Piscitelli (1996, 2005), traços étnicos e raciais também atuam como critérios para a definição da geografia do turismo sexual atualmente. A sexualização da população local de algumas regiões do mundo opera na atração de turistas sexuais.

Países do leste asiático, como Tailândia e Filipinas possuem o histórico mais antigo como rotas do turismo sexual. A origem desta atividade nesses países data das décadas de 1950 e 1960, período das guerras da Indochina e da Coreia¹⁰, quando muitos soldados norte-americanos se deslocavam para esses países. Nesse caso, o turismo sexual está ligado ao militarismo e o momento de descanso e lazer dos soldados. Nas décadas de 1980 e 1990 surgem além desses dois países consolidados como rota do turismo sexual, na Ásia, Camboja e Indonésia. Atualmente, o turismo sexual não está mais somente ligado ao militarismo, mas sim à exotização e à erotização das mulheres asiáticas, que representam a ideia de mercadoria erótica, promíscua e passiva (MULLINGS, 1999).

A partir da década de 1990 novos lugares turísticos passam a ser buscados pelos turistas sexuais; nesse momento os continentes Americanos e Africanos tornam-se atrativos para esses turistas, destacando-se como lugares com natureza exuberante e com belas praias. As ilhas Caribenhas, o México e o Brasil começam então a aparecer como rotas do turismo sexual. Esses países possuem atrativos naturais semelhantes: a presença do sol é abundante o ano todo, as exuberantes praias e a vegetação colaboram para o desenvolvimento do turismo. Essas características geográficas são marcantes tanto nos países asiáticos como nos países americanos que se tornaram rotas do turismo sexual.

¹⁰ A Guerra da Indochina ocorreu entre 1946 e 1954, tendo por objetivo acabar com o domínio Frances sobre a região, que inclui os atuais países do Laos, Camboja e Vietnã. A Guerra da Coreia, por sua vez, se deu entre os anos de 1950 e 1953, a partir da invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte, e envolveu Estados Unidos, apoiando a Coreia do Sul e China e União Soviética, apoio à Coreia do Norte.

Novos lugares vêm se destacando no continente americano como rotas do turismo sexual, como no caso da Argentina. Esse tipo de turismo é novo no país, e o diferencia das já consolidadas rotas do turismo sexual firmadas no continente. Para Piscitelli (2005), a Argentina vem se destacando no mercado do turismo sexual principalmente devido à última crise econômica pela qual passou o país. O empobrecimento da população e a valorização do dólar fez com que muitos turistas passassem a procurar o país. Por ser considerado mais seguro, com melhor infraestrutura e a característica fenotípica das mulheres se assemelharem a mulheres europeias, esses atributos tornaram a Argentina visada no mercado do sexo. Com certeza, em menor quantidade do que outros destinos de turismo sexual no continente americano, a Argentina está se consolidando como uma das rotas do turismo sexual.

Os atrativos naturais, como se pode notar, não atuam sozinhos para consolidar um *locus* do turismo sexual. Cabe lembrar que índices sociais de países de origem e de destino de turistas sexuais demonstram uma clara diferença socioeconômica entre esses países. Como ressaltado, turistas buscam lugares baratos onde o dólar ou o euro está mais valorizados do que a moeda local. Nesse caso, os lugares de destino acabam sendo países tropicais do Sul, onde os turistas conseguem encontrar lazer mais barato.

Um fator importante é que por mais que os turistas busquem sexo barato e localidades onde as belezas naturais sejam atrativas, esses também têm uma preocupação com sua segurança e infraestrutura adequada. Logo, países instáveis politicamente e sem infraestrutura básica acabam não sendo tão atrativos.

A tabela 1.1 traz dados socioeconômicos de países que são receptores de turistas sexuais, onde destacamos alguns países do continente americano que foram mais relevantes para nossa pesquisa como rotas do turismo sexual: Brasil, Belize, Colômbia, Cuba, Jamaica, República Dominicana e México. Além desses países do continente americano adicionamos dois países do continente Asiático que também são rotas consolidadas do turismo sexual: Filipinas e Tailândia. Para contrapor, com os países receptores de turistas sexuais adicionamos índices socioeconômicos de três países de origem dos turistas sexuais (Canadá, Estados Unidos e Itália). Por meio desses dados, trazemos uma pequena amostragem da diferença social entre países que recebem turistas sexuais e aqueles que emitem estes turistas.

Tabela 1.1 - Índices socioeconômicos de alguns países de destino e receptores de turistas sexuais – dados de 2011, 2016 e 2017

Índices socioeconômicos de alguns países de destino e receptores do turista sexual						
	Países receptores ou de origem de turistas sexuais	Produto Interno Bruto - (PIB) (milhões de dólar) ¹¹	Produto Interno Bruto per capita - PIB per capita (\$) ¹²	Índice de Desenvolvimento Humano - IDH ¹³	Expectativa de escolaridade ¹⁴	Expectativa de vida ¹⁵
Receptores	Brasil	2,055,505.50	14,145	0.754	15.2	74.7
	Belize	1,838.00	7,375	0.706	12.8	70.1
	Colômbia	309,191.38	12,762	0.727	13.6	74.2
	Costa Rica	57,057.37	14,006	0.776	14.2	79.6
	Cuba	---	7,455	0.775	13.9	79.6
	Filipinas	313,595.21	8,395	0.682	11.7	68.3
	Jamaica	14,768.13	8,350	0.730	12.8	75.8
	México	1,149,918.79	16,383	0.762	13.3	77.0
	República Dominicana	75,931.66	12,756	0.722	13.2	73.7
	Tailândia	455,220.92	14,519	0.740	13.6	74.6
Emissores	Canadá	1,653,042.80	42,582	0.920	16.3	82.2
	Estados Unidos	19,390,604.00	53,245	0.920	16.5	79.2
	Itália	1,934,797.94	33,573	0.887	16.3	83.3

Organização: RAMOS, A. C.

¹¹ Dados obtidos pelo site <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD> – Consulta feita em 30 de julho de 2018. Ano de referência 2017.

¹² Dados obtidos pelo site <http://hdr.undp.org/en/countries> – Consulta feita em 14 de fevereiro de 2018. Ano de referência 2011.

¹³ Dados obtidos pelo site <http://hdr.undp.org/en/countries> (Human Development Index) - Consulta feita em 14 de fevereiro de 2018. Ano de referência 2016.

¹⁴ Dados obtidos pelo site <http://hdr.undp.org/en/countries> (Expected years of schooling/ years) - Consulta feita em 14 de fevereiro de 2018. Ano de referência 2016.

¹⁵ Dados obtidos pelo site <http://hdr.undp.org/en/countries> (Life expectancy at birth/ years) - Consulta feita em 14 de fevereiro de 2018. Ano de referência 2016.

Embora não tenhamos incluído países africanos, admitimos que alguns países da África também vêm se destacando como rota do turismo sexual, no caso África do Sul, Marrocos e Quênia são algumas localidades encontradas em nossa pesquisa.

Ao observarmos a Tabela 1.1 são nítidas as semelhanças entre índices sociais de países receptores de um lado e entre países emissores, de outro. Os países receptores possuem índice de PIB e PIB *per capita* relativamente baixo quando comparados a países desenvolvidos, o que já é indicativo de pobreza de uma parcela da população, e conseqüentemente, nos remete a maior quantidade de empregos informais, como a prostituição.

Em relação aos índices sociais utilizamos o Índice de Desenvolvimento Humano, expectativa de escolaridade e expectativa de vida para comparar a qualidade de vida entre esses países. Esses índices são reveladores de piores condições de vida nos países que são destino do turismo sexual em relação a países desenvolvidos.

A população no geral em países do Sul possui menor escolaridade o que determina que uma parcela da população, principalmente mulheres, se ocupem de empregos onde a escolaridade requerida é menor e conseqüentemente o salário também é menor. Em países receptores de fluxos de turistas uma parcela dessa população dedica-se a empregos informais no próprio rol de atividades voltadas para o turismo. A população que possui menor rendimento e baixa expectativa de mudança de vida é a que acaba por se envolver com a atividade do turismo sexual e a prostituição. No Caribe, homens e mulheres se inserem no mercado do sexo como forma de complementar sua renda ou até mesmo a atividade informal de onde advém seus rendimentos.

Os índices socioeconômicos acima são reveladores das distintas condições sociais e econômicas entre países economicamente mais desenvolvidos do Norte e países em desenvolvimento do Sul. A economia e a renda *per capita* mais elevada dos países desenvolvidos permite que a condição social da população seja melhor. Esses países emitem uma grande quantidade de turistas para vários lugares do mundo. O maior poder de renda desses turistas permite que eles disfrutem de lazeres em regiões mais pobres do planeta com relativa tranquilidade, pois seu poder econômico é elevado.

Quando observamos novamente os índices sociais de renda, cabe notar que países como Brasil e México possuem o PIB elevado, inclusive próximo ou até maior que alguns países desenvolvidos. Contudo devemos observar que o PIB *per capita* desses dois grupos de países são notavelmente distintos. O PIB *per capita* sugere a imensa desigualdade social nos

países em desenvolvimento. Uma parcela grande da população possui então menor padrão de renda e conseqüentemente pior qualidade de vida e acesso a bens e serviços.

Apesar de esses indicadores não atuarem sozinhos para determinar a geografia do turismo sexual são importantes para revelar a diferença socioeconômica entre países do Norte e os países do Sul e entre turistas sexuais e populações locais das nações receptoras desses turistas.

Já ressaltamos que outros fatores também são determinantes para a configuração da geografia do turismo sexual no mundo. Cabe ressaltar que para alguns autores como Kempadoo (1999) e Mullings (1999) a desigualdade social e pobreza combinadas com a sexualização atuam de maneira a determinar os novos lugares destinos do turismo sexual. Além disso, lugares de destaque como destino do turismo sexual, ao incrementarem sua infraestrutura urbana, terminaram por contribuir para um maior destaque no mercado turístico em geral.

O turismo sexual é uma consequência de uma convergência de fatores (vide Figura 1.1), sendo importante frisar que esses países também são considerados destinos do mercado turístico não ligado ao sexo. Como dito antes, o turista sexual busca lugares com infraestrutura e condições de segurança e esses países são todos destinos turísticos consolidados. A sexualização da população nativa e a desigualdade social atuam para tornar notáveis esses países para o também mercado do sexo.

Figura 1.1 Fatores convergentes na produção de destinos de turismo sexual

Organização: RAMOS, A.C.

Como se pode notar na Figura 1.1, a produção de lugares destinos de turismo sexual envolve fatores de naturezas distintas como os econômicos, os ambientais e os culturais, por exemplo.

Além disso, é relevante frisar que é com o encontro de ao menos alguns desses fatores no tempo e no espaço que, de um modo geral, se produz um destino de turismo sexual. Voltaremos a este esquema adiante quando tratarmos do nosso recorte espacial de análise, o Brasil e a região Nordeste.

1.3. A inserção do Brasil nas rotas do turismo sexual internacional

Em sendo o turismo uma atividade que se constitui pelo consumo do lugar, as paisagens, de um modo geral, lhe são fundamentais, pois são essas construções tangíveis que possibilitam a “venda” do lugar para o turista. O lugar, como diz Cruz (1999), não é *a priori* turístico; ele é “inventado” pelos agentes de mercado. A invenção do lugar turístico não é aleatória, ela é condicionada por uma seleção de gostos e padrões orientados pelas forças do mercado (CRUZ, 1999).

Os lugares turísticos são construções socioculturais e os agentes do Estado e da mídia têm um papel importante para criar imagens que possibilitem a venda de um lugar como turístico. Os discursos turísticos são construções poderosas que inventam e reinventam os lugares para o consumo turístico. Essas imagens carregadas de símbolos e signos permitem que os lugares sejam mercantilizados. Como assevera Carlos (2001), atualmente os espaços são lugares do consumo, onde o próprio espaço também é um objeto de consumo. O mundo da mercadoria invadiu todos os aspectos da vida e no caso o valor do espaço é estratégico e ditado pelo seu valor de troca.

A indústria do turismo é a materialização da mercantilização espacial; todo o conteúdo do espaço é reduzido a algumas imagens mais rentáveis para o mercado, que servem para vender um fragmento do espaço. A reprodução do sistema capitalista limitou os espaços às necessidades da acumulação de capital, nesse sentido o tempo do não trabalho torna-se estratégico para manter a acumulação de capital.

O tempo do não trabalho é também o tempo apropriado pela indústria do turismo. Um tempo estratégico que será explorado pela indústria do turismo como forma de se apropriar de um tempo teoricamente destinado ao descanso e lazer.

Na atual fase da globalização, o tempo do descanso e do lazer é também o tempo do consumo, onde existe a possibilidade de realizar novas formas de acumulação de capital. Para Carlos (2001), o lazer e o turismo são novas estratégias para a reprodução do capital, uma vez que o turismo se apropria do espaço e o torna um lugar para o consumo, porém ao mesmo tempo um espaço a ser consumido.

Nesse sentido, a indústria do turismo “inventa” lugares turísticos, influenciando o consumidor. O tempo do não trabalho e do lazer passa a ser o tempo do consumo, e essa lógica é orquestrada por agentes do mercado que criam imagens e fantasias em torno dos lugares turísticos. Quando um turista realiza uma viagem com a finalidade de aproveitar seu

tempo de descanso, em realidade ele pouco controla o tempo do seu lazer, esse tempo é manipulado pela indústria do turismo para garantir o maior consumo possível.

A reprodução espacial, voltada para o reprodutivo e para o repetitivo, produz os simulacros no espaço, consumidos enquanto espaços de turismo e lazer, enquanto simulação de um espaço novo – na realidade, um espaço fragmentado, reduzido e limitado as necessidades de acumulação (CARLOS, 2001: 176).

Como ressaltam Bandyopadhyay e Nascimento (2010), os discursos construídos no turismo são um poderoso meio de reforçar imagens e estereótipos sobre os lugares. O *marketing* utiliza símbolos para reforçar ideias culturais e de identidade dos lugares e das pessoas que ali vivem. Essas imagens carregam um conteúdo simbólico poderoso e muitas vezes reduzido sobre a realidade. Para os autores, o discurso da mídia Ocidental,¹⁶ a respeito dos lugares turísticos de países economicamente menos desenvolvidos, é um poderoso meio de disseminar ideias e estereótipos de como os países do Sul do capitalismo têm sido representados. Esse discurso reforça uma imagem colonial sobre países considerados exóticos e selvagens, lugares essencialmente paradisíacos.

Muitos autores declaram que esse discurso da mídia Ocidental reforça a ideia de “os outros” seriam países ex-colônias considerados exóticos e primitivos. Essas ideias reafirmam o poder Ocidental e consideram todos os outros países como inferiores, por supostamente possuírem uma cultura mais selvagem e exótica. Cabe ressaltar que essas imagens a respeito dos países do Sul não foram criadas agora, pois fundam-se em um discurso colonialista, contudo quando reforçadas pela mídia e os meios de comunicação de massa – como a *internet* – elas reafirmam estereótipos que já permeavam a imaginação dos turistas estrangeiros. A mídia Ocidental então vende a ideia de que países tropicais do Sul, como o Brasil, seriam lugares paradisíacos e extremamente exóticos e eróticos, ideias essas que passam a incluir, também, os residentes desses países (BANDYOPADHYAY e NASCIMENTO, 2010).

Especificamente no turismo de “Sol e Praia”, cabe notar como as forças do mercado criam verdadeiras ilhas da fantasia ou lugares paradisíacos que simulam ambientes exóticos, onde se busca a fuga da rotina e do estresse urbano, como aponta Sandeville:

Fantasia, liberdade, consumo estimulado em pacotes rápidos cerca de uma semana nas muitas modalidades classificatórias do turismo que vão surgindo tendem a gerar ou consolidar comportamentos estereotipados e superficiais. Trata-se de um consumo de imagens, quando não de clichês, em que o elemento caótico e selvático

¹⁶ O termo ocidental faz referência a países economicamente mais desenvolvidos do Norte capitalista. Os autores utilizam esse termo para tratar de meios de comunicação controlados por pessoas e empresas de países desenvolvidos.

A autora Adriana Piscitelli (2005) também averigua que o termo “Ocidental” é utilizado em sites de promoção de países de destino do turismo sexual. Esse termo é empregado pelos frequentadores desses sites para se referir a cultura de seus países de origem, no caso países desenvolvidos.

da natureza, ou de estranhamento de outras culturas, pode ser absorvido a partir da ordem de regras de bom comportamento – “politicamente correto”. Indo além, em muitos desses casos, a fantasia, a sensualidade, a liberdade podem ser vivenciadas a partir de uma ordem, de uma quebra controlada do cotidiano, de limites que tem a paisagem tropical (“paradisiaca”) como fundo, em contraste com a paisagem corriqueira e agressiva nos centros urbanos (SANDEVILLE, 2002: 155).

As ilhas da fantasia, ou paraísos tropicais, aos quais o autor se refere, mesmo sendo ambientes teoricamente diferentes dos lugares habituais relativos à vida cotidiana do turista, são dotados de infraestruturas urbanas, já que por mais que o turista – sobretudo quando pensamos em turismo de massa - queira sair de sua rotina, ele não o quer sem o conforto e a praticidade da vida moderna. Cruz (1999) ressalta que a comodidade e o conforto são fatores importantes quando se trata de destinos turísticos. O turista muitas vezes busca aventura e experiências autênticas nos países visitados, no entanto ele não realizará viagens para lugares onde as condições de vida são extremamente precárias.

Mesmo quando o turista acredita estar viajando para “consumir o clima” de um dado destino tropical, o conjunto da infraestrutura turística e da infraestrutura suporte (acesso, saneamento básico, energia elétrica, telefonia) desempenha papel fundamental na sua decisão. Quantos turistas iriam para o Caribe ou para o litoral do Nordeste se tivessem que dormir em barracos, utilizar banheiros coletivos e tomar banho em rios ou no mar? (CRUZ, 1999: 25).

Piscitelli (2005) analisa o fator de atração de alguns lugares pobres do capitalismo em relação a outros e destaca a questão da segurança do turista como um fator importante. Por mais que o turista sexual queira aventurar-se por países pobres do Sul capitalista, ele não fará isso em lugares considerados demasiados inseguros. Nesse caso um dos fatores de atração de certos lugares em relação a outros é também o grau de segurança e conforto que o turista obterá em alguns países em detrimento a outros.

Quando pensamos no fato de o Nordeste do Brasil atrair turistas sexuais para suas cidades litorâneas, lembramos que essas cidades passaram por vultuosos investimentos em infraestrutura. O papel do Estado e do planejamento urbano foi fundamental para produzir lugares que atendessem às necessidades dos turistas. O planejamento turístico nas cidades litorâneas do Nordeste se fez, também, como planejamento urbano (CRUZ, 1999), produzindo uma rede de infraestruturas urbanas nas cidades a fim de atender e expandir a demanda turística para as mesmas.

Por outro lado, não é somente a infraestrutura importante para atrair fluxos de turistas para os lugares, a imagem vinculada a esses tem papel expressivo no sentido de atrair turistas e também de consolidar um lugar como turístico. A transformação de um lugar em turístico

envolve, efetivamente, duas dimensões: a produção de uma materialidade e a produção de uma imagem positiva do lugar.

O papel da imagem de um lugar é uma criação cultural de uma determinada sociedade, pois, como já afirmamos, nenhum lugar é *a priori* turístico. Assim, reconhece-se para que um lugar torne-se turístico faz-se necessário para além da infraestrutura material, a criação também de uma imagem que seja veiculada pelos meios publicitários para atrair uma demanda turística.

A paisagem expressa os aspectos materiais do lugar que são apropriados pelo *marketing* para construir a imagem simbólica do mesmo. Assim, por meio do *marketing*, o lugar é fragmentado e reduzido a alguns aspectos elegidos como mais relevantes. A paisagem se torna um objeto onde toda sua complexidade é simplificada em símbolos que representam apenas fragmentos do lugar. Esses fragmentos são intencionalmente selecionados pela indústria do turismo para assim se adequarem aos interesses econômicos (SOTRATTI, 2010).

Para Berdoulay (BERDOULAY, 1985 *apud* SOTRATTI, 2010), todo espaço expressa uma ideologia que apropria e legitima as ideologias da vida social. O espaço assume um lugar central para a compreensão do universo ideológico, em que as representações de símbolos contidos no espaço traduzem ideologias de grupos dominantes. A paisagem é uma categoria de alto conteúdo simbólico, pois expressa uma ideologia através de seus objetos.

O turismo exerce certa seletividade no momento de reforçar uma ideologia espacial, elegendo apenas alguns elementos que serão representados via *marketing* para divulgar um lugar. As propagandas alimentam o imaginário do turista por meio das representações simbólicas, onde ocorre a idealização e fetichização das paisagens.

Como a imagem é um importante apelo mercadológico na construção de um lugar turístico, ela evoca a vontade do viajante na escolha de um lugar turístico para visitar. Nesse sentido, os planos de *marketing* visam escolher elementos que reforcem imagens do lugar, as quais, em geral, não representam o todo e sim aspectos fragmentados do lugar.

Como afirma Berdoulay (BERDOULAY, 2009 *apud* SOTRATTI, 2010) a escolha de símbolos não é arbitrária e sim seletiva, essas escolhas acabam por construir um reducionismo simbólico em torno do espaço. Esse reducionismo Berdoulay (BERDOULAY, 2009 *apud* SOTRATTI, 2010) chama de redução narrativa, em que, se reduz por meio de símbolos toda a complexidade e diversidade do espaço e do território. Essa redução cria no imaginário das turistas imagens estereotipadas e distorcidas da realidade.

A Tabela 1.2 elenca alguns motivos que levam os turistas estrangeiros a se deslocarem para o Brasil. Os motivos destacados exacerbam “qualidade oposta” aos países europeus, e assim, a busca pelo lazer e o descanso em lugares onde é possível ter a fuga da rotina e a visita a um lugar exótico, o que cativa os viajantes que almejam encontrar lazers distintos de sua rotina habitual.

No caso do turismo no Brasil as imagens construídas para atrair viajantes destacam as belezas naturais, praia, sol e festas o que cria no turista uma imagem fetichizada do país. Destacamos que quando tratamos de um lugar turístico, o rompimento com o cotidiano é um fator importante, considerando que, em geral, quem viaja a lazer busca, comumente, o exótico, o diferente.

A Tabela 1.2 apesar de possuir dados produzidos há mais de uma década, consideramos os resultados qualitativos ainda validos. Esses dados destacam os principais motivos que trazem estrangeiros para o país, o que confrontando com a pesquisa da Tabela 1.3 os resultados convergem para a busca de lazer motivado pelos atrativos naturais, como o sol, a praia e a natureza.

Tabela 1.2 – Motivos para conhecer o Brasil, 2001

Motivo Iria/Não Iria ao Brasil								
Países	Sol/Praia/Natureza	Longe	Floresta Amazônica	Carnaval	Caro	Outros	Não soube/ Não respondeu	Total
África do Sul	29,3	5,3	14,9	17,0	7,4	9,6	16,5	100,0
Alemanha	22,9	14,1	28,9	4,0	3,8	12,3	14,1	100,0
Argentina	45,8	1,9	2,1	3,8	3,3	18,7	24,3	100,0
Austrália	7,5	13,4	18,5	8,6	4,8	16,1	31,1	100,0
China	5,5	28,5	3,3	1,1	34,1	7,0	20,6	100,0
Coréia do Sul	14,9	18,0	10,7	18,6	5,8	17,4	14,6	100,0
Espanha	24,9	11,6	14,1	10,3	4,8	12,8	21,4	100,0
Estados Unidos	21,6	8,5	20,9	7,8	4,2	16,8	20,3	100,0
França	17,8	12,8	9,9	11,6	10,3	8,7	28,9	100,0
Índia	20,4	21,3	14,9	8,1	14,5	5,1	15,7	100,0
Indonésia	11,8	20,1	18,6	4,9	31,9	8,8	3,9	100,0
Inglaterra	16,9	12,8	14,8	9,9	4,2	16,3	25,0	100,0
Israel	19,4	12,9	7,7	20,4	4,8	11,4	23,4	100,0
Itália	33,4	8,1	13,1	11,5	1,9	6,7	25,3	100,0
Japão	10,8	38,7	4,9	4,9	8,4	16,5	15,7	100,0
México	14,0	18,0	7,6	21,4	18,2	3,5	17,2	100,0
Nigéria	21,2	4,6	10,0	27,0	14,3	7,3	15,4	100,0
Portugal	51,1	1,7	7,9	4,0	3,7	18,1	13,6	100,0
Rússia	20,5	13,7	7,1	10,7	33,0	6,3	8,6	100,0
Síria	32,4	20,7	6,6	10,0	4,6	10,7	14,9	100,0
Suécia	27,4	14,8	19,1	8,3	4,9	6,2	19,4	100,0
Total	22,7	14,2	12,3	10,2	9,9	11,7	19,0	100,0

Fonte: Pesquisa Temas Políticos e Econômicos Internacionais e a Percepção sobre o Brasil, 2001. CNT/Sensus.

Tabela 1.3 – Principal motivação de viagem a lazer ao Brasil – 2013-2017

Característica da viagem					
	2013	2014	2015	2016	2017
Motivo da viagem ^(1, 2)	(%)				
Lazer	46,5	54,7	51,3	56,8	58,8
Negócios, eventos e convenções	25,3	21,9	20,2	18,7	15,6
Outros motivos	28,2	23,4	28,5	24,5	25,6
Motivação da viagem a lazer ⁽³⁾	(%)				
Sol e praia	65,9	49,2	69,4	68,8	72,4
Natureza, ecoturismo ou aventura	19,0	12,8	15,7	16,6	16,3
Cultura	11,4	10,3	12,1	9,7	9,0
Esportes	1,8	1,7	1,5	1,3	1,5
Diversão noturna	0,9	0,4	0,6	0,5	0,5
Viagem de incentivo	0,3	0,2	0,2	0,1	0,1
Lazer relacionado a grandes eventos	- -	25,0	- -	2,8	- -
Outras motivações de lazer	0,7	0,4	0,5	0,2	0,2

Fonte: Ministério do Turismo - MTur e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE, Estudo da Demanda Turística Internacional - 2013-2017.

Nas Tabelas 1.2 e 1.3 é visível que os motivos relacionados ao país são os mesmos mais acentuados nas campanhas de *marketing*, como a ênfase na natureza, na praia, no sol e no carnaval. A mulher – ou a busca por sexo – naturalmente não aparece na pesquisa, por motivos estratégicos. No entanto, outros estereótipos e clichês criados aparecem como razões para os turistas se descolarem para o Brasil. Aqui ressaltamos então o papel importante do *marketing* para a divulgação turística, pois as imagens recebidas pelos turistas são as que despertam fantasias e desejos em conhecer o lugar a ser visitado. As imagens relacionadas ao Brasil destacam os fatores apontados acima como os principais motivos que levam os estrangeiros a virem para o Brasil.

Não queremos dizer que os motivos acima são falácias ou que não deveriam ser ressaltados pela indústria do turismo, mas sim apontar como o *marketing* possui um discurso poderoso no que tange a criar desejos e fantasias no viajante a respeito do local a ser visitado.

Imagens do Brasil começam a se formar desde o período da colonização. As primeiras cartas de Pero Vaz de Caminha sobre o recém “descoberto” país eram carregadas de imagens enfatizando as belezas naturais, natureza e os habitantes nativos. As mulheres índias já naquele período eram descritas com uma dose de erotismo e assim sexualizadas. Os primeiros relatos já reproduziam a ideia de “paraíso tropical”, obviamente naquele período o objetivo

não era consolidar uma imagem turística do Brasil. No entanto, até hoje a mídia se aproveita de tais símbolos para descrever as paisagens do Brasil, muitas vezes carregando esses estereótipos para os habitantes do país (ALFONSO, 2006).

Bandyopadhyay e Nascimento (2010) afirmam que os discursos que foram produzidos para construir a imagem do Brasil determinam uma visão estereotipada do Ocidente sobre o país. Esse olhar reforça o Brasil como um lugar exótico e selvagem, o que diferenciaria o país de outros países do Ocidente. A representação da mídia Ocidental sobre o Brasil e seus habitantes foi um importante meio para a construção da imagem que existe no imaginário dos turistas. O conteúdo exposto sempre cheio de estereótipos e clichês foi reforçado por anos pela mídia Ocidental.

No Brasil a redução simbólica das paisagens ocorreu, em grande medida, por meio de campanhas publicitárias via institucional, ou seja, pela Embratur. As imagens vinculadas as campanhas publicitárias apoiavam-se em estereótipos já consolidados por meio da literatura, música e filmes, e serviram para reforçar ideias de um país exótico, alegre, com mulheres bonitas, praias e sol. Essa redução narrativa não se iniciou com a Embratur, como já ressaltamos, porém foi reforçada pela mesma empresa que contribuiu para promover uma imagem homogênea com valores estereotipados da realidade do país. Como afirma Alfonso (2006), elementos já consolidados da cultura brasileira são apropriados pelas companhias da Embratur e esses reforçam estereótipos já existentes, destacando a culinária, a música, o patrimônio e as mulheres. No caso da mulher, essa é colocada no mesmo patamar que um produto. A divulgação de imagens sempre expondo o corpo feminino contribuiu para criar a imagem de que as mulheres também seriam um produto a ser comercializado.

Silveira (1997) trata do lazer e do turismo como o consumo do não-material, estes são mais difundidos pela publicidade que invade a sociedade e os territórios. A publicidade teria a função de fomentar o desejo e, assim despertar a necessidade do lazer. Alguns lugares possuiriam aptidões turísticas, chamadas por Silveira (1997) de psicoesfera; no entanto as empresas globais e os órgãos mundiais do turismo criam e recriariam os lugares turísticos, devido a um padrão cultural, de gostos e necessidades da sociedade “*destinos turísticos tornam-se vagas imagens com base em estereótipos sumários*” (SILVEIRA, 1997: 41). Logicamente, no processo de produção de um lugar turístico as forças do mercado atuariam para tornar um lugar mais atrativo, neste caso implementando um serie de objetos técnicos, de infraestrutura e de lazer, o que para a autora seria a tecnoesfera.

O objeto da apropriação da psicoesfera, objeto de publicidade e de consumo, é a paisagem, a chamada “natureza”, como um dado simbólico. E, a um só tempo, o que realmente se vende como “natureza” são pedaços de complexos e dispendiosos sistemas de engenharia e de formas de organização. Trata-se de deslocamentos terrestres, aéreos, marítimos ou fluviais apoiados em modernos sistemas de circulação, um complexo hoteleiro, um pedaço de tempo – a porosidade ociosa do calendário – um, conjunto de objetos, narrativas e imagens em um *city-tour*, uma festa regional, e etc. São dados técnicos e organizacionais e, também, dados de uma cultura globalizante produzida para os lugares (SILVEIRA, 1997: 37).

Alfonso (2006) analisa o papel que a imagem pode ter para fomentar a atividade turística no país. A imagem que será criada depende de inúmeros fatores, e no geral o objetivo é exatamente explorar uma imagem corriqueira do lugar e de suas manifestações culturais. Para a autora, o papel da imagem é o de explorar um significado e através dele fomentar o desejo, pois a imagem torna-se reveladora de signos e informações, quando reforçada e repetidas inúmeras vezes revela-se um estereótipo.

Estereótipos e imagens são constantemente usados e reutilizados pelos meios de comunicação; sua manutenção e sua utilização normalmente obedecem a critérios de manipulação de acordo com ideologias dominantes e a vontade dos que detém o poder, em especial o Estado (ALFONSO, 2006: 78).

No caso do Nordeste brasileiro, a imagem consolidada da região está associada a belezas naturais, uma vez que o segmento turístico “Sol e Praia” é um dos mais importantes do país e visa utilizar como atrativos turísticos as paisagens naturais litorâneas. Este movimento do imaginário criado em torno da natureza cativa um fluxo turístico para o litoral, a fim de desfrutar do que se tem chamado de paradisíaco ou exótico.

As praias, o clima, a fauna e flora compõem as imagens construídas para caracterizar o Brasil, amplamente divulgadas pelos agentes do *marketing*, que buscam atrair turistas por elementos alheios ao cotidiano da maioria dos cidadãos urbanos, sugerindo ser possível a “suspensão do cotidiano”, tal como assevera Carlos (1996).

Assim, o espaço é vendido pela imagem que se cria em torno dele, aspecto intangível, e pelos seus aspectos tangíveis, a infraestrutura. Nesta relação entre os aspectos materiais e imateriais, a imagem criada do lugar fomenta estereótipos em relação aos lugares tidos como turísticos.

Os estereótipos são as imagens consolidadas de um determinado lugar, que representam uma parcela da realidade; no geral, os estereótipos são amplamente divulgados pelo *marketing* como a principal “marca representativa”. As imagens tornam-se estereótipos exatamente por não revelarem toda a complexidade do espaço, simplificando o mesmo em

torno de aspectos mais gerais, ou seja, representando a simplificação da realidade de um lugar.

No caso do Brasil, e principalmente do Nordeste, o estereótipo construído liga-se às belezas naturais, às praias, mas também a festas (como é o caso do Carnaval) e a mulheres belas, onde o exótico funde-se com um ambiente que é por “natureza” alegre e sensual. Estas imagens não foram criadas pelo acaso e se firmaram como estereótipos do Brasil à medida que foram divulgadas por campanhas publicitárias.

Assim sendo, podemos supor que se em determinado momento histórico houve a difusão de uma ideia, de um fato, ou mesmo a repercussão de um produto cultural, entre uma nação e outra pode existir a possibilidade de os indivíduos na nação receptora tomarem tal fato pela maioria e, nesse caso, pode estar surgindo um estereótipo. Essa linha de raciocínio, de uma certa forma, explica como certos eventos nacionais acabam se tornando símbolo de toda uma nação. O carnaval brasileiro, por exemplo, que não pode nem deve ser o único fato cultural a ser conhecido ou valorizado acaba por tornar-se a característica de toda nação. E a nação passa a ser estereotipada como o país do carnaval (BIGNAMI, 2002: 17).

Em se tratando das campanhas publicitárias do Brasil, a presença do Estado foi fundamental na divulgação das “potencialidades” turísticas do país, nacional e internacionalmente.

A Embratur¹⁷ foi e ainda é o órgão Estatal responsável pela divulgação turística das consideradas potencialidades turísticas brasileiras. Por meio de suas campanhas, atrelou as imagens do litoral, das praias e das florestas e imagens de mulheres brasileiras, equivalidas, neste caso, a atrativos turísticos juntamente com os elementos exaltados da natureza do país. *Folders* de promoção turística assinados pela Embratur nas décadas de 1970 e 1980 exploravam os estereótipos construídos do Brasil, como o Carnaval, o futebol, as praias e as mulheres. Nas primeiras estruturações das campanhas da Embratur, por volta de 1970, era comum a repetição de alguns elementos para promover o Brasil.

¹⁷ A Embratur foi criada pelo Decreto n. 55/66, como Empresa Brasileira de Turismo. Em 1991, na reforma promovida pelo governo Collor de Mello, foi mantida a marca – Embratur – mas modificado seu estatuto, que passou de “empresa” para “Autarquia”.

Figura 1.2 Campanha da Embratur, 1977

Figura 1.3 Campanha da Embratur, 1983

Fonte: Embratur (1977 e 1983) *apud* KAJIHARA (2008).

Ao observamos as Figuras 1.2 e 1.3 ambas de campanhas promocionais vinculadas a Embratur percebemos como a presença feminina era um destaque. As figuras acima possuem um alto valor simbólico sendo utilizadas para promover o Brasil no estrangeiro.

A figura feminina em destaque nessas imagens e em outras vinculadas pela Embratur foram amplamente divulgadas no exterior. Cabe-se ressaltar que o país já possuía estereótipos criados pelos estrangeiros antes mesmo da Embratur realizar essas campanhas, no entanto quando a empresa divulga essas imagens ela reafirma ideias pré-existentes no imaginário internacional.

Nas campanhas dos anos de 1970 e 1980 (Figuras 1.2, 1.3 e 1.4) a mulher que terá grande destaque nos *folders* da Embratur aparece sempre de biquíni e em poses sexuais, fomentando a ideia equivocada de que parte significativa das mulheres brasileiras usa, todo o tempo, trajes de banho, exalando sensualidade.

Figura 1.4 – Campanha da Embratur, 1988

Fonte: Embratur (1988) *apud* KAJIHARA (2008).

A imagem da mulher quase sempre era bastante evidenciada na propaganda turística e somente a partir de 1990 começou a perder destaque. Já em 1997, 30 anos após a criação da Embratur, há o reconhecimento, por parte do Estado, da imprensa e de estudiosos do tema, de que o turismo sexual passou a ser uma questão para o Brasil, o que fez com que as campanhas oficiais sofressem redirecionamentos e a figura da mulher recebesse novo tratamento, como se observa nas figuras 1.5 e 1.6 (ALFONSO, 2006).

A partir da década de 1990, o turismo sexual passa a ser tratado como um problema, fazendo inclusive com que as políticas publicitárias tivessem de ser redirecionadas. As figuras das campanhas em 1990, como podemos notar, evidenciam menos a mulher, embora ela ainda esteja presente.

Após a criação do Ministério do Turismo em 2003, pelo presidente Luís Ignácio Lula da Silva, começa-se a reestruturar as campanhas e imagens que seriam produzidas sobre o Brasil para o mercado internacional. Entretanto, a despeito dos esforços governamentais para o redirecionamento das campanhas de promoção turística do Brasil que não visassem mais expor a mulher brasileira, o Brasil já estava consolidado como rota do turismo sexual.

Cabe dizer que por mais que os esforços atuais do governo brasileiro sejam para não se expor mais os corpos femininos, existem outros meios de divulgação – como por exemplo

a *internet* – que é muito mais eficaz na divulgação de imagens e informações sobre o Brasil. Diversos *sites* da *internet* reforçam a imagem do Brasil como destino do turismo sexual.

Piscitelli (2005) trata de analisar como a *internet* é um poderoso meio de transmissão de informações e imagens sobre o país. Por meio de *sites*, a autora afirma que existe uma alteração dos circuitos do turismo sexual. A *internet* contribui para uma redefinição da geografia mundial do turismo sexual, uma vez que permite a divulgação massificada de imagens e informações sobre novos destinos para o turismo sexual. Neste caso a América do Sul e o Caribe estariam ganhando espaço devido à saturação do mercado do Sudeste Asiático. A *internet* operaria como o meio de transmissão de estereótipos e imagens racializadas e sexualizadas de países do continente americano (PISCITELLI, 2005).

Ressalta-se também o fato de que o processo de globalização intensificou as trocas culturais e a possibilidade de um maior fluxo de pessoas viajando pelo mundo. Com esse processo também se verifica um crescente movimento por atravessar fronteiras a procura de oferecer e consumir sexo, o que fez surgir *sites* especializados para esse tipo de turismo.

Piscitelli (2005) afirma que a busca nesses *sites* é por um prazer hedonista, onde os usuários procuram obter maior prazer a um menor custo. Um dos fatores que marcariam o interesse desses usuários por destinos como o Brasil seria a intensa sexualização e racialização da mulher brasileira. Já foi ressaltado que a sexualização da mulher brasileira é antiga, marcada por aspectos da música, da cultura, da literatura e de filmes. A Embratur, via institucional, se apropriou desses estereótipos já consolidados e divulgou em seu material turístico essas imagens que sexualizavam a mulher brasileira.

Com o advento da *internet* os circuitos do turismo sexual serão redefinidos. Até a década de 1990, esse mercado era concentrado nos países do Sudeste da Ásia; após esse momento a América do Sul e região do Caribe passam a ser alvo desses turistas que buscam lugares mais autênticos e menos saturados em que eles possam usufruir de sexo barato.

Figura 1.5 - Campanha da Embratur, 1999 -2002

Fonte: Embratur (1999-2002) *apud* KAJIHARA (2008).

Figura 1.6 - Campanha da Embratur, 1999 -2002

Fonte: Embratur (1999-2002) *apud* KAJIHARA (2008).

Como se pode notar nas Figuras 1.5 e 1.6, após a década de 1990 as campanhas da Embratur adotam outros destaques. Por meio dos *folders* podemos ter uma noção de algumas das campanhas da Embratur em duas décadas diferentes. Após o turismo sexual passar a ser considerado um problema no Brasil, a empresa deixa de reafirmar estereótipos ligados a mulher. Apesar da ainda presença do corpo feminino nas campanhas acima, este torna-se menos evidente.

Nos anos seguintes as campanhas da Embratur buscam focar ainda menos a mulher brasileira, visto que o combate à prostituição infantil para a ser considerado prioridade no governo.

No atual momento, podemos afirmar que a disseminação da figura sexualizada da mulher não é mais realizada via institucional. Agora como já afirmamos, por meio de sites privados a *internet* passa a ocupar esse papel de dissipadora de imagens e informações a respeito dos lugares e das mulheres brasileiras.

No que tange a divulgação realizada pela *internet*, esta é ainda mais incisiva por contribuir para a propagação do Brasil como rota do turismo sexual. Pois como salientamos, as informações e imagens coletadas são produzidas de modo descontrolado, muitas vezes reforçando ainda mais estereótipos dos quais hoje o Brasil tenta se desvincular.

A presença feminina foi destacada nas imagens transmitidas pelas campanhas turísticas apoiadas pela Embratur e colaboraram, portanto, para consolidar a imagem da mulher brasileira como parte do produto turístico, pois como já afirmamos o papel da imagem é transmitir um significado e assim suscitar o desejo ao espectador.

As imagens repetidas inúmeras vezes pelas campanhas da Embratur de mulheres bonitas e sensuais – algo que o clima tropical despertaria no sexo feminino – firmou esta imagem do país, estimulando a vinda de turistas estrangeiros motivados por desejos de natureza sexual, o que, inegavelmente contribuiu, de forma decisiva, para que a região Nordeste fosse incorporada às rotas internacionais do turismo sexual.

A mulher brasileira sempre foi exposta e ressaltada nas mais diversas fontes das representações sociais e culturais, fontes essas que serviram de influência, dando origem a uma imagem de objeto de desejo. Observa-se que a análise de tais influências é fundamental para a compreensão da imagem que hoje possui a mulher brasileira, imagem essa que sustenta o Brasil como um dos polos turísticos receptivos de turismo sexual, e na qual se questiona a significação das garotas de programa como corporificação dessa imagem (BARRETO; CAETANO, 2003: 99).

Para Kempadoo (1999), que estudou o turismo sexual nas ilhas Caribenhas, incluídas nas rotas internacionais do turismo sexual, a imagem transmitida para os turistas em *folders* turísticos vincula à mulher a um atrativo. Assim como as paisagens naturais, mulheres

receberam destaque em anúncios de promoção turística, o que acabou por criar a imagem ambígua de que as mulheres seriam também um atrativo desses locais. Ou seja, o corpo feminino (masculino também quando olhamos para as ilhas do Caribe) é abordado como uma mercadoria passível de ser “consumida”.

A sexualidade caribenha também constitui um recurso crítico dentro deste panorama, particularmente evidente em materiais promocionais de turismo. Cartões postais, panfletos de viagens, propagandas de companhias aéreas e hotéis, utilizam amplamente imagens de mulheres e homens mestiços e negros para comercializar a região para o resto do mundo. Nestes materiais promocionais, a mulher frequentemente aparece com pouquíssima roupa e em poses sensuais, convidando o espectador a "saborear" o Caribe (Bolles, 1992). A promessa de férias também intimamente entrelaçadas com noções de mulheres e homens do Caribe como prestadores de serviços e prazer (sexual) (KEMPADOO, 1999: 21).¹⁸ (tradução nossa)

Assim, o jogo de imagens que o *marketing* utilizou para divulgar o Brasil criou estereótipos com forte ligação à sensualidade da mulher brasileira. No caso do Nordeste, esta vinculação foi ainda maior, apoiando-se em fatores como a posição periférica da região no capitalismo brasileiro e as mazelas sociais que atingem grande parte da população.

A prostituição e o turismo sexual, neste contexto, são caminhos trilhados por mulheres que visualizam nos turistas estrangeiros um meio de sobrevivência, mas também de suposta oportunidade para conseguir uma vida melhor no Brasil ou no exterior, tornando-se namoradas ou esposas de seus clientes. Este tipo de relação que para Benevides (1998) é chamado de “prostiturismo” ou para Pruitt and LaFont “romance tourism” (PRUITT and LAFOUNT *apud* KEMPADOO, 1999), revela uma particularidade dos países constituintes das rotas do turismo sexual, uma vez como já destacado, existe para além do contrato monetário, uma troca inclusive afetiva, revelando o envolvimento distinto de outros tipos de prostituição.

[...] Embora exista uma ampla gama de acordos entre o turista e o profissional do sexo, as relações de longo prazo que se estabelecem são particularmente notáveis. Estas relações duram, em muitos dos casos, o período de permanência do turista, se estendendo para uma situação na qual o turista tende a sustentar a relação por meio de presentes, passagens e dinheiro após seu retorno para casa, resultando ocasionalmente em casamento (KEMPADOO, 1999:14).¹⁹ (tradução nossa)

¹⁸ Citação original: Caribbean sexuality also constitutes a critical resource within this panorama, particularly apparent in tourism promotional materials. Postcards, travel brochures, airline and hotel advertisements, all make ample use of images of brown and black women and man to market the region to the rest of the word. In these promotional materials, the woman are often scantily dressed and sensually posed, inviting the viewer to “taste” the Caribbean (Bolles, 1992). The promise of a vacation in also intimately entwined with notions of Caribbean women and men as the providers of services and (sexual) pleasure (KEMPADOO, 1999: 21).

¹⁹ Citação original: [...] While a wide range of arrangements exist between the tourist and sex worker, particularly noticeable are the longer term relationships that are established. These last in many instances for the period of stay of the tourist, sometimes extending into a situation where the tourist sustains the relationship

Nenhum lugar se torna rota do turismo sexual aleatoriamente ou por uma só causalidade. A convergência de fatores econômicos, sociais e culturais que destacamos promoveram artifícios para que os lugares destacados se tornassem parte da geografia do turismo sexual.

A sexualidade que foi explorada via *marketing* da população nativa corroborou para que os países rotas do turismo sexual se firmassem como tal. Essa exploração do corpo e da sexualização de homens e mulheres de países economicamente menos desenvolvidos, faz parte da estratégia do *marketing* e indústria do turismo para consolidar alguns lugares turísticos.

Os rearranjos afetivos e comerciais que serão firmados dentro do turismo sexual serão uma especificidade de cada lugar. No caso do continente americano vimos que o mercado do turismo sexual abriga particularidades em relação ao mercado asiático. No que diz respeito à exploração das imagens ligadas à população nativa e às belezas naturais, percebemos esse ponto de intersecção entre os destinos de turismo sexual no mundo.

Buscando traduzir o que foi dito até aqui em uma representação esquemática que sintetize a convergência de fatores que situa o Brasil nas rotas do turismo sexual, chegamos ao seguinte esquema:

through gifs, a ticket, and Money after returning home, occasionally resulting in marriage (KEMPADOO, 1999:14).

Figura 1.7 - Inserção do Brasil nas rotas internacionais do turismo sexual

Organização: RAMOS, A. C.

Como se pode ver na Figura 1.7, tal como quando tratamos dos destinos de turismo sexual de uma forma geral (Figura 1.1), os fatores que convergiram no tempo e no espaço para inserir o Brasil nas rotas internacionais desse segmento de turismo distribuem-se entre aqueles de natureza econômica, ambiental e cultural, com destaque para particularidades como as ações da Embratur e a construção histórica de uma imagem sexualizada da mulher brasileira, a qual remete ao período colonial.

2. O Nordeste no contexto da formação espacial brasileira

O sistema capitalista organiza, simultaneamente, o desenvolvimento das forças produtivas, o espaço e a sociedade. Sendo assim, estudar a produção do espaço capitalista é também estudar a evolução das forças produtivas e da sociedade. A organização espacial promovida pelo sistema capitalista produz territórios que possuem funções diferentes na acumulação do capital, mas que se complementam mantendo a reprodução ampliada do capital.

Para Marx, o capital se expande sobre o espaço e em todas as esferas de acumulação possíveis, a fim de manter a taxa de lucro elevada. Para isto, como escreve Harvey (2005), territorializa setores da produção em determinados lugares, garantindo assim a ampliação do modo capitalista de produção sobre o espaço e, consequentemente, alterando a configuração dos lugares.

Segundo Trosky (TROSKY, 1962 *apud* LÖWY, 1980), o processo de formação espacial no sistema capitalista ocorre de modo desigual e combinado, considerando que as nações desenvolvidas se formaram como grandes centros devido ao “atraso” das nações periféricas, garantindo a reprodução ampliada do capital, ou seja, é por meio da exploração de países “atrasados” que ocorre o desenvolvimento das grandes potências capitalistas.

O capitalismo (...) preparou e, num certo sentido, realizou a universalidade e a permanência do desenvolvimento da humanidade. Por isto está excluída a possibilidade de uma repetição das formas de desenvolvimento de diversas nações. Forçado a se colocar a reboque dos países avançados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão (...) (TROSKY, 1962 *apud* LÖWY, 1980: 05).

Entendemos, então, que o ritmo desigual de evolução econômica de algumas nações é complementar ao crescimento de outras, devido ao fato de existir uma Divisão Internacional do Trabalho que distingue a atuação de cada país no processo de acumulação do capital. Algumas nações tiveram o papel de fornecedoras de matéria-prima e de mão de obra, para que existam acumulação e desenvolvimento em ritmo acelerado para outras, ou seja, a exploração é complementar ao processo de crescimento das economias capitalistas pelo qual um não pode acontecer sem o outro.

A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, manifesta-se com o máximo de vigor e de complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o açoitamento de necessidades exteriores, a vida retardatária é constrangida a avançar por saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre uma outra lei que, na falta de uma denominação mais apropriada, chamaremos lei do desenvolvimento combinado, no sentido da reaproximação de diversas etapas, da combinação de fases distintas, do amálgama de formas arcaicas com as mais modernas (TROSKY, 1962 *apud* LÖWY, 1980: 05).

A evolução do sistema capitalista mundial se fez diferente de continente a continente; cada região, mesmo que “atrasada”, foi levada à estrutura das relações capitalistas e se viu sujeita às suas leis de funcionamento. Enquanto cada nação entrou na Divisão Internacional do Trabalho sob a base do mercado mundial capitalista, cada uma participou de forma peculiar e em grau diferente na expressão e expansão do capitalismo, atuando segundo diferentes papéis nas distintas etapas de seu desenvolvimento. O capitalismo dos países centrais e o dos países periféricos foram fenômenos interdependentes, lados opostos de um único processo. O fraco desenvolvimento dos países periféricos foi produto e condição do superdesenvolvimento dos países centrais, que se realizou à custa dos primeiros.

A lei do desenvolvimento combinado parte do reconhecimento da desigualdade nas proporções de desenvolvimento de vários fenômenos das mudanças históricas. A disparidade no desenvolvimento técnico e social, e a combinação fortuita de elementos, tendências e movimentos pertencentes a diferentes etapas da organização social, dão a base para o surgimento de algo novo e de qualidade superior (NOVACK, 1988: 45).

Para Oliveira (1993), a questão do próprio subdesenvolvimento é contraditória, pois, como vimos, esta condição econômica é, na verdade, fruto de um mesmo processo atuando de forma dessemelhante, sendo que, no final, deparamo-nos com o mesmo objetivo, ou seja, a reprodução do capital.

No plano teórico, o conceito do subdesenvolvimento como uma formação histórico-econômica singular, constituída polarmente em torno da oposição formal de um setor “atrasado” e um setor “moderno”, não se sustenta como singularidade: esse tipo de dualidade é encontrável não apenas em quase todos os sistemas, como em quase todos os períodos. Por outro lado, a oposição na maioria dos casos é tão-somente formal: de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado “moderno” cresce e se alimenta da “existência” do “atrasado”, se se quer manter a terminologia (OLIVEIRA, 2003: 32).

Se focarmos nossa análise sobre o espaço, como fez Smith (1988) no trecho a seguir, percebemos que o sistema capitalista configurou regiões, criando diferenças territoriais entre elas, decorrentes da desigual lógica de reprodução do capital.

Os últimos cem anos de desenvolvimento capitalista têm levado a produção do espaço a um nível sem precedentes. Mas ele não se tem realizado pela expansão absoluta num dado espaço, mas através da diferenciação interna do espaço global, isto é, através da produção de espaços absolutos diferenciados, dentro do contexto mais amplo do espaço relativo (SMITH, 1988: 136).

Com base na noção de desenvolvimento desigual e combinado, pode-se afirmar que desde o período de sua formação territorial, o Brasil ocupou o papel de fornecedor de matéria-

prima para os países desenvolvidos. Esta posição lhe conferiu um desenvolvimento econômico que culminou com a denominação de país periférico e/ou subdesenvolvido.

De acordo com Smith (1988), o atraso de um país não é natural e sim ocasionado pela própria lógica de reprodução do sistema. Por outro lado, mesmo dentro do próprio território brasileiro há a formação de espaços desiguais que irão participar da ordenação capitalista de distintas formas – a Divisão Territorial do Trabalho.

A formação colonial do Brasil serviu economicamente para complementar a acumulação de capital das metrópoles europeias, garantindo o desenvolvimento das mesmas, que se utilizavam de suas colônias “atrasadas” para fornecimento de matéria-prima e mão de obra escrava, propiciando o início da acumulação mercantil que, posteriormente, permitiu o desenvolvimento industrial das metrópoles (PRADO Jr., 1942). Como explica Caio Prado Jr. (1942), o sentido da colonização irá marcar as histórias das colônias que resultarão nos elementos do desenvolvimento dos países.

Há um ajustamento entre os tradicionais objetivos mercantis que assinalaram o início da expansão ultramarina da Europa, e que são conservados, e as novas condições em que se realizará a empresa. Aqueles objetivos, que vemos passar para o segundo plano nas colônias temperadas, se manterão aqui, e marcarão profundamente a feição das colônias do nosso tipo, ditando-lhes o destino. No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos (PRADO Jr., 1942: 31).

Sendo assim, quando estudamos a formação socioeconômica do Brasil entendemos que seu “atraso” ou desenvolvimento fraco é resultante de seu passado colonial. O território brasileiro, desde o período colonial, teve sua economia assentada na atividade agroexportadora de produtos primários, formando elites agrárias que comandavam politicamente o crescimento econômico do país. No caso do Nordeste, essas elites consolidaram seu poder durante séculos, concentrando renda e aumentando a desigualdade social.

Os problemas sociais que marcaram o Nordeste brasileiro são parte do processo de formação da região. Elevadas taxas de analfabetismo, falta de infraestrutura básica e enorme desigualdade social são problemas que se consolidaram devido ao seu desenvolvimento periférico na economia brasileira, que assentou as desigualdades sociais. A diferença entre os mais ricos e mais pobres na região se torna brutal até em meados dos anos 2000 quando

políticas públicas começam a ser elaboradas a fim de minimizar as profundas desigualdades econômicas no país.

No Brasil, a Divisão Territorial do Trabalho produz uma regionalização segundo a qual as regiões atuarão de modo divergente frente ao processo de reprodução capitalista. Segundo Oliveira (1993), a regionalização do trabalho no Brasil se realiza pós-1930, quando é nacionalizado o capital no país por meio do processo industrial, quando começaremos a perceber maior diferenciação entre as regiões. O processo de diferenciação da reprodução do capital acontecerá simultaneamente ao processo de maior integração nacional, que substituirá a economia de arquipélagos constituída no país desde o período colonial, por meio dos ciclos econômicos. Dialeticamente, a integração nacional resultou em maior diferenciação econômica entre as regiões do Brasil, sendo que cada região passa a ter uma função frente ao processo da Divisão Territorial do Trabalho.

A expansão do capitalismo pelo território brasileiro, proporcionado pelo avanço industrial, será um marco na espacialização do trabalho no país, porém, esta não significará de modo algum uma melhor distribuição da renda, que ainda ficará concentrada. A modernização do país se fincará, como ressalta Oliveira (1993), no atraso das relações sociais em que os pilares da desigualdade anteriormente constituídos proporcionarão maior acumulação capitalista.

2.1. A formação da região Nordeste do Brasil

A formação de uma região, como explica Oliveira (1993), não ocorre naturalmente, mas sim como resultado de forças históricas, políticas e econômicas, que atuam dentro de um território, criando áreas diferentes entre si. A região, para o autor, é o espaço pelo qual o capital irá se reproduzir por meio de um processo socioeconômico, ou seja, o espaço se construirá como fruto das relações capitalistas que ali estão presentes. Como acentua Smith, *“o conceito de espaço é, acima de tudo, um produto social”* (SMITH, 1988: 118).

Uma “região” seria, em suma, o espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital, e por consequência uma forma especial da luta de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos da reposição (OLIVEIRA, 1993: 29).

Para Oliveira (1993), a formação das regiões é resultado da atuação das forças do capital no espaço, a qual, dialeticamente, forma espaços heterogêneos devido ao processo desigual de reprodução do capital. A região será, então, o cenário no qual percebemos a manifestação da reprodução do capital, revelando diferentes paisagens. Em modo geral, como diz Oliveira (1993), o espaço é onde podemos perceber as diferenças sociais do sistema e onde as mesmas se manifestarão por meio da (des)construção espacial diferenciada de cada região.

A especificidade de cada “região” completa-se, pois, num quadro de referências que inclua outras “regiões”, com níveis distintos de reprodução do capital e relações de produção; pelo menos quando se está em presença de uma “economia nacional”, que globalmente se reproduz sob os esquemas da reprodução ampliada do capital, é que o enfoque aqui adotado, de diferenças da divisão regional do trabalho, pode encontrar terreno propício para o entendimento das relações inter-regionais e abandonar a abordagem dos “desequilíbrios regionais” por uma formulação que centre suas atenções nas contradições postas e repostas exatamente pelas formas diferenciadas de reprodução do capital e das relações de produção (OLIVEIRA, 1993: 29).

A região, formada por meio da atuação econômica do capital sobre o espaço, criando áreas periféricas que contrastam com áreas centrais, tal como discutido por Oliveira, em relação à região nordestina, é fruto da Divisão Territorial do Trabalho em que o “atraso” é justificado para manter a maior reprodução do capital das regiões centrais do capitalismo. Ou seja, o atraso do Nordeste foi produzido dialeticamente ao moderno da região Centro-Sul.

Seguindo esta linha de pensamento, o “atraso”, a industrialização e a urbanização do Nordeste também são decorrentes do processo industrial que estava ocorrendo na região Centro-Sul, que implicou naquele momento em “permitir” que a economia agroexportadora

continuasse a existir com características arcaicas. Quando houve a necessidade de expansão do capital, a industrialização no Nordeste constituiu-se por meio dos planos estatais e da ida de investimentos nacionais para a região, o que criará um novo momento no processo de reprodução do capital naquela porção do território.

O percurso histórico da formação territorial do Nordeste em relação ao restante do país influenciou de modo decisivo o desenvolvimento da região, que enraizou estruturas “atrasadas” de desenvolvimento, de modo que fosse tratada como “região problema”, resultado do processo histórico de sua formação como periferia. Entendemos que este *status* de problema é aplicado erroneamente para o Nordeste brasileiro, e que o seu menor crescimento econômico, na verdade, pode ser explicado pela teoria do desenvolvimento desigual e combinado, no qual o atraso é a necessidade do capital naquele período histórico para possibilitar o desenvolvimento avançado de outras regiões.

Pode-se inferir, assim, que o crescimento econômico nordestino sempre ocorreu “tardamente” e, como coloca Andrade (1973), resultou em desequilíbrios de crescimento nas diferentes regiões do Brasil. Como já explicitado, o capitalismo não atua de maneira isolada; o processo do “atraso” é combinado com o moderno, o que coloca os diferentes processos em combinação no território brasileiro, sendo apenas o outro lado do mesmo processo.

O Nordeste brasileiro assumiu a posição de fornecedor de produtos e mão de obra, o que possibilitou o crescimento econômico no início da industrialização dos Estados do sul do país. O Nordeste brasileiro, que economicamente possuía uma oligarquia agroexportadora consolidada, passou a posicionar-se como periferia da acumulação capitalista no Brasil. Neste contexto, a oligarquia nordestina foi perdendo seu poder (não ficando mais pobre, porém, não comandando mais o processo de reprodução do capital), tendo que sucumbir aos barões de café do Centro-Sul e à nova Divisão Econômica provinda da industrialização.

Oliveira (2003) ressalta que a antiga economia de arquipélagos, que caracterizou o Brasil no período colonial, será substituída a partir da industrialização de São Paulo por uma maior integração econômica resultante da regionalização do trabalho no país. Este processo implicará em ritmos diferentes de acumulação de capital, sendo o Centro-Sul a região concentradora de capital que limitará a expansão das demais regiões perante a sua própria. Os ritmos de crescimento diferenciado se consolidarão, principalmente pós-1930, com a introdução de um processo industrial que submete o capital das regiões do Brasil a uma região dominante. O Nordeste rico e centro da economia colonial dará espaço a um novo Nordeste,

apêndice da economia industrial que se formava e que firmava a expansão do capital nacionalmente, porém, em ritmos diferentes.

Observando este processo sob a ótica social, tem-se que a construção histórica e econômica da região nordestina será, na verdade, a base dos problemas que até hoje afligem a região. Muito longe de ser apenas um problema natural, o “atraso” da região será formado economicamente após a mudança do eixo central da economia nacional para o Centro-Sul, porém socialmente desde o período colonial, já que a concentração de terra e renda persistiu desde aquele momento até os dias de hoje. Por mais que as elites locais tenham perdido alguns de seus privilégios nacional e regional para os capitalistas vindos do Centro-Sul, sabe-se que mantiveram ainda uma economia agrária concentrada e que outras elites mantiveram a renda concentrada e a exploração da população local, vitimando as últimas com péssimas condições sociais.

Entendemos, assim, que o turismo sexual e a prostituição, em nossa visão, são uma questão de ordem social devido aos condicionantes socioeconômicos que construíram o Nordeste como “margem” e ao mesmo tempo necessidade para a expansão capitalista do Brasil e do capitalismo internacional. O turismo sexual e a prostituição aqui são vistos também como fruto da construção socioeconômica do Nordeste, onde tal processo se dará por meio da expansão capitalista sobre o território, que explorará expansivamente uma classe social – a dos trabalhadores. Por mais que fossem formulados planos para desenvolver e modernizar a região nordestina, percebe-se que, com o tempo, estes foram planejados com um só intuito – expandir o capitalismo por todo território, mantendo assim a acumulação da classe industrial e agroexportadora que domina politicamente o país. Nenhum dos planejamentos voltados à região, incluindo a Sudene, nivelará a renda e diminuirá a desigualdade nordestina ou em qualquer região do país. Estes planos serão apenas a “roupagem” institucionalizada para manter e ampliar o crescimento econômico da elite brasileira, através, obviamente, da exploração da classe trabalhadora.

Para Oliveira (2003), o crescimento econômico industrial iniciado pelo país após 1930 para manter a reprodução do capital somente aumentará a desigualdade entre as classes sociais, e de modo algum todo o crescimento econômico que o país se lançará significará redistribuição de renda.

Quando analisamos os índices sociais de todas as regiões brasileiras notamos sérios contrastes entre as regiões do Sudeste e as regiões Norte e Nordeste. A má distribuição da

renda e a falta de políticas públicas mais inclusivas culminou com a parcela mais pobre da população do Norte e Nordeste sofrendo das principais mazelas sociais.

Os índices de escolaridade sempre foram baixos na região Nordeste, o que fez com que a parcela menos escolarizada da população tivesse que realizar trabalhos informais ou de baixa renda. Com a expansão do turismo na região Nordeste essa parcela da população será empregada principalmente em atividades do setor terciário tanto formais como informais. O setor turístico em expansão no Nordeste então absorverá essa mão de obra de baixa escolarização para as atividades mais simples, assim como nos países da América Central. No entanto, para complementar a renda ou mesmo com a ilusão de conquistar uma vida melhor muitas mulheres optam pela prostituição ou o turismo sexual para ter acesso a bens e serviços que não lhes são acessíveis.

A relação do passado socioeconômico do Nordeste incide diretamente nas condições de vida contemporânea e apesar de nos últimos anos a região ter tido um crescimento econômico considerável e diminuição das mazelas sociais, encontram-se aí os índices sociais mais baixos do Brasil.

A atual inserção econômica da região Nordeste no contexto nacional demonstra que nos últimos anos a região teve um rápido crescimento econômico em comparação a anos passados.

Hoje existe um predomínio de atividades mais heterogêneas pela região, principalmente com o crescimento do setor industrial, agropecuário e comércio e prestação de serviços.

Segundo Bacelar (2000), em meados dos anos de 1960, apoiada nas pesquisas e incentivos da Sudene, a região Nordeste irá experimentar um rápido crescimento industrial e urbano com a associação de diversos tipos de capitais. A incorporação das indústrias de bens de consumo intermediários, principalmente devido a presença de matéria-prima na região contribuiu para o país ter um crescimento econômico considerável de 1960 a 1980.

Para a autora, a economia nordestina é contraditória, pois ao mesmo tempo que buscou diversificar as atividades econômicas apostando na agricultura irrigada, indústria de bens intermediários, bens de consumo não duráveis e polos agroindustriais, manteve estruturas tradicionais. São exatamente nessas áreas mais tradicionais que ainda se mantêm rígidas as velhas estruturas oligárquicas que se assentam na desigualdade e concentração fundiária.

No entanto, Bacelar (2000) assevera que a região Nordeste passou por diversas mudanças na sua estrutura produtiva, mesmo assim ainda se mantém muito atrelada à

economia da região Sudeste, para onde se encaminham boa parte de suas exportações. Os ritmos de crescimento do Nordeste não são acompanhados pelos ritmos de crescimento sociais, apesar do PIB da região ter crescido rapidamente, os índices sociais cresceram de maneira mais lenta, indicando que ainda persistem na região problemas encontrados nos anos anteriores.

Para resolver os problemas de desníveis regionais e internacionais, em outras palavras, solucionar o subdesenvolvimento do Brasil, o Estado se lançou a planejamentos estatais que tinham por finalidade o crescimento econômico e a melhor distribuição da renda. Como comenta Oliveira (2003), este pensamento desenvolvimentista nada tem de correto, já que os desníveis são a própria forma do sistema para manter sua maior acumulação, o que implica no aumento da desigualdade. As teses desenvolvimentistas para equalização de renda somente aumentaram a concentração da mesma e o poder nas mãos de uma elite – cada vez mais centrada em certas regiões.

[...] o sistema caminhou inexoravelmente para uma concentração de renda, da propriedade e do poder, em que as próprias medidas de intenção corretiva ou redistributivista – como querem alguns – transformaram-se no pesadelo prometeico da recriação ampliada das tendências que se queria corrigir (OLIVEIRA, 2003: 60).

No caso do Nordeste, os planejamentos feitos pela Sudene e os estudos da Cepal expressavam a visão política de desenvolver o “atrasado” com a urbanização e industrialização, visando o crescimento econômico da região. Porém, os investimentos, no caso da Sudene, continuaram a contribuir para a concentração de renda, mantendo, assim, a renda concentrada regionalmente, contudo com o diferencial de que lançou recursos para que os capitalistas do Centro-Sul pudessem também aproveitar os planos estatais e manter sua acumulação de capital através da expansão para o Nordeste. Ou seja, nesta nova fase de “desenvolvimento” econômico da região, são lançados mecanismos para que as elites industriais do Centro-Sul possam também se valer dos planos estatais – inclusive os investimentos estatais serão mais aproveitados pelas elites industriais do Centro-Sul.

A Sudene será um mecanismo de destruição acelerada da própria economia “regional” nordestina, no contexto do movimento de integração nacional mais amplo; certamente tal integração processar-se-ia em termos menos acelerados, podemos mesmo, no limite, o Nordeste permanecer ainda por largos anos como uma “Irlanda” no Brasil. Precisamente por ser um mecanismo de aceleração da integração é que a intervenção do Estado é “planejada”, pois trata-se de deslocar os esquemas de reprodução próprios da economia do Nordeste por outros que têm sua matriz noutro contexto de acumulação: o “planejamento” é, pois, essa forma de transformação dos pressupostos da produção, essa passagem da mais-valia captada pelo Estado como imposto, e sua conversão em capital entregue à grande burguesia do Centro-Sul (OLIVEIRA, 1993: 113).

É importante entender que o papel do Estado no sistema capitalista não é imparcial e sua função não é distribuir renda. No máximo, é um mediador de conflitos entre as diferentes classes. O Estado utiliza-se do controle dos aparatos para beneficiar e manter a maior reprodução de capital, com isto concentrando renda nas mãos de poucos. Podemos dizer que o papel de mediação do Estado seria conter os conflitos eminentes entre as classes o que é feito por meio da repressão ou de concessão de benefícios pontuais para os trabalhadores, a fim de manter a ordem do sistema.

Como assinala Harvey (2006), o Estado não aparecerá como uma força neutra dentro do sistema, apesar de suas formas estruturais proporcionarem este entendimento, o Estado é um produto da sociedade capitalista para ampliar a reprodução de capital, defendendo os interesses de uma classe dominante.

Assim, o Estado não é, de modo algum, um poder, de fora, imposto sobre a sociedade; assim como não é a “realidade da ideia moral”, “a imagem e a realidade da razão”, como sustenta Hegel. Em vez disso, o Estado é o produto da sociedade num estágio específico do seu desenvolvimento; é o reconhecimento de que essa sociedade se envolveu numa autocontradição insolúvel, e está rachada em antagonismo irreconciliáveis, incapazes de ser exorcizados. No entanto, para que esses antagonismos não destruam as classes com interesses econômicos conflitantes e a sociedade, um poder, aparentemente situado acima da sociedade, tornou-se necessário para moderar o conflito e mantê-lo nos limites da “ordem”; e esse poder, nascido da sociedade, mas se colocando acima dela e, progressivamente, alienando-se dela, é o Estado (ENGELS, 1941 *apud* Harvey, 2006: 78).

O papel de um Estado capitalista é possibilitar a reprodução do capital utilizando-se de recursos como o planejamento, que nada mais é do que a tentativa de ampliar essa reprodução. A ideologia que o poder estatal assume de interesse mutuo, visando o bem-estar social, é uma farsa, como apontado por Harvey (2006). O Estado assume para si o interesse de uma classe e coloca em ação as ideias da mesma institucionalmente. O planejamento será apenas a roupagem que o poder do Estado veste para conseguir apaziguar as tensões sociais com discursos de bem-estar comum, mas que no final significará benefícios para os detentores de capital.

[...] o Estado pode ser representado como idealização abstrata do interesse comum, o próprio Estado pode se tornar encarnação abstrata do princípio “moral” (nacionalismo, patriotismo, fascismo, todos apelam para isso em algum grau). As conexões entre a formação da ideologia dominante, a definição do “interesse comum ilusório” na forma do Estado, e os interesses específicos reais da(s) classe(s) dirigente(s) são tão sutis como complexos (HARVEY, 2006: 82).

No Nordeste brasileiro, este processo não foi diferente. A Sudene e os planos para o desenvolvimento do Nordeste que a sucederam visaram criar infraestrutura para modernizar a

região. Estes foram calçados na atração de investimentos e na dinamização da economia que em longo prazo visavam proporcionar crescimento econômico e diminuir as mazelas sociais nordestinas, porém contraditoriamente continuaram a proporcionar aumento da concentração de renda. Com mecanismos de expansão do capitalismo para o Nordeste, a Sudene lançou estratégias de atração de investimentos para a região com o discurso de promover a unidade nacional e integrar a “região problema” ao capital nacional, ou seja, modernizar o atrasado para os desenvolvimentistas.

A Sudene criou, assim, mecanismos para que o processo de expansão do capital iniciado em 1930 se concretizasse em todas as esferas econômicas possíveis. Os incentivos fiscais logo seguiram para o setor de turismo, com o financiamento de projetos para a expansão hoteleira e urbanização das cidades litorâneas. A urbanização que se fez tardiamente no Nordeste, como colocam alguns autores, se dará no momento de expansão monopolística do capital, que necessitará alcançar todas as escalas para se reproduzir ampliadamente.

[...] Assim, o sistema tende a encontrar seus limites de crescimento determinados pelo próprio capital, isto é, pelas possibilidades que ele oferece para manter alta a taxa de lucros. A esse fim servem, por exemplo, as políticas de incentivo à inversão, hoje prática estendida a todos os setores da economia, e que foi inicialmente imaginada como um mecanismo de transferência do excedente do Centro-Sul para o Nordeste, dentro da estratégia geral de “homogeneização monopolística” (OLIVEIRA, 2003: 118).

De fato, como mostramos, não é um momento espontâneo, mas sim combinado com a necessidade do sistema que, aliada à intervenção Estatal, buscará por meio da expansão do setor do turismo a urbanização de cidades que serão atração de investimentos tanto no campo hoteleiro como no campo urbanístico, por meio da expansão de infraestruturas urbanas necessárias. Esta realocação do capital traz um *boom* no setor imobiliário e hoteleiro, posteriormente, mudando espacialmente as cidades litorâneas. Todavia, as mudanças espaciais e a própria expansão do capital, como já tratado, não provocaram efeitos benéficos para a maior parte da população. No caso perceberemos como estas ações promoveram de fato um aumento no turismo, que culmina com um aumento de um setor turístico bem específico – o turismo sexual.

A Sudene anuncia, por ironia da História, através especialmente do mecanismo de incentivos fiscais conhecidos como 34/18, uma das formas de financiamento da expansão monopolista no Brasil pós-64. Não é por acaso, mas por uma exigência das leis de reprodução do capitalismo monopolista, que a “invenção” do 34/18 é copiada para propiciar a expansão monopolista em outras “regiões” e setores da atividade econômica em escala nacional: os incentivos foram primeiramente estendidos à Amazônia, logo em seguida à pesca, ao reflorestamento, ao turismo. Foram estendidos, sob outras, ao financiamento das exportações, ao financiamento da “obsolescência programada”, enfim a um conjunto de atividades, que expressam na verdade a transformação do conjunto da riqueza nacional em pressupostos da

reprodução do capital; e a aceleração da imbricação Estado-burguesia internacional-associada é anunciada também, até certo ponto, pela Sudene (OLIVEIRA, 1993: 125).

A região Nordeste é, portanto, como todas as regiões, fruto das contradições do sistema e, sendo assim, suas mazelas mostram ser o reflexo de todo o processo de formação da região. A concentração de renda, terra e problemas sociais não serão naturais ou facilmente resolvidos por meio de planejamentos Estatais, pois, como já mostrado, são resultado da própria política que se faz, a fim de manter o verdadeiro intuito da sociedade que vivemos – o lucro, não de muitos, mas sim da burguesia. Resolver os problemas sociais seria, como ressalta Oliveira (1993), romper com esta lógica, e para esta alternativa acontecer pouco podemos contar com as instituições que os fomentam e reforçam.

Quando buscamos entender o desenvolvimento do turismo sexual, devemos analisar os fatores que chamamos de exógenos, ou seja, fatores mais amplos que explicam como a lógica capitalista de acumulação e de reprodução espacial inferem em problemáticas regionais. Em nossa visão estes fatores condicionam algumas regiões do mundo a serem mais propícias para o desenvolvimento do turismo sexual. Entendemos, em nossa análise, que não serão todas as regiões do mundo que se consolidarão como receptoras de estrangeiros em busca de sexo, mas sim regiões que já sofrem com problemas sociais decorrentes do processo geral de desenvolvimento do capitalismo.

2.2. Análise socioeconômica da região Nordeste no Brasil contemporâneo

Quando traçamos o panorama da região Nordeste nas últimas décadas percebemos que seus problemas foram resultados de um conjunto de políticas e planos econômicos que atuaram no território brasileiro produzindo um dado cenário socioeconômico.

Para entender o resultado da formação do Nordeste, buscamos explicar o modo de reprodução do capital sobre o espaço que produziu regiões distintas, cada uma com uma posição para garantir a maior acumulação capitalista. Desta forma, os problemas e déficits econômicos da região Nordeste foram resultado de anos de exploração como periferia econômica do Brasil, no qual a economia da região se viu subordinada à economia do Centro-Sul do país.

Nos últimos cinquenta anos, diversas políticas públicas visaram solucionar os problemas da desigualdade territorial, em que por meio do processo de urbanização o território brasileiro transformou-se, rapidamente, de um país rural para um país urbano, contudo sem reduzir as desigualdades já existentes no Brasil.

As desigualdades sociais no território brasileiro são bastante complexas e, embora no período de 1970 há 2010 tenha havido uma considerável melhora no estado de bem-estar da população brasileira, a desigualdade territorial permaneceu estável (ARRETCHE, 2015).

Quando pensamos em termos de políticas públicas, o panorama da situação da região Nordeste e da Norte do Brasil começaram a apresentar uma considerável melhora a partir dos anos 2000, em que as políticas públicas estiveram voltadas para solucionar os descompassos de desenvolvimento das regiões. Enquanto as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste já contavam, a partir dos anos 2000, com quase acesso universal a serviços elementares, as regiões Norte e Nordeste só começaram a ampliar o acesso a esses serviços a partir de meados do século XXI.

No Brasil contemporâneo as desigualdades foram reduzidas em diversas dimensões como a da renda *per capita*, o acesso ao ensino fundamental, a energia elétrica, o acesso a água, o saneamento básico e a coleta de lixo. Esses indicadores demonstram que a ampliação da oferta de serviços essenciais associados com a maior renda da população diminuíram a pobreza. Logo, uma parcela considerável da população brasileira que vivia em situação extremamente precária melhorou sua renda e qualidade de vida. Essa parcela da população como podemos observar se encontrava principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

Quando confrontamos os índices socioeconômicos com a história da constituição da região Nordeste, percebemos que o passado escravocrata e de concentração fundiária acentuou os problemas sociais da região, uma vez que serviu para manter uma parte considerável da população em situação de vida miserável. Ressaltamos que não estamos afirmando que não existam nas demais regiões do Brasil uma população com acesso menor a serviços básicos e a renda, porém percebe-se que a desigualdade no Brasil revela-se por meio de dois patamares: de classe social e territorial. Sendo assim, a população pobre das regiões Norte e Nordeste carece de mais recursos e serviços do que a população pobre das demais regiões do Brasil, como analisado por Arretche (2015).

Esse fator é explicado pela irregularidade na inserção de serviços públicos básicos no Brasil. No período de 1960 a 1980 o PIB do Brasil aumentou consideravelmente fazendo com que nessa época houvesse um grande crescimento econômico do país. Contudo a industrialização acentuou contrastes espaciais, pois a região Sudeste passou a concentrar maior PIB e infraestrutura. No decorrer dos anos, as regiões Sul e Centro-Oeste passaram também a contar com maior infraestrutura em contraste com as regiões Norte e Nordeste. Nessas últimas regiões a ampliação dos serviços básicos só foi propiciada em meados de 2000, com o governo do presidente Luís Ignacio Lula da Silva (BACELAR, 2000).

A região Nordeste passou a receber mais investimentos em decorrência de planos que vislumbraram melhor inserir a região na economia do país. Esses planos em grande parte focaram nas cidades litorâneas do Nordeste, em especial, aquelas que possuíam maior potencial para a atividade turística. Nesse momento então, o Nordeste começou a receber maior investimentos para obras de infraestrutura que culminaram com a urbanização de diversas cidades e maior acesso da população a serviços básicos.

Ao analisar o acesso a serviços urbanos no Brasil de 1960 a 2010, visualizamos a melhoria do acesso a diversos serviços básicos, no entanto permanecem as desigualdades regionais e sociais, legados dos períodos anteriores, em que as regiões Sul e Sudeste receberam maior quantidade de investimentos. É importante salientar que a desigualdade de renda é um importante indicativo dos desníveis de desenvolvimento socioeconômico dentro do país, porém esse indicador não deve ser o único a ser observado, pois existem outros tipos de carências de levam a pior qualidade de vida nas diferentes regiões do Brasil, como aponta Arretche (2015).

Para Marques (2015) a partir de 1960, no governo militar, ocorreu a massificação de serviços públicos urbanos, no entanto a melhora foi seletiva concentrando investimentos e recursos nas áreas metropolitanas da região Centro-Sul e para alguns grupos sociais.

O processo de redemocratização do país, a partir de 1985, ampliou o acesso das regiões Norte e Nordeste à educação e à oferta de infraestrutura urbana, no entanto esse processo já era universal ou de maior inclusão nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

No ponto de partida do regime democrático contemporâneo o grau de desigualdade era extremamente alto. Era caracterizado pela fusão de vantagens em uma parcela muito pequena da população e pela distância que a separava da outra parcela – majoritariamente – de desprovidos de acesso a serviços essenciais e rendimentos decentes (ARRETCHE, 2015: 425).

A partir de meados de 2000, houve uma melhora da economia nacional o que possibilitou mais recursos para o setor de serviços urbanos. Assim perceberemos que ampliou-se a oferta de alguns serviços básicos para todas as regiões brasileiras, não somente para a região Centro-Sul. No entanto os serviços de coleta de lixo e esgoto ainda possuem seu acesso mais restrito tanto em âmbito de classe social quanto em desigualdades territoriais.

Em relação à melhora, nos últimos anos, das condições de saúde, dados apontam que de 1950 a 2010 houve o crescimento nos níveis de expectativa de vida e queda da mortalidade infantil no Brasil (COELHO; DIAS, 2015). Esses indicadores revelam a melhora nas condições básicas da população. Para explicar o crescimento nesses indicadores os autores os relacionam principalmente ao aumento na renda *per capita* do brasileiro e à elevação no nível de escolaridade. O aumento da renda explica a melhora na qualidade de vida da população nos últimos anos, pois possibilitou que as condições de pobreza mais acentuadas fossem atenuadas. Nesse caso é importante frisar a ampliação do acesso ao salário mínimo, inclusive para aposentados, que tirou uma parcela da população de uma condição de vida miserável.

A Figura 2.1 a seguir mostra a elevação do padrão de qualidade de vida da população por meio da esperança de vida ao nascer e da mortalidade infantil. Esses dois índices revelam que de 1980 a 2010 as taxas de mortalidade caíram, sendo essa melhora perceptível em 2010 para todo o país.

Figura 2.1 - Esperança de vida ao nascer - Municípios brasileiros, 1980 a 2010

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD *apud* ARRETECH (2015).

Segundo Coelho e Dias (2015), a diminuição acentuada da taxa de mortalidade infantil é relacionada ao aumento da renda média, mas também a maior escolaridade da população. No entanto, os autores ressaltam que nas regiões rurais e do interior do país a queda da mortalidade infantil não foi tão grande quanto nas regiões mais urbanizadas.

Permanecem, no entanto, os contrastes territoriais das áreas mais urbanizadas em relação àquelas com menor grau de urbanização, e ainda como se pode perceber na Figura 2.2 o ritmo da queda da mortalidade infantil é distinto nas regiões do Sul do país e nas regiões Norte e Nordeste, onde é visivelmente mais lento.

A mortalidade infantil como podemos perceber na Figura 2.2 também possui uma redução expressiva em todo o Brasil. Ainda que a redução seja maior na região Centro-Sul, esse índice demonstra que com a melhora na oferta de serviços de saúde houve considerável melhora nos índices ligados à mortalidade tanto infantil como adulta.

Aliado a isso, a urbanização também possibilitou que diversas doenças que se proliferavam em meios precários de sobrevivência fossem diminuídas. Esses ganhos, segundo Coelho e Dias (2015), estão associados ao aumento da renda média dos brasileiros e a maior escolaridade das mulheres ao longo dos anos que contribuem para a melhoria dos dados referentes à saúde.

Figura 2.2 - Mortalidade infantil - Municípios brasileiros, 1980 a 2010

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD *apud* ARRECH (2015).

Quando analisamos o panorama da região Nordeste atualmente em relação à região antes dos anos 2000, nos deparamos com índices socioeconômicos alarmantes que revelam que a região possuía a pior qualidade de vida do país e a menor renda per capita. O nível de desigualdade e de falta de acesso a serviços básicos tornavam a região mais problemática do país. A partir do momento que melhora a distribuição de renda e se amplia o acesso a serviços básicos, a região começa a contar também com maior rede de infraestrutura urbana. A qualidade de vida da população se eleva, distanciando-se de uma condição extremamente precária de vida.

Ainda que permaneçam desiguais perante o restante do país, como iremos perceber nos mapas e dados a seguir, as condições sociais do Nordeste melhoram e melhora sua inserção na economia brasileira. Contudo note-se que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste a ampliação dos serviços e na melhoria da renda per capita ocorre antes das regiões Norte e Nordeste, revelando um descompasso na eliminação das desigualdades territoriais no Brasil.

Ao observarmos a Figura 2.3 que traz o estudo do PIB *per capita* do Brasil desde 1970 até 2010, nota-se que houve aumento do índice do PIB *per capita*, porém, esta melhora é visualmente melhor percebida entre as regiões Sudeste e Sul do país. Sendo assim, a concentração de renda e as desigualdades econômicas apesar de terem diminuído ainda são sensivelmente piores no Nordeste em relação às demais regiões brasileiras.

A renda per capita, como já ressaltamos, é um importante indicador para revelar a desigualdade social; juntamente com os índices de escolaridade percebemos que a partir de 1990, porém mais acentuadamente nos anos 2000, esses índices melhoram em todo o Brasil.

A partir da implementação do Plano Real, em 1994, todos os estratos sociais obtiveram um aumento real na renda. Contudo nos dois mandatos do ex-presidente Lula os estratos sociais mais baixos obtiveram ganhos mais expressivos, principalmente com a implementação de programas sociais, como o Bolsa Família, que conseguiram acelerar a diminuição da desigualdade social. Ainda assim, os ganhos não foram homogêneos, pois todos os estratos sociais obtiveram ganhos da renda média e para os mais ricos esses ganhos também foram consideráveis.

As políticas adotadas no governo Lula e posteriormente no governo Dilma também conseguiram diminuir a diferença entre os mais ricos para os mais pobres com a incorporação progressiva de indivíduos mais vulneráveis as políticas do salário mínimo (ARRETCHE, 2015).

Ao retirar os indivíduos mais vulneráveis da condição de extrema pobreza, os governos Lula e Dilma contribuíram para melhorar o padrão e qualidade de vida de famílias mais pobres. A diminuição dessa desigualdade reflete na melhoria da qualidade de vida em diversos outros elementos sociais. A população de baixa qualificação e os aposentados conseguiram, através de políticas de inserção progressiva, maior participação na economia do país.

Figura 2.3 - Percentual do PIB *per capita* - Brasil, 1970-2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2010; PNAD (Tabulações especiais do CEM) *apud* ARRETCHE (2015).

Quando observamos a Figura 2.4, sobre o percentual de pobres de 1970 há 2010, temos a percepção da diminuição da pobreza em todo o território nacional. Em 1970, o Brasil possuía maior parte da população vivendo na pobreza, ou seja, existia um grande percentual da população vivendo na pobreza em todas as regiões. Contudo, no decorrer das décadas, há uma melhora sensível neste índice, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, regiões que receberam maior quantidade de investimentos no período. Sendo assim, a pobreza agora ficou

mais concentrada nas regiões Norte e Nordeste, mantendo-se as disparidades territoriais (ARRETCHE, 2015).

É fato que as desigualdades sociais funcionam contraditoriamente no país. Exemplo disso é o período compreendido entre 1960 a 1980, quando a economia no Brasil possui um grande crescimento econômico. A industrialização do país produziu contrastes sociais em termos territoriais, pois concentrou maior PIB e infraestrutura na região Centro-Sul.

Figura 2.4 –Percentual de pobreza - Brasil, 1970-2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2010 (Tabulações especiais do CEM) *apud* ARRETCHE (2015).

Por meio desses dados, vimos que apesar da melhora da distribuição da renda e da diminuição da pobreza ainda há uma distinção territorial, que caracteriza o território brasileiro.

Essa trajetória de melhoria das condições do bem-estar seguiu um percurso espacial bastante claro: a região Sudeste, em particular o estado de São Paulo, era mais bem servida nos anos de 1970 e caminhava para a universalização já nos anos 1980, a expansão da cobertura em direção a universalização ocorreu, em segundo lugar, nas regiões Sul e Centro-Oeste; as regiões Norte e Nordeste só obtiveram patamares elevados de cobertura quando o serviço em questão já estava praticamente universalizados em todo território nacional (ARRETCHÉ, 2015: 197).

Arretche (2015) analisa que no Brasil, em geral, houve o aumento da renda *per capita* e na cobertura de serviços essenciais, como distribuição da energia elétrica, acesso à água, rede geral de esgoto, as melhorias na distribuição destes serviços é facilmente notada em todas as regiões brasileiras. No entanto, as regiões Sul e Sudeste passaram pela universalização destes serviços antes que as outras regiões brasileiras. Esta constatação deve-se ao fato que em diversos governos, desde a ditadura militar até os governos democráticos, os investimentos foram mais concentrados nas regiões Sul e Sudeste; as regiões Norte e Nordeste ficaram com uma parcela menor de investimentos.

A diminuição gradativa da desigualdade social no Brasil, tanto em termos territoriais como de classes sociais, não conseguiu ainda eliminar o abismo existente entre uma parcela da população mais rica a outra mais pobre. Apesar de observamos na figura 2.4 a redução da pobreza ainda esse número é considerado elevado (ARETCHE, 2015).

Para Arretche (2015), a diminuição da desigualdade no Brasil é uma combinação de diversas políticas que não visam apenas eliminar a desigualdade da renda, mas também políticas de inclusão da população mais pobre à prestação de serviços básicos. Para a autora, a incorporação dos mais pobres a serviços básicos ocorreu em um ritmo mais lento, resultando em contrastes sócio territoriais.

Ao observar a Figura 2.5, que mostra a população com acesso à energia elétrica da década de 1970 a 1990 constata-se que as regiões Sudeste e Sul do Brasil já possuíam quase acesso universal a este benefício, enquanto as regiões Norte e Nordeste somente passaram pelo acesso majoritário deste benefício nos anos 2000 a 2010.

O processo de urbanização ter ocorrido muito antes nas regiões Sul e Sudeste contribuiu para que nestas regiões a rede de energia elétrica tenha se tornado universal anteriormente a outras partes do Brasil, mesmo que hoje a oferta deste serviço já tenha sido bastante expandida.

As taxas de serviços essenciais se combinam com as taxas de riqueza, sendo que quanto maior a renda da região, maior será a oferta de serviços básicos. Devido a isto, as políticas públicas focaram, prioritariamente, as regiões Sul e Sudeste, pois estas recebiam mais investimentos internos e externos (ARRETCHE, 2015).

Figura 2.5 - População com acesso à rede geral de energia elétrica - Brasil, 1970-2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2010. (Tabulações especiais do CEM) *apud* ARRETCHE (2015).

Ainda é importante ressaltar que foi lançado em 2003 o “Programa Luz para Todos”, pelo governo federal em parceria com governos estaduais e a iniciativa privada, o qual tinha como meta levar luz para todos os municípios do Brasil, assim diminuindo as disparidades de acesso à energia elétrica no Brasil.

Nos estudos prévios ao programa foi verificado que 80% dos municípios rurais careciam de acesso à energia elétrica e outros serviços, e que então eram os mais afetados pela falta de serviços básicos, principalmente devido à baixa renda que era inferior a três salários mínimos. O programa Luz para Todos vislumbrou incluir famílias de baixa renda ao acesso à energia elétrica para chegar a universalização desse serviço no país. Após maior inclusão de diversas famílias a esse serviço houve uma melhora no padrão de qualidade de vida em diversos aspectos como renda, educação, serviços médico-hospitalar, higiene e acesso a alimentação (MME – LUZ PARA TODOS²⁰). A importância desse programa lançado no início do governo Lula foi o maior desenvolvimento nas áreas de maior vulnerabilidade do país e consequentemente maior inclusão da população e esse serviço essencial.

Em relação à Figura 2.6 observa-se que o acesso da população à rede de água ainda é bastante desigual em relação à rede de energia, pois devido a diversas políticas de ampliação da rede hidrelétrica do país outras regiões, ainda que não consideradas prioritárias, conseguiram se beneficiar tardiamente deste benefício. Porém, quando se observa a rede de água, a expansão deste serviço ainda se encontra deficitária na região Norte.

Vale ressaltar que a expansão do acesso à água resulta também na diminuição das taxas de mortalidade infantil, o que está corroborado pelo confronto entre as Figuras 2.2 e 2.6, sendo pertinente associar as maiores taxas de mortalidade infantil das regiões com menor acesso a água encanada e limpa. Quando o acesso a estes serviços básicos aumenta, ocorrem diretamente proporcional diminuição das taxas de mortalidade.

²⁰ Site: <http://www.mme.gov.br/web/guest/publicacoes-e-indicadores/programa-luz-para-todos/cartilha-informativa>. Consultado em 12 de agosto de 2018.

Figura 2.6- População com acesso à rede de água - Brasil 1970-2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2010. (Tabulações especiais do CEM) *apud* ARRETCHE (2015).

Em relação ao acesso à rede de esgoto sanitário (Figura 2.7), os índices do Brasil demonstram ainda maior disparidade entre as regiões, mesmo nos anos 2010. A rede de tratamento de esgoto é claramente mais presente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, enquanto nas regiões Norte e Nordeste este índice apresenta distribuição desigual.

Figura 2.7- População com acesso à rede geral de esgoto - Brasil, 1970-2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2010. (Tabulações especiais do CEM) *apud* ARRETCHE (2015).

As disparidades encontradas na distribuição dos serviços essenciais para a população são relevadoras das desigualdades que acometem as regiões do Brasil, pois a desigualdade não ocorre apenas no PIB per capita, ela também apresenta múltiplas facetas, inclusive, da disparidade de recursos públicos enviados para cada região acarretando em padrões de vida desiguais.

Essa realidade do Brasil apesar de ter melhorado acentuadamente nos últimos anos ainda permanece, ou seja, uma parte da população com o acesso limitado a infraestrutura e serviços. No cenário socioeconômico brasileiro, apesar de socialmente termos obtidos melhora na qualidade de vida da população, nos últimos cinquenta anos, os dados censitários

demonstram que melhorias nas Regiões Norte e Nordeste ainda são inferiores das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Apenas nos governos Lula (2003- 2006 e 2007-2010 percebe-se uma inversão desta lógica, com mais investimentos voltados para a região Nordeste no objetivo de universalizar os serviços essenciais na região (ARRETCHE, 2015).

O ano de 2010 pode ser considerado como o legado do governo Lula no combate à desigualdade territorial de acesso a serviços essenciais. Em termos territoriais, o Nordeste é a região mais beneficiada na expansão das taxas de cobertura: ampliou-se seus serviços de abastecimento de água e de coleta de lixo, bem como universalizou o acesso à rede de energia elétrica.

Em suma, nos últimos quarenta anos, a prosperidade – entendida como renda e acessos a serviços – teve considerável expansão, mas apresentou clara desigualdade territorial (ARRETCHE, 2015: 218).

A distribuição espacial da oferta de serviços essenciais no Brasil revela uma profunda desigualdade de renda, porém também de acesso a serviços, uma vez que mesmo a população com uma renda média e residente em determinadas regiões do Brasil, podem não ter acesso a determinados serviços, que não são oferecidos. Apesar de esses dados mostrarem a diminuição da pobreza, de modo geral, em todo o território brasileiro, a riqueza aumentou na mesma proporção e ficou concentrada nos estados do Sudeste e Sul, ou seja, os últimos cinquenta anos em diversos governos não diminuíram as disparidades territoriais produzidas desde o período do Brasil colonial (ARRETCHE, 2015).

A distinta inserção diferente de cada região na economia do país resulta em desigualdades territoriais. Ainda hoje o comando econômico do país encontra-se nas mãos dos capitalistas das regiões Sul e Sudeste. Mesmo com o avanço econômico e os planos aplicados ao Nordeste, em especial a partir dos anos de 1990 com o Prodetur, as disparidades socioeconômicas no território permanecem inalteradas.

3. O turismo como estratégia de desenvolvimento

O espaço é o *locus* da manifestação do modo de produção capitalista, em que este ordena tanto a disposição espacial como também estabelece o modo de vida condizente com o sistema vigente. Assim, o espaço não é apenas um mero palco, estático, no processo de acumulação capitalista, pois ele se comporta também como o próprio meio pelo qual o capital irá se reproduzir ampliamente, (re)construído e desconstruído de acordo com as necessidades da acumulação capitalista (HARVEY, 2006).

O espaço é o lugar do consumo, porém, a tendência do mundo globalizado é que, para se reproduzir ampliamente, o capital acabe tornando o espaço simultaneamente passível de ser consumido. Neste caso, a atividade turística e o lazer permitiriam a sua mercantilização. A utilização do lugar passa a ser cada vez mais orientada pelo mercado que determina o seu valor de troca, o que consequentemente modifica o valor de uso de cada fragmento do espaço. O valor de uso dos lugares neste momento é dado pela funcionalidade de cada fragmento e este é reinventado pelo turismo de acordo com as estratégias de reprodução do capital (CARLOS, 1999).

[...] o cenário em que realiza o processo se apoia no desenvolvimento do “mundo da mercadoria”. Na realidade espacial, o processo de reprodução indica a tendência da predominância da troca em relação ao uso. O espaço-mercadoria, cada vez mais preso ao universo da troca, fragmentado pelo processo de compra e venda, impõem importantes transformações no plano de uso e do consumo do espaço (CARLOS, 1999: 176).

Como salienta Carlos (1999), os lugares tornam-se mercadorias com funções diferentes, o que orientará seu valor de acordo com a sua utilidade. A modificação do valor de uso dos lugares se dá pelo fato de que, a partir do momento que o mesmo tem valor de troca, se estabelece uma nova apropriação dos lugares orientada pelo mercado. Esta nova apropriação inclusive limita a utilização de cada lugar, onde o acesso passa a ser estratificado de acordo com cada classe social.

Assim, todas as esferas da vida e do cotidiano, no capitalismo, servirão para a acumulação de capital e o espaço não será apenas o lugar de uso para exprimir o modo de vida das pessoas, ele mesmo será um meio pelo qual o capital impõe o próprio modo de vida das pessoas (LEFEBVRE, 2006; 2008). Ao focar a análise no turismo e no lazer, reconhecemos que os espaços destinados a estas atividades já são orientados para o consumo, sendo a sociabilidade pautada pela mercadoria. Com a globalização, os lugares de turismo, que antes serviam à sociabilização e ao lazer, agora são normatizados pelo capital, servindo à

reprodução do sistema. Nestes ambientes, o modo de vida é modificado e a atividade do lazer é ligada ao pagamento (CARLOS, 1999).

A mercantilização do espaço modifica os modos de vida, principalmente na atividade turística, já que esta cria simulacros ou espaços em que existe a possibilidade de “suspensão” do cotidiano.

A criação de espaços turísticos e de lazer, por exemplo, a partir de novas estratégias interfere na produção de novas centralidades, no sentido de que produz polos de atração que redimensionam o fluxo de pessoas num espaço mais amplo. Um movimento que é orientado pelo desenvolvimento da informação e do marketing, que “inventa” lugares onde as pessoas devem passar as férias, influenciando o consumidor com sua ideia de “paraísos terrestres” onde o cotidiano se encontra em aparente suspensão (CARLOS, 1999:180).

Segundo Debord (1997), a sociedade atual é pautada pela mercadoria, que ocupa todas as esferas da vida social. O espaço de convívio e lazer é substituído pelo espaço para o consumo, no qual todas as relações vividas perpassam pela troca orientada pelo capital, e mesmo os espaços voltados para o lazer são voltados para o consumo até o ponto máximo de o próprio lugar ser consumido. Exemplo disso são os ambientes criados com a única função de simular uma paisagem antes não existente, voltados para o turismo ou lazer.

Em nossa pesquisa esta análise é importante, pois os lugares considerados turísticos, pela visão do mercado, constituem ambientes pautados no consumo em que a realidade vivida pelos turistas simula ambientes fictícios e a “realidade” da vida cotidiana parece estar suspensa.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura (DEBORD, 1997: 30).

No turismo, o consumo do local passa também pela produção de “paraísos naturais”, espaços de descanso e lazer com a possibilidade de as pessoas se conectarem com a natureza. Estes espaços estão voltados para o lucro e sua acessibilidade fica condicionada a classes sociais que possuem poder de compra para usufruir de seus atrativos, sejam eles quais forem.

Assim, o próprio lazer e o turismo hoje constituem uma forma nova de mercadoria, que aparece como programa, presa ao universo do consumo do espaço. O turismo e o lazer que se transformam em mercadoria, como consequência da separação do tempo de trabalho/não-trabalho, unem-se de modo inexorável pela mercantilização dos espaços que os direcionam e os reproduzem para a aferição de lucro – o lazer se transforma em atividade geradora de lucro (CARLOS, 1999: 180).

No Nordeste brasileiro, a atividade turística encontra um amplo espectro de possibilidades de realização em função da reconhecida valorização de aspectos de sua cultura (destacando-se o carnaval baiano e os conjuntos patrimoniais tombados em diversos estados), mas especialmente de suas paisagens naturais (destacando-se praias, dunas e outras formações e vegetação características do ambiente costeiro regional). O turismo constrói infraestruturas para aumentar a acessibilidade dos turistas às belezas naturais ali existentes. Mesmo com os atrativos da natureza, as facilidades fornecidas pelos ambientes urbanos não são dispensáveis; estas se combinam no turismo criando lugares que ao mesmo tempo podem se aproveitar da natureza sem perder o conforto das áreas urbanas, ou seja, simula-se um ambiente natural, porém com a acessibilidade e tecnologia do urbano.

Para Silveira (1997), a invenção do espaço turístico conta com aptidões que são visíveis na paisagem, porém também conta com elementos invisíveis ou produções imateriais. Esses elementos materiais e imateriais são valorizados devido à publicidade que coisifica e fetichiza os lugares de acordo com o que se pretende valorizar para o mercado global do turismo. Sendo assim, “vende-se” um fragmento do espaço que é ressignificado pelos agentes globais do mercado *“Assim, o lugar turístico torna-se um produto da ciência e da tecnologia, com um conteúdo informacional e ideológico, que é capitalistamente comercializado”* (SILVEIRA, 1997: 37).

Ainda, para Silveira (1997), os fragmentos dos lugares usufruídos pelo mercado turístico são temporários, fazendo-se necessária sua permanente reinvenção para permanecer no mercado global do turismo. Por este motivo, os agentes de mercado investem na produção material - infraestruturas e lazer - para que assim os lugares possam se inserir na Divisão Espacial do Consumo Turístico; este processo acaba tornando as paisagens turísticas cada vez mais homogeneizadas.

Para garantir a expansão do capital e a inserção no mercado do turismo internacional, foram ampliados os investimentos no setor do turismo no Nordeste, tendo ocorrido o *boom* desta fase nos anos 1990 com a implantação de megaprojetos ligados à expansão do setor de hotelaria e à infraestrutura urbana, visando atender à demanda crescente de turismo que se firmava.

3.1. Megaprojetos turísticos e Prodetur-NE

Com o início da expansão de projetos turísticos na orla nordestina na década de 1990, o turismo torna-se a atividade que possibilitará a expansão do capital pela realocação de investimentos em outros setores econômicos, uma saída para a crise econômica vivida na década de 1980. O governo federal buscava assim contornar o então chamado “desequilíbrio econômico” entre as regiões, sendo o turismo o modo pelo qual o Nordeste brasileiro “dinamizaria” sua economia.

Durante e após a crise econômica do início dos anos 80, o turismo sai fortalecido e vai ser entendido pela classe política como uma saída para a crise, uma alternativa econômica capaz de soerguer as economias deprimidas dos estados nordestinos e de dinamizar a economia da Amazônia, com a “onda” do turismo ecológico.

O Nordeste começa a ser vendido como o Novo Caribe, o Novo mediterrâneo, a nova Florida. As iniciativas isoladas dos governos estaduais resultam num significativo aumento dos fluxos, tanto da demanda interna, como da demanda externa. Começam a se tornar importantes os capitais estrangeiros injetados no setor, na forma da construção de hotéis e resorts, nos moldes dos grandes centros turísticos internacionais (RODRIGUES, 1996: 149).

O turismo apoiado nas belezas naturais comandará a reordenação espacial nordestina em favor da expansão do segmento turístico “Sol e Praia”. Cabe notar que o investimento no setor turístico no Brasil não ocorre apenas a partir de 1990, porém, a partir deste momento começam a existir programas melhor estruturados e investimentos massivos no setor (RODRIGUES, 1996).

O segmento “Sol e Praia” apoia-se nas belezas naturais e encontra no Nordeste um ambiente favorável ao seu crescimento, pois é sabido que as belezas naturais da orla nordestina têm grande potencial de atração de turistas nacionais e internacionais.

Assim, a partir da década de 1990, propõe-se um reordenamento espacial pelo qual a apropriação do espaço na costa litorânea acontecerá, de forma mais intensiva, voltada para o mercado. A lógica do espaço como mercadoria será intensivamente levada a termo, já que o lazer do segmento “Sol e Praia” promove o consumo do lugar e de seus atrativos sem que se possa, muitas vezes, existir uma relação de identificação com o lugar. O lugar se torna espaço de mudanças que serão ordenadas segundo o mercado para permitir maior reprodução de capital, consumindo o próprio produto – o espaço.

Para Luchiari (1998) o desenvolvimento do turismo não depende exclusivamente de atributos naturais dos lugares, pois a atividade constrói paisagens independentes do processo natural. Essas paisagens simulam ambientes naturais e (re)criam toda uma nova

funcionalidade ligada ao consumo de mercadorias e do lugar. Essas paisagens artificiais são ordenadas segundo projetos e o mercado do turismo para atrair um fluxo cada vez maior de pessoas: *“a natureza como um dom e a cultura como diversidade são destituídas de sua autenticidade ou reproduzidas artificialmente como mercadorias de consumo. Estas, mesmo que simbólicas, são vendidas pela mídia, pelas construtoras, pelas agências imobiliárias e de turismo”* (LUCHIARI, 1998: 24).

Submetido a esta lógica da produção do espaço pelo turismo, o Nordeste brasileiro viveu profundas transformações espaciais, passíveis de serem identificadas nas novas paisagens criadas pelo e para o turismo.

As paisagens construídas como resultado de processos naturais e sociais historicamente engendrados, numa dada porção do espaço geográfico não podem ser reproduzidas a não ser no que se refere estritamente à sua aparência. Daí chamamos de artificialidades as paisagens “copiadas e coladas” pelo turismo nos territórios. [...] As paisagens artificiais criadas pelo turismo são resultantes de projetos, de planos ou de outros tipos de intervenção planejada sobre o espaço, movidas pelo objeto de (re)criar formas ou conjuntos de formas reconhecidamente atrativos para o turista. (CRUZ, 2002: 111).

Segundo Cruz (2003), o consumo do espaço pelo turismo efetiva-se através da invenção cultural dos atrativos que levam aos deslocamentos das pessoas para uma dada área. Neste sentido, o turismo se apropria de fatores climáticos, de belezas naturais, da fauna e da flora, de modo que estes se tornem atrativos e que de alguma forma motivem as viagens.

O espaço é reproduzido pelo turismo configurando-o como “atrativo”, com vistas a propiciar o lazer, o rompimento com a maçante rotina, o estresse diário, o que gera todo um simbolismo em torno desses lugares. É por meio deste processo que os agentes do *marketing* turístico “vendem” as localidades como paradisíacas, já que estes lugares se diferenciam de lugares com uma rotina comum, ligada ao mundo do trabalho.

Esta quebra de rotina, o tempo do ócio e do descanso são mercantilizados pelo turismo, ou seja, o tempo do ócio no turismo passa a ser o tempo da produtividade também - o ócio produtivo (SILVEIRA, 1997). Desta forma o momento do descanso é aproveitado pelo mercado turístico e condicionado ao tempo do consumo – seja do espaço ou dos produtos ligados a ele - a “improdutividade” das férias é a base produtiva dos serviços turísticos. No capitalismo, por meio do turismo, inclusive o tempo do lazer e descanso são incorporados ao tempo de reprodução do capital – ócio no turismo é o tempo para consumir o lugar e os atrativos oferecidos pelo mesmo; o tempo é administrado a fim de torná-lo mais lucrativo (SILVEIRA, 1997).

Carlos (1996) trata os lugares “inventados” ou produzidos pelo turismo como simulacros, onde é simulado um cotidiano, uma configuração espacial sem uma identificação com a construção histórica do lugar. Estes lugares são apropriados pelo mercado, que edifica uma rede de produtos voltados para o consumo do turista, intermediando sua relação com o lugar.

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificando de lazer, ilusório onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” para a multidão amorfa através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega as manipulações desfrutando a própria alienação (CARLOS, 1996: 109).

Os ambientes edificados simulam, seduzem e principalmente escondem a realidade local, criando ilhas da fantasia, em que teoricamente tudo é permitido, fazendo com que o plano de interação do turista com o lugar se limite ao consumo.

Por um lado, todo o tempo do turista é agenciado, de modo que seu tempo de ócio seja, integralmente, um tempo de consumo, de consumo do lugar turístico. Poucos turistas ousam escapar da rigidez dos programas e horários estabelecidos pelos pacotes turísticos. Os “passos planejados” dos turistas não lhe permitem mais do que uma apropriação fugidia do território visitado, além do ambiente do próprio hotel. Por um lado, a “coleção de lugares visitados” tem uma conotação de status social fundamental no ranking imaginário de turistas. Conhecer (na verdade, passar por) diferentes lugares, no menor tempo possível (tempo é dinheiro!), inibe qualquer envolvimento maior entre o visitante e o lugar visitado (CRUZ, 1999: 23).

Desdobramentos espaciais da produção recente dos espaços litorâneos nordestinos pelo e para o turismo são visíveis como o aumento da exclusão de uma parcela da população, uma vez que o novo reordenamento espacial que a demanda turística necessita visa atender, prioritariamente, aos viajantes. Outra face desse processo é que, a partir do momento em que as praias nordestinas começam a receber mais e mais turistas, concomitantemente, aumenta a procura pelo turismo sexual.

Como mencionamos anteriormente, o turismo será o setor responsável pelo desenvolvimento e a nova inserção da região Nordeste a economia brasileira. A partir de 1960 o governo começa a buscar outras matrizes produtivas para a inserção do Nordeste na economia nacional, a fim de promover maior integração e resolver os problemas de desigualdade e atraso econômico da região.

Por muitos anos a região Nordeste foi considerada “região problema” do Brasil, devido seu atraso econômico e dificuldade de integração na economia nacional. Com a criação da Sudene começa a existir maior empenho em introduzir políticas públicas que

visassem modernizar a região. A implantação de polos industriais, a modernização da agricultura e o turismo passam a ser as formas que dinamizar a economia do Nordeste.

Nesse momento a Sudene limitava-se a reconhecer a importância da atividade para a região e definir os polos turísticos, no entanto não existia nenhuma política efetiva para o desenvolvimento do turismo na região.

Até 1960 as políticas de desenvolvimento do turismo eram difusas e nem sempre bem estruturadas. Muitos dos conselhos e órgãos que foram criados para o desenvolvimento da atividade eram contraditórios e nem sempre tinham clareza das suas funções para o desenvolvimento do turismo. Cabe lembrar que até 1960 a pobreza e o atraso da região eram justificados devido seus fatores naturais. Ao clima semiárido era atribuído todo o problema da região, onde a seca foi naturalizada como sujeito do atraso econômico do Nordeste. Com a criação da Sudene foram introduzidas políticas que negavam esse discurso determinista.

Em 1966 cria-se o Conselho Nacional de Turismo (CNTur) e a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), quando segundo Cruz (1999) se reconhece o turismo como atividade capaz de diminuir as diferenças regionais e integrar mais as regiões do Brasil. No ano posterior, é criado o Sistema Nacional de Turismo, unindo a CNTur, a Embratur e o Ministério de Relações Internacionais, onde ficariam responsáveis por criar uma política nacional de desenvolvimento do turismo no país.

No entanto, Cruz (2001), assevera que mesmo com papéis definidos para cada um desses órgãos, estes não atuavam fielmente a suas atribuições. Cabia a CNTur formular diretrizes para o turismo nacional e a Embratur ficaria responsável por implementar essas diretrizes. Contudo essas atividades não ocorriam dessa forma harmoniosa, a Embratur adquiriu no período atribuições e importância maior do que havia lhe sido atribuído. A longo prazo a CNTur foi extinta (em 1991) durante a reformulação administrativa do governo Collor. A partir desse momento a Embratur 1991 ficou responsável por formular, coordenar e executar políticas para o turismo (MACEDO, 2017).

Entre 1960 e 1990 as políticas e instancias ligados ao turismo passaram por muitas reformulações, diversos órgãos foram criados e extintos, havendo nesse período uma “incerteza jurídica” na elaboração e aplicação das políticas relacionadas ao turismo (MACEDO, 2017).

A partir de 1970 os estados da região Nordeste começaram a criar e implementar seus próprios órgãos oficiais ligados ao turismo. Esses órgãos buscavam parcerias com os órgãos federais, principalmente a Embratur, para aplicar políticas de desenvolvimento do turismo.

Nesse momento o Nordeste passa a receber mais investimentos na tentativa de integrar a região ao cenário econômico nacional.

Entre 1974 a 1979 foi desenvolvido o II Plano Nacional de Desenvolvimento, onde a atividade turística amplia seu espaço na agenda governamental, sendo considerada uma prioridade. As políticas públicas que foram planejadas focando especificamente estratégias urbanas consideravam a ocupação e ordenação da orla litorânea, a preservação do patrimônio histórico e valorização das paisagens naturais, que possibilitariam o desenvolvimento do turismo no mercado nacional e internacional (BRASIL, 1974 *apud* MACEDO, 2017).

De 1960 a 1990 o turismo começa a ampliar seu espaço no cenário econômico nacional, sendo formulados diversos planos e criados órgãos estatais visando amenizar o desequilíbrio econômico entre as regiões do Brasil por meio do turismo. Em 1990 o turismo assume um papel de destaque nas políticas públicas regionais e federais para a região Nordeste.

Em 1992, a Embratur ganha novas atribuições, uma nova Política Nacional de Turismo é criada e a atividade passa a ser considerada como geradora de renda. O Plantur, Plano Nacional de Turismo, implementa uma política nacional para o turismo composta de oito programas. No entanto, por serem desarticulados e sem coerência esses planos fracassaram (RODRIGUES, 1996 *apud* MACEDO). Contudo as diretrizes básicas previstas pelo Plantur serão importantes para a gestão do Prodetur/NE (MACEDO, 2017).

Ainda em 1992, é criado o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, sendo assim a atividade turística ganha status de Ministério, ainda que se trate de um Ministério “misto”. A inclusão do Turismo em nível de ministério é significativa para nos indicar como essa atividade foi ganhando maior espaço na agenda econômica do país. Ainda, para Cruz (2001), o turismo aumenta sua importância no cenário nacional no final da década de 1990 devido principalmente a maior valorização da atividade em âmbito mundial.

É nesse contexto histórico, de valorização do turismo no Brasil que em 29 de novembro de 1991, foi instituído pela Portaria Conjunta Sudene e Embratur o Prodetur/NE, Programa de Desenvolvimento do Turismo, financiado pelo BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento, e com execução do BND, Banco do Nordeste do Brasil. O programa foi implementado em 19 de março de 1993 induzido pelo projeto do governo Collor.

O objetivo geral do programa seria reforçar a capacidade da Região Nordeste em manter e expandir sua crescente indústria turística contribuindo assim para o desenvolvimento socioeconômico regional através de investimentos em infraestrutura

básica e serviços públicos em áreas atualmente de expansão turística (MACEDO, 2017 *apud* BNB, 2005: 137).

O Prodetur/ NE I será concebido no intuito de financiar investimentos no setor de infraestrutura básica na área litorânea dos estados nordestinos que foram considerados com maior potencial turístico – principalmente nos estados do Ceará, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Figura 3.1).

Considerando que muitos estados nordestinos careciam de infraestrutura básica o programa se “faz as vezes” de uma política urbana, segundo Cruz (1999). Devido aos péssimos indicadores socioeconômicos do Nordeste, o turismo será apresentado como política para a resolução das mazelas sociais que atingiam a população da região, pois essa atividade iria criar empregos, aumentar a renda per capita e a arrecadação tributária dos estados do Nordeste.

O Prodetur/NE surgiu posterior à política dos “megaprojetos”, que começaram a serem implementados no Nordeste nas décadas de 1970 e 1980, visando aumentar principalmente a infraestrutura hoteleira em centros turísticos litorâneos. O desenvolvimento dos “megaprojetos” foi restrito a alguns estados da região Nordeste, não abarcando assim toda a região. Já o Prodetur insere-se na lógica da “indústria turística” que prevê a construção de infraestrutura para ampliar o potencial de investimentos turísticos na região.

Figura 3. 1 - Áreas definidas como prioritárias para atuação da fase I do Prodetur-NE

PRODETUR-NE
Áreas definidas pelas estratégias turísticas dos Estados (1995)

Fonte: Bando do Nordeste do Brasil, abr/1995 *apud* CRUZ (1999).

O programa será um marco para as políticas de desenvolvimento do turismo na região. E em 1996 ganhará impulso e passará a integrar o plano prioritário de desenvolvimento da região. Segundo MACEDO (2017), “o Prodetur/NE exerceu papel de consolidador do turismo, estabelecendo padrões para planejamento e ordenamento territorial dessa atividade na região Nordeste” (MACEDO, 2017: 140). Sendo o principal programa norteador do turismo no Nordeste o Prodetur/NE irá estabelecer diretrizes e unir políticas para o desenvolvimento do turismo regional.

Utilizando o modelo de desenvolvimento do turismo em escala industrial, o programa apoia-se em modelos estabelecidos em Cancun, no México, privilegiando o litoral nordestino para abarcar obras de infraestrutura. As regiões privilegiadas foram as áreas metropolitanas, pois estas já possuíam alguma infraestrutura urbana.

No modelo de turismo “Sol e Praia” os atributos naturais serão altamente valorizados, destacando-se neste caso, uma inversão na abordagem da natureza, dada o fato de os altos

níveis de insolação serem historicamente considerados um problema; com o turismo esta passa a ser uma característica de grande valor (MACEDO, 2017).

Cabe ressaltar que o Prodetur/NE I foi dividido em duas fases de implementação. O Prodetur/NE I consistia na fase de investimentos, principalmente, nos considerados Polos Turísticos do Nordeste. Os estados beneficiados pelo programa receberam investimentos para implementar programas de infraestrutura urbana básica e serviços públicos. Esses investimentos serão considerados indutores de atração de capital privado para a região. O Prodetur-NE II teve início em 1999, e foi encerrado em 2015. A segunda fase consiste em reparar os impactos negativos gerados pelo Prodetur -NE I e avançar nos investimentos turísticos nas regiões consideradas Polos Turísticos. O Prodetur-NE II, também, ampliou as áreas consideradas Polos do Turismo entre os estados nordestinos e, incluiu, no programa o Norte de Minas Gerais e o Espírito Santo.

O programa teve como objetivos, a construção de uma rede de infraestruturas elementares que possibilitassem o desenvolvimento urbano, a fim de atrair investimentos privados para a região Nordeste em setores das áreas de construção e hotelaria. Neste sentido, o Prodetur/NE, consistiu em um projeto de urbanização para o turismo, no qual as infraestruturas planejadas almejavam o futuro uso dos lugares para o turismo. Os atributos naturais na região Nordeste foram a “aposta” que criou expectativas de um possível aumento do turismo na região, por meio do modelo “Sol-Praia” (CRUZ, 1999).

O Prodetur-NE é um dos mais importantes desdobramentos da política de megaprojetos turísticos reforçando o modelo de concentração espacial da infraestrutura que está no cerne dessa política. O programa abarca, nessa primeira fase, três das quatro áreas eleitas pelos megaprojetos (excetuando-se apenas o projeto Linha Verde) e outras “áreas em expansão turística” (BNB, abril/95), promovendo as mesmas da necessária e precária – por vezes inexistente – infraestrutura básica e de serviços públicos. Neste sentido, acaba por se configurar como uma política urbana, movida pelo objetivo geral de facilitar a expansão da atividade turística na região, cuja estratégia principal é a criação daquela infraestrutura, entendida como âncora para a atração de investimentos privados (CRUZ, 1999: 151).

Como já mencionamos, a infraestrutura é um importante fator material que contribui para a produção do “lugar turístico”. A implementação de estruturas e equipamentos como rede de saneamento, rede hoteleira, transporte, iluminação e lazer contribuem para a produção de benefícios e atrativos de um lugar. Destacamos anteriormente que nenhum lugar é por princípio turístico e não são somente os atributos dados com “naturais” possibilitarão um lugar tornar-se destino turístico. Um lugar turístico precisa estar constantemente se recriando para não ficar obsoleto, ou seja, os investimentos em benefícios de lazer e infraestrutura são

importantes para que um lugar continue a se destacar no mercado do turismo global (SILVEIRA, 1997).

As obras do Prodetur/NE I se iniciam em 1994 sendo priorizadas obras e investimentos em infraestrutura viária, saneamento básico, abastecimento de água, manejo de resíduos sólidos e reestruturação de aeroportos. A maioria delas visavam o setor urbano e de acesso. Nessa fase do programa pouco se investiu em equipamentos turísticos, devido a isso que o programa será considerado por Cruz (2001) um processo de urbanização para o turismo e não exatamente uma urbanização turística²¹.

Analisando a tabela a seguir (Tabela 3.1), veremos que os setores de investimento do Prodetur-NE I se voltaram para a criação de uma rede básica de benefícios para as cidades litorâneas, que ainda não possuíam estes serviços considerados elementares. Estes investimentos objetivaram atrair então a atenção do capital privado para a região, principalmente, do setor hoteleiro (CRUZ, 1999).

²¹ A urbanização turística refere-se a construções voltadas para a indústria do turismo. Edificadas pelo poder público ou privado visam inserir os lugares no mercado do turismo. A urbanização turística organiza e (re)cria o espaço voltado para o consumo de bens, paisagens e do próprio lugar visando assim inseri-los na economia global. A produção de imagens atrativas é importante, pois estas permitem potencializar o consumo turístico (LUCHIARI, 1998).

Tabela 3.1 - Distribuição dos recursos do Prodetur-NE ²²

Distribuição de recursos previstos para a Fase I do Prodetur -NE, por estado e por projeto (em US\$ 1.000,00)*

Estado	Sistema viário/ Drenagem	Rodovia	Abast. Água	Esgot. Sanitário	Limpeza Urbana	Rec. Pres. Ambiental/ Patrimônio Histórico	Des. Institucional	Aeroporto/ Terminal Marítimo*	Total recursos
MA						43.900	2.370	8.350	54.620
PI	1.000	11.400	15.000	2.000	500	1.800	3.000	2.085	36.785
CE		29.191	7.100	20.370		5.123	4.300	60.500	126.584
RN	10.868	3.266	1.751	5.772	3.120	993	3.480	15.700	44.950
PB	563		1.621	22.086	2.205	7.379	2.790		36.644
PE	8.450	7.756	15.647	13.113	1.536	2.572	1.740	825**	51.639
AL	17.218		3.008	17.325	4.948	5.851	6.650		55.000
SE		11.792	14.630	24.409			3.440	6.710	60.981
BA		19.067	6.610	18.708	1.586	770	3.015	5.700	55.456
Total	38.099	82.472	65.367	123.783	13.895	68.388	30.785	99.875	522.659

Fonte: BNB (OUT/1995) *apud* CRUZ (1999).

As obras realizadas pelo Prodetur/NE I eram consideradas prioritárias para o BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento. O programa previa investimentos em 3 eixos.

- a) Desenvolvimento Institucional, visando o fortalecimento das instituições responsáveis pela coordenação das ações ligadas ao turismo, nos estados e municípios;
- b) Obras Múltiplas, integrando um conjunto amplo de obras em cinco setores: saneamento, manejo de resíduos sólidos, proteção e recuperação ambiental, transporte e patrimônio histórico;
- c) Melhoramento de aeroportos, prevendo a reforma dos aeroportos de cinco das capitais nordestinas (São Luís – MA, Fortaleza – CE, Natal – RN, Aracaju – SE, Porto Seguro – BA) (MACEDO, 2017: 147).

Observando a distribuição dos investimentos percebemos que boa parte dos mesmos foi alocada para as áreas de saneamento e rede de esgoto, rede de abastecimento de água, limpeza urbana, recuperação de patrimônios histórico e naturais, obras viárias e aeroportos. As obras de serviços essenciais demonstravam a precariedade, até então, de infraestrutura urbana que atingia alguns estados do Nordeste.

A determinação de onde adviriam os recursos ocorreu de acordo com a “Estratégia de Desenvolvimento Turístico”, elaborada por cada estado participante da primeira fase do

²² * Os valores expostos neste quadro incluem as duas fontes de financiamento de Programa (BID e contrapartida local).

** O estado de Pernambuco é o único que prevê a utilização de recursos do Prodetur para a construção de um terminal marítimo (CRUZ, 1999).

programa. Nesta fase foram previstos gastos de 800 milhões – 400 milhões seria do BID e 400 milhões de contrapartida local. Esse investimento foi redefinido devido aos estados possuírem dificuldades com o montante – 670 milhões, onde 400 viriam do BID e 270 milhões de contrapartida local (MACEDO, 2017).

Observando a Tabela 3.2 dos gastos do programa na fase inicial percebe-se que a maioria dos investimentos foram alocados para infraestrutura básica e serviços públicos e depois para melhoramento dos aeroportos.

Vale ressaltar que a modernização, ampliação e internacionalização dos aeroportos nordestinos desempenha um papel fundamental na inserção da região nas rotas do turismo sexual internacional, ainda que, por óbvio, não tenha sido este o fim último por trás dessas obras.

**Tabela 3.2 – Prodetur/NE fase I – Valores aplicados por componente e fonte
(US\$ milhões)**

COMPONENTES	Elementos dos Componentes	BID	LOCAL	BID+LOCAL	TOTAL	(%)
Componente A	Desenvolvimento Institucional	16,010	5,777	21,787	21,787	3%
Componente B	Saneamento	118,256	43,012	161,268	369,647	59%
	Prot. e Recuperação Ambiental	6,304	14,246	20,550		
	Transportes	109,944	32,253	142,197		
	Recup. de Patrimônio Histórico	35,036	10,596	45,632		
Componente C	Aeroportos	108,681	114,779	223,460	223,460	36%
Componente D	Estudos e Projetos	2,371	8,701	11,072	11,072	2%
TOTAL		396,602	229,364	625,966	625,966	100%

Fonte: BNB (2005) *apud* MACEDO, M. B. (2017: 151).

A distribuição dos recursos do Prodetur/NE também é algo que cabe o destaque como podemos perceber no Gráfico 3.1 – os valores serão distribuídos desigualmente por cada estado participante do programa.

Gráfico 3.1 – Porcentagem do valor contratado por entes participantes – Prodetur/NE I

Fonte: BNB (2005) – Anexos ao Memorando do Executor *apud* MACEDO, M. B. (2017: 153)

Os estados da Bahia e Ceará receberam maior quantia dos recursos do programa, mostrando desníveis quanto a distribuição dos investimentos destinados para os estados nordestinos. Consequentemente pode-se perceber que essa distribuição foi determinante para fazer com que os estados que possuem o setor turístico mais estruturado foram também os que receberam maior quantidade de investimentos.

Em relação aos cronogramas do Prodetur/NE I estava previsto inicialmente que as obras da fase I seriam concluídas em 1999, no entanto a fase I terminou somente em 2005.

O Prodetur/NE II teve o objetivo de resolver os impactos deixados pelo Prodetur/NE I. A segunda fase do programa foi pautada pelos PDITS, Polos/Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável, sendo ampliada a área de abrangência do programa, inclusive em áreas não litorâneas. Cada estado ficou responsável por elaborar seus PDITS, que visavam explorar a capacidade de cada estado no desenvolvimento do turismo sustentável (MACEDO, 2017).

Em 2002 o BND e o BID autorizaram recursos para o início da segunda fase do Prodetur/NE, os valores seriam de 400 milhões, sendo 240 ofertados pelo BID e 160 milhões da contrapartida local. Para que cada estado recebesse o empréstimo deveria elaborar seu PDITS, que seria condição para o recebimento do empréstimo.

Devido a dificuldades técnicas e administrativas muitos estados não receberam o empréstimo, de fato somente seis dos nove estados abarcados pelo Prodetur/NE II receberam o valor para execução da segunda fase do programa. Novamente ocorrerão desníveis quanto o recebimento de recursos pelo programa, alguns estados continuaram recebendo maior quantidade de investimentos em detrimento a outros.

Observando a tabela 3.3 podemos notar as discrepâncias de quantidade de recursos destinados a cada estado. Os estados da Bahia, de Pernambuco e do Ceará irão receber juntos mais da metade dos investimentos.

Tabela 3.3 - Prodetur/NE fase II – Investimentos em cada estado de acordo com fonte de financiamento

ESTADO	VALOR APLICADO (milhões de US\$)			
	BID	Contrapartida	TOTAL	Porcentagem
BAHIA	38.947.000,00	46.878.000,00	85.825.000,00	21,94%
RIO GRANDE DO NORTE	21.383.000,00	16.086.000,00	37.469.000,00	9,58%
PERNAMBUCO	75.072.000,00	37.461.000,00	112.533.000,00	28,77%
CEARÁ	60.239.000,00	27.604.000,00	87.843.000,00	22,46%
PIAUÍ	14.786.000,00	12.517.000,00	27.303.000,00	6,98%
MINAS GERAIS	26.889.000,00	13.292.000,00	40.181.000,00	10,27%
TOTAL	237.316.000,00	153.838.000,00	391.154.000,00	100%

Fonte: BNB (2012) *apud* MACEDO, M. B. (2017: 174).

Analisando a distribuição dos recursos das duas fases do Prodetur percebemos que esse reforçou o desenvolvimento desigual regional. Os estados que receberam maior quantidade de recursos já possuíam um certo grau de desenvolvimento da atividade turística. Já outros que careciam de melhores infraestruturas urbanas ficaram a margem do processo.

Nos mapas a seguir veremos a área de abrangência do Prodetur fase I e fase II. Quando observamos as áreas que correspondem a abrangência do programa fica claro que o Prodetur reordenou principalmente o espaço litorâneo do Nordeste (Mapa 3.1).

Mapa 3.1 – Abrangência do Prodetur/NE I e Prodetur/NE II nos estados nordestinos

Fonte: PDITS dos estados nordestinos *apud* MACEDO, M. B. (2017: 33).

Mesmo na fase II, em que eram previstas outras metas que focavam no desenvolvimento do turismo sustentável, ainda a maior parte dos recursos ficaram concentrados nas obras de melhoria urbana.

Importante, também, ressaltar a grande quantidade de investimentos que receberam os aeroportos nordestinos. As obras nos aeroportos já estavam previstas na fase I do programa, que previa reformar cinco aeroportos, porém posteriormente foram incluídos outros três:

Quanto ao Componente C, no início estava prevista a reforma de cinco aeroportos; porém, posteriormente foram incluídos mais três aeroportos e, ao final, oito aeroportos foram reformados (7 controlados pela EMBRAER e 1 controlado pelo Estado da Bahia): Aeroporto Cunha Machado (São Luiz-MA); Aeroporto Pinto Martins (Fortaleza-CE); Aeroporto Augusto Severo (Natal-RN); Aeroporto Santa Maria (Aracaju-SE); Aeroporto de Porto Seguro (Porto Seguro-BA); Aeroporto Deputado Luís Eduardo Magalhães (Salvador-BA); Aeroporto de Lençóis (Lençóis-BA); Aeroporto de Guararapes (Recife-PE) (MACEDO, 2017: 160).

As obras viárias permitiram que algumas cidades do Nordeste pudessem receber voos internacionais diretos, sem a necessidade de escala pelos aeroportos da região Centro-Sul. Isso facilitou e aumentou o fluxo de viagens internacionais com destino as principais capitais do Nordeste.

Quando observamos os últimos cinquenta anos do desenvolvimento das regiões do Brasil e analisamos a distribuição de serviços básicos pelo país, percebemos que apenas nos anos 1990 a 2010 estes passaram a ser distribuídos mais regularmente na região Nordeste. Como podemos notar, os objetivos do Prodetur, envolvendo a implementação de obras e serviços urbanos nas áreas litorâneas que careciam destes serviços convergem com os objetivos das políticas mais gerais e voltadas a minimizar as desigualdades regionais.

A Indução de investimentos em infraestrutura turística constitui objetivo central do Prodetur-NE e a estratégia adotada para alcançar este fim é o **provimento de infraestrutura básica e de serviços públicos para áreas em expansão turística, onde a capacidade do estado não acompanhou a demanda por tais serviços**²³ (BNB, 1995:1). Neste sentido, o Programa, concebido como uma política de turismo, faz “as vezes” de uma política urbana (CRUZ, 1999: 133).

Conforme aponta Cruz (1999), os projetos turísticos implementados no Nordeste brasileiro inspiram-se em projetos aplicados em Cancun e Acapulco, no México, que visavam criar “ilhas da fantasia”, ou seja, construir verdadeiros paraísos terrestres, com a infraestrutura urbana e apoiados nas belezas naturais. A finalidade foi promover a atração de turistas, sobretudo estrangeiros, para essas áreas. Estes projetos espelhavam-se na “indústria do

²³ Grifo nosso

turismo internacional” para (re)criar todo um aparato de urbanização para o turismo em áreas com um nível de urbanização pequeno ou até mesmo inexistente.

Ambas as políticas aplicadas à região (política de megaprojetos e Prodetur-NE) promoveram (re)configurações espaciais, possibilitando que o turismo fosse um fator motivador da apropriação e produção espacial, principalmente, nas áreas litorâneas do Nordeste. Além disso, atuaram concomitantemente, uma vez que os investimentos em obras e serviços previstos pelo Prodetur garantiam a construção de uma rede de serviços urbanos básicos que são fundamentais para a implementação de redes hoteleiras e *resorts* previstos na política dos megaprojetos (CRUZ, 1999).

O Estado atuou então como um interventor, promovendo a desvalorização do capital por meio da construção de infraestruturas básicas e investimentos na divulgação das potencialidades nordestinas, cabendo ao capital privado preencher estes espaços com empreendimentos, serviços e valorização imobiliária. Essa combinação permitiu um novo momento na economia das cidades litorâneas do Nordeste.

O setor turístico compõe-se de uma multiplicidade de atividades que inicialmente referem-se à produção concreta de um lugar: delimitação espacial, criação de infraestrutura – de todos os tipos desde estreitos caminhos, heliporto – autoestradas, aeroportos, hotéis e tudo que ele implica (inclusive maravilhosas cascatas artificiais, ou mesmo cenários exuberantes que descaracterizam ou mesmo não guardam nenhuma semelhança com o lugar original onde se encontram), ruas centros comerciais, áreas de restaurantes, podendo comportar cidades inteiras. Envolve além da indústria da construção outras, como a têxtil que produz, em todos os lugares, camisetas com as inscrições que marcam presença dos turistas, a indústria alimentícia ou mesmo de bebidas, a indústria gráfica e editorial com a produção de centenas de títulos sobre os “lugares paradisíacos”, que direcionam os fluxos e os passos dos turistas; mas também cria um vasto setor de comercialização de serviços de todos os tipos desde as agências com seus guias e sacolas uniformizados, até o atendimento pela *internet*, além de uma mídia muito bem montada sem a qual o turismo – enquanto mercadoria – não poderia se desenvolver num contexto de lugares mundializados (CARLOS, 1996: 112).

O setor turístico mobiliza diversos ramos econômicos pelo qual a acumulação de capital pode efetivar-se em distintos setores da economia. Motivo este pelo qual se tem percebido um avanço dos investimentos no turismo, exatamente pelo fato de que este possibilita a articulação com outros setores econômicos (CARLOS, 1996).

Com os projetos de desenvolvimento turístico no Nordeste, o capital privado possui uma funcionalidade de gerenciar uma rede de serviços destinados aos turistas, que movimentará o setor imobiliário, promovendo a valorização urbana das áreas costeiras. Estas áreas passam a ser destinadas para o lazer e o consumo do espaço, como ressalta Carlos (1996), pelo qual estes novos espaços passam a ser consumidos pelo turista.

Cabe ressaltar que o discurso promovido pelo Estado para a expansão turística como um vetor de desenvolvimento, adequando-se à concepção de promover a valorização dos lugares aliada ao discurso de desenvolver, preservando a natureza ou aproveitando de seus recursos sustentavelmente. O que realmente se esconde por detrás de tais discursos é que o turismo, na realidade, cria simulacros artificiais que utilizam a paisagem natural para criar áreas combinando a urbanização com a natureza. Podemos pensar em verdadeiros paraísos naturais construídos, ou seja, paraísos artificiais, pois a rede estrutural que se adéqua para que neste local possa existir a atividade turística massiva acaba edificando toda a área a favor de propiciar ali um maior desenvolvimento econômico. A preservação da natureza, ou a utilização dela para o turismo, é na verdade apenas o pano de fundo de toda uma rede estrutural voltada para o mercado do turismo.

Como, todavia, a produção do espaço remete a um processo conflituoso e contraditório, a racionalidade que move o planejamento do uso do território não é capaz de prever e muito menos controlar os seus desdobramentos.

No caso do Nordeste, o crescimento do turismo sexual internacional liga-se, intimamente, à reestruturação geral pela qual passou o litoral nordestino, promovida pela política de megaprojetos e pelo Prodetur-NE.

3.2. Os planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS

As cidades de Fortaleza (CE), Natal (RN), Recife (PE) e Salvador (BA) estão entre as localidades contempladas pelos investimentos do Prodetur-NE a partir de 1991, ou seja, começaram a receber investimentos estatais para consolidação da uma infraestrutura urbana que posteriormente atraiu capital privado para a construção de uma ampla rede hoteleira. Essas cidades muito antes de serem focos do turismo sexual já ocupavam lugar de destaque no mapa do turismo brasileiro.

O estado do Ceará possui três polos turísticos definidos pelos PDITS, segundo o Prodetur- CE. A cidade de Fortaleza está inclusa no Polo Costa do Sol Nascente, sendo este o que mais recebe turistas segundo as pesquisas da Secretaria do Turismo do Estado do Ceará (2011). Nesse polo os principais atrativos são o litoral costeiro e o sol que está presente a maior parte do ano o que possibilita o turismo ligado ao lazer ser realizado o ano todo.

Fortaleza é a principal cidade do polo que visa explorar a área costeira do Estado, pois é a capital do Estado e tem grande importância econômica na região metropolitana. No mapa a seguir podemos ver a área de abrangência do Prodetur (Mapa 3.2).

Mapa 3.2 - Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado do Ceará

Fonte: PDITS dos estados nordestinos *apud* MACEDO, M. B. (2017: 163).

Como acentua a Secretaria de Turismo (SETUR-CE, 2011) a atividade é de fundamental importância para a economia do Estado, devido a isso vem ganhando atenção nos últimos anos principalmente e com obras e implementação de serviços que ajudem a consolidar e ampliar o turismo.

Segundo dados de 2010 o turismo representa 10,8% do PIB do Estado do Ceará, movimentando uma renda de R\$ 7.144 milhões para a economia local. Esse percentual coloca o turismo em papel de destaque na economia do estado, sendo como já ressaltado, o principal motor de desenvolvimento.

Segundo o Ministério do Turismo, a região Nordeste é a que mais se beneficia do setor, que representa 9,8% do PIB da região. Em termos de faturamento, a região arrecadou 42,7 milhões/ano, de acordo com estudo do Ministério do Turismo em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Ministério do Turismo, 2013).

A cidade de Fortaleza é o principal polo turístico do Estado, possuindo uma área metropolitana que se beneficia da sua abrangência de comércio e serviços. O principal fator motivacional em destaque é o turismo sol e praia e em Fortaleza, além do fator natural, o turista também irá contar com a infraestrutura de lazer mais ampla em relação a outros municípios do Estado.

Em relação ao turismo internacional a cidade é favorecida por ter um aeroporto internacional, reformado em 1998 - Aeroporto Internacional de Fortaleza Pinto Martins – o que possibilita o recebimento de voos internacionais diretos. Além dos voos nacionais o aeroporto recebe diretamente voos internacionais de Portugal e Espanha.

O principal portão de entrada do Polo Litoral Leste para fluxos turísticos nacionais e internacionais é o Aeroporto Internacional de Fortaleza – Pinto Martins, que após a reforma de 1998 tem capacidade para 2.500.000 passageiros/ano. Atualmente configura-se no terceiro maior aeroporto do Nordeste e o 11º em números de passageiros, no Brasil. Este aeroporto recebe voos de grandes companhias aéreas brasileiras e também de algumas empresas internacionais, conforme mostra a tabela que segue. Durante a alta temporada também é comum a recepção de voos charters, nacionais e internacionais, de diversos destinos brasileiros e da Europa (IPETURIS, 2011: 23).

Os principais países emissores de turistas internacionais para o Ceará são a Itália (28% em 2009), seguida por Portugal (14%), França (8%) e Estado Unidos (6%). Em relação aos turistas nacionais, a região Centro-Sul é a maior emissora de turistas para o estado: São Paulo (25% do fluxo em 2009), Distrito Federal (10,1%) e Rio de Janeiro (10%). O perfil dos turistas é o público adulto que varia de 26 a 50 anos com o Ensino Superior Completo. (SETUR/ CE, 2011).

Fortaleza destaca-se como principal via de chegada e emissão de turistas para outras áreas de Estado. Por ter maior parque hoteleiro é onde se hospedam a maior parte dos turistas que se destinam ao estado.

O parque hoteleiro do estado do Ceará conta com 162 estabelecimentos de hospedagem o que representa 3,7% do total do Brasil; 31 983 unidades habitacionais com 81 043 leitos disponíveis (IBGE, 2017). O parque hoteleiro de Fortaleza possui a capacidade para 26 mil leitos em meios de hospedagem, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), que atendem a diversos públicos quanto a preço e diversidade (IPETURIS, 2010: 17). A rede hoteleira do estado do Ceará é a segunda maior rede do Nordeste, atrás apenas do estado da Bahia.

No estado do Rio Grande do Norte foi elaborado segundo o PDITS um estudo para definir e consolidar o turismo no Estado. Apoiado em resultados da primeira fase do Prodetur-NE, o BID entendeu que o turismo ainda não havia se consolidado como planejado no estado.

A cidade de Natal faz parte do Polo Costa das Dunas que abrange os municípios de Pedra Grande, São Miguel do Gostoso, Touros, Rio do Fogo, Maxaranguape, Ceará Mirim, Extremoz, Natal, Senador Georgino Avelino, Tibau do Sul, Baía Formosa, Canguaretama, Arez, Nísia Floresta, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Macaíba e São José de Mipibu. O mapa a seguir (Mapa 3.3) corresponde a área de abrangência da primeira e segunda fase do Prodetur no estado do Rio Grande do Norte.

Mapa 3.3 - Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado do Rio Grande do Norte

Fonte: PDITS dos estados nordestinos *apud* MACEDO, M. B. (2017: 168).

O estado do Rio Grande do Norte concentra cerca de 3.507.003 pessoas segundo a última estimativa do censo demográfico (IBGE, 2017). A cidade de Natal é o principal centro econômico e demográfico do estado.

O parque hoteleiro do estado conta com 669 estabelecimentos de hospedagem o que representa 2,1 % do total do Brasil; 20 845 unidades habitacionais com 52 807 leitos disponíveis (IBGE, 2017). A rede hoteleira da cidade de Natal possui 28 mil leitos disponíveis segundo a Secretaria de Turismo do município.

O principal aeroporto do Rio Grande do Norte, único internacional, foi inaugurado em 2014 na cidade de Natal, este recebe voos regulares nacionais, voos charters e voos internacionais diretos.

Nos últimos anos, devido ao megaevento da Copa do Mundo em 2014, a cidade de Natal melhorou bastante sua infraestrutura buscando atender ao maior número de turistas, no entanto entre as quatro capitais listadas é a que possui menor infraestrutura básica e ligada ao setor turístico.

O estado de Pernambuco possui três polos turísticos definidos pelos PDITS, Polo Costa dos Arrecifes, Polo Agreste e Polo Vale do São Francisco. Sendo o primeiro polo o de maior destaque para a consolidação do turismo ligado ao sol e praia. Em relação ao seu potencial turístico, juntamente com os estados da Bahia e do Ceará foi o que mais recebeu investimentos do programa Prodetur.

Pelo programa Prodetur-PE a cidade de Recife está localizada no Polo Costa dos Arrecifes. A cidade é a capital do estado e comanda o fluxo econômico da região metropolitana do Recife. A população estimada do estado segundo o último censo é de 9.473.266 pessoas (IBGE, 2017), onde a maior parte reside na capital.

O Polo Costa dos Arrecifes é que mais investe no setor do turismo sol e praia, pois conta com áreas já consolidadas no turismo da região como Recife, Olinda e o arquipélago de Fernando de Noronha. No Mapa 3.4 podemos observar a área de abrangência do programa Prodetur na fase I e II. Cabe notar que o programa nas suas duas fases se fixa na área litorânea do estado.

Mapa 3.4 - Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado de Pernambuco

O setor do turismo para esse polo é essencial, pois como destaca a Secretaria do Turismo do Estado, o setor é estratégico para movimentar renda e investimentos para a região.

A análise dos dados do PIB dos estados nordestinos mostra a importância do setor para a geração de riqueza na região. A relevância das atividades é ratificada quando se verifica que, mesmo com deficiências de infraestrutura e carência de mão de obra qualificada, o Nordeste lidera a relação consumo turístico/PIB entre as regiões brasileiras. Os dados apontados pelo Ministério do Turismo mostram que o Nordeste lidera essa participação com 9,8%, seguido pela região Sul, com 4,9%, e Sudeste, com 2,7%. Estes dados demonstram a importância do turismo para a região e reforçam a necessidade de maior volume de investimentos direcionados a ampliação da infraestrutura do turismo na região (PDITS – Polo Agreste, s/d: 24).

Nos últimos anos houve um grande investimento nas áreas de consolidação do turismo no Estado.

O parque hoteleiro de Pernambuco corresponde a 978 estabelecimentos de hospedagem o que representa 3,1% do total do Brasil; possui 32.076 unidades habitacionais com 77.450 leitos disponíveis (IBGE, 2017). Esta rede hoteleira é a terceira em extensão da região Nordeste.

O estado da Bahia foi um dos estados que mais recebeu montante de investimentos pelo Prodetur, mesmo sendo o estado que já contava anteriormente com infraestrutura turística.

A Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia separou o Polo Salvador e Entorno em duas zonas turísticas a Costa dos Coqueiros e a Baía de Todos os Santos. Segundo estimativas da FIPE²⁴, o polo representa 58,5% do PIB do estado, no qual Salvador representa a estimativa de 50% do PIB do polo.

Segundo o Prodetur II foram determinados cinco polos turísticos, o Polo Salvador e Entorno foi considerado o de maior importância. Esse polo já havia recebido investimentos na primeira fase do programa concentrados na zona turística da Baía de Todos os Santos. No mapa a seguir podemos ver a área de abrangência do Prodetur (Mapa 3.5).

²⁴ Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas pesquisa realizada em 2000.

Mapa 3.5 - Prodetur/NE I e Prodetur/NE II – Área de abrangência no estado da Bahia

Fonte: PDITS dos estados nordestinos *apud* MACEDO, M. B. (2017: 162).

O Polo Salvador e Entorno compreende a área de 19 municípios e a capital Salvador - Jandaíra, Conde, Esplanada, Entre Rios, Mata de São João, Camaçari, Lauro de Freitas, São Francisco do Conde, Madre de Deus, Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Saubara, Maragogipe, Nazaré, Jaguaripe, Itaparica, Vera Cruz e Salinas da Margarida. Porém os municípios de área e planejamento do Prodetur-BA são Camaçari, Conde, Entre Rios, Itaparica, Jandaíra, Mata de São João, Salinas da Margarida, Salvador e Vera Cruz. (PDITS – SALVADOR E ENTORNO, [s/d])

O Estado da Bahia é o estado com maior população do Nordeste possuindo 15.344.447 milhões de pessoas segundo a última estimativa do censo demográfico (IBGE, 2017). A maior densidade populacional encontra-se na capital Salvador, cidade que comanda a principal área metropolitana do estado.

A cidade de Salvador foi a capital do Brasil entre 1549 a 1763, do que decorre, até hoje, sua grande importância no cenário político e econômico do país. Nos últimos anos recebeu investimentos a área industrial, principalmente ligado ao setor de mineração.

O turismo é uma atividade importante para a cidade que possui diversos patrimônios culturais e naturais. Além do turismo sol e praia a cidade ainda explora o turismo histórico-cultural, sendo considerada pelo mapa do turismo como setor prioritário no recebimento e consolidação do turismo no estado.

A secretaria de turismo da Bahia contabiliza que 90% dos recursos da primeira fase do Prodetur destinaram-se a reforma do aeroporto Internacional de Salvador, o principal de volume de passageiros que desembarcam pela região Nordeste. Outra parte dos recursos foram investidos na recuperação de patrimônios históricos, no qual a maior parte dos investimentos do concentraram-se na cidade de Salvador. (PDITS – SALVADOR E ENTORNO, [s/d])

Em relação aos investimentos do Estado da Bahia a maior parte dos recursos foram para obras do sistema de saneamento e em menor quantidade para a recuperação do patrimônio histórico-cultural. Esses investimentos tinham o objetivo de desenvolver a área e o potencial turístico desse polo.

De acordo com os diferenciais encontrados no Polo, foram essenciais a recuperação e a preparação de parte do patrimônio histórico-cultural para uso turístico. A questão da falta de saneamento, que vinha há anos trazendo problemas ambientais à Baía de Todos os Santos, foi também prioritária no desenvolvimento dessas Zonas Turísticas (PDITS – SALVADOR E ENTORNO, [s/d]: 25).

A maior parte dos recursos e investimentos do setor turístico foram alocados para Salvador, pois a cidade representa 50% do PIB do polo turístico Salvador e Entorno. (FIPE, 2000).

Na Bahia o parque hoteleiro possui 2.552 estabelecimentos de hospedagem o que representa 8,3% do total do Brasil; constando 74.539 unidades habitacionais com 188.861 leitos disponíveis (IBGE, 2017). Em relação aos empreendimentos hoteleiros vinculados a grandes cadeias nacionais ou internacionais 18 estão localizados no polo entre a cidade de Salvador e Costa do Complexo do Sauípe. O estado da Bahia tem a maior rede hoteleira da região Nordeste.

Os turistas nacionais que viajam para essa zona turística são em grande maioria oriundos primeiramente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e depois Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Paraná que vem, nos últimos anos, aumentando a emissão de turistas. Já em relação aos turistas internacionais os países que se destacam são Portugal e Estados Unidos como os que mais emitiram turistas e em um número decrescente a Alemanha (PDITS – SALVADOR E ENTORNO, [s/d]).

O setor turístico trouxe diversas mudanças para essas cidades e de maneira conjunta impactos indesejados. O turismo sexual é considerado um desses impactos mesmo que não contabilizado pelos dados estatísticos do turismo.

Ainda que essas obras e investimentos não tenham sido elaborados para alavancar essa modalidade do turismo, contribuíram para que todas as modalidades do turismo fossem beneficiadas.

4. Turismo sexual – apontamentos complementares

4.1. Acerca do crescimento do turismo internacional

A atividade turística cresceu exponencialmente no último século possuindo cada vez maior inserção na economia produtiva. São inúmeras as razões que motivam os deslocamentos de pessoas pelo território, desse modo o turismo vem se destacando na economia ao longo do tempo.

Após a Segunda Guerra Mundial o turismo torna-se um fenômeno social mundial. A partir desse momento podemos caracterizar a indústria do turismo como um setor bem estruturado que visa lucrar com o deslocamento de pessoas que buscam obter lazer e descanso em seu tempo do não-trabalho. Porém, como já acentuamos, no sistema capitalista até mesmo o tempo “livre” é controlado a fim de obter maior lucro, sendo assim a indústria do turismo se insere como uma atividade produtiva que busca potencializar os ganhos econômicos.

Para Alfredo (2001), o turismo contemporâneo explora a noção de natureza de uma forma fetichizada em que uma nova noção de sociedade e natureza é traçada, onde nessa relação a natureza é o produto e condição para a valorização do turismo. O autor afirma que o discurso do turismo é considerado altamente positivo na sociedade contemporânea, pois seria o responsável por promover desenvolvimento em áreas com menor infraestrutura, além de gerar empregos. Essa visão é controversa, pois obscurece os interesses do capital na apropriação do espaço.

Quando tratamos do turismo buscamos entender que essa é uma atividade econômica que se apropria do espaço, sendo este *locus* importante para o seu desenvolvimento. O consumo do espaço por meio do turismo não é só das coisas e produtos, mas sim, como já afirmamos, do próprio espaço que é ressignificado e adquire outras utilidades e usos, cada vez mais voltado para o maior consumo.

Diversas atividades econômicas e espaços tiveram sua valorização via atividade turística. Lugares que antes eram degradados obtiveram sua revalorização e ressignificação após a inserção do turismo. Podemos citar áreas de patrimônio cultural, como o Pelourinho, em Salvador, que teve uma grande reconfiguração urbana devido seu uso ser orientado para o turismo. Segundo Sotratti (2010), o turismo e a indústria cultural associados cumprem um papel importante na requalificação urbana, pois produzem lugares turísticos com alicerce em

imagens idealizadas e fetichizadas das paisagens. Nesse caso promovem a valorização de lugares que são selecionados pela indústria do turismo.

Como assinalado antes, nos últimos anos diversas modalidades da atividade turística ganharam espaço no mercado. Algumas dessas modalidades se desenvolvem de acordo com a cultura contemporânea, como o turismo ecológico que visa preservar a natureza para aproveitar suas belezas, a fim de valorizar uma área e assim ver o consumo de um espaço considerado mais “natural”.

O turismo internacional reconhece, cada vez mais, a natureza e suas paisagens como imagens de alto valor, pois nesse momento da sociedade pós-industrial o espaço natural é visto como oposto ao urbano. Devido a isso lugares valorizados pelo turismo são, muitas vezes, os mais “naturais” possíveis - as praias, as florestas e áreas verdes – a natureza considerada “menor modificada” pelos homens, ainda que essas usufruam de toda infraestrutura moderna para que a atividade turística se consolide nesses lugares.

Nas últimas décadas, nos países em desenvolvimento, o turismo vem ganhando papel fundamental na economia. O aumento da importância do turismo na escala global vem configurando uma nova geografia do turismo que ultrapassa limites econômicos e culturais. O aumento da circulação de pessoas e a elevação das condições sociais fez com que o número de turistas aumentasse nos últimos anos.

A receita do turismo internacional foi de 2,1 bilhão de dólares em 1950 para US\$ 8,3 trilhões de dólares em 2017. O turismo representa hoje 10,4% do PIB global segundo a pesquisa realizada pelo The World Travel & Tourism Council (WTTC)²⁵. A expectativa é que esse número só aumente até 2020 (MILNE; ATELJEVIC, 2001), no entanto, esses números mascaram o fato de que boa parte dos viajantes e do montante gasto provém de economias desenvolvidas do capitalismo.

Entre os maiores gastos com o turismo nas últimas décadas, 81% até 1995 eram de países ricos, como Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão. O crescimento do turismo em países em desenvolvimento era mais lento na década de 1990, mesmo em economias de rápido crescimento como Brasil e China (OMC, 1998 *apud* MILNE; ATELJEVIC, 2001). No Brasil, o desenvolvimento do turismo acompanhou a valorização da atividade em âmbito

²⁵ Dados obtidos da WTTC. Site: <https://www.wttc.org/about/media-centre/press-releases/press-releases/2018/one-in-five-of-all-new-jobs-created-globally-in-2017-are-attributable-to-travel-and-tourism/>. Acesso 19 de agosto de 2018.

mundial. No século XX acompanhado pelas inovações tecnológicas e *Welfare State*²⁶ que possibilitou que as pessoas - principalmente de países ricos – tivessem mais acesso a viajar para outros países.

Becker (2001) acentua que as melhores condições de vida e a ampliação das companhias aéreas vai massificar o turismo a partir do século XX. Nesse momento agentes e companhias irão desempenhar papel importante na divulgação de lugares turísticos massificando e facilitando os deslocamentos das pessoas. O turismo se ampliará como um novo e promissor setor econômico para propiciar maior acumulação de capital, o que se tem chamado de indústria do turismo.

E surgem então os primeiros agentes e companhias dedicados a organizar a atividade. A promoção de atividades turísticas torna-se gradativamente, uma nova fronteira de acumulação, centrada num novo produto, capaz de agregar-se aos espaços produtivos pré-existent de acumulação capitalista, sem competir diretamente com eles. Mas foi no século XX, e principalmente no pós-guerra, que ocorreu metamorfose significativa no turismo. Essa transformação se vincula com as possibilidades de massificação de padrões de consumo que o "welfare state" veio a abrir nos países capitalistas centrais. Isso se apoiou sobre a regulação do trabalho, a limitação do seu tempo, as férias remuneradas, a aposentadoria, e a legislação social, bem como os novos horizontes de possibilidades abertos com o avião. Agora sim emerge o turismo de massas (BECKER, 2001: 3).

Para autora, o turismo nos países em desenvolvimento será influenciado também pelo novo momento de valorização da natureza presente na sociedade pós-industrial. A natureza para a economia capitalista será reserva de valor seja para a exploração mineral/natural de seus recursos ou valorizado pelo turismo na perspectiva de explorar os lugares considerados raros.

No turismo, os espaços naturais adentraram na lógica do mercado, sendo ressignificados principalmente pelo ecoturismo, a modalidade que visa explorar as potencialidades dos lugares considerados mais naturais, ou seja, um “retorno a natureza intocada”.

Claramente não é todo lugar considerado potencial para o aproveitamento da indústria do turismo. Os agentes de *marketing* e empresas ligadas ao turismo de massa selecionaram alguns lugares mais estruturados para fazer parte do leque de lugares com maior potencialidade para a atividade turística.

²⁶ O Welfare State foi a política chamada de Estado de Bem-Estar que teve início pós Segunda Guerra Mundial. Essa política via Estado tinha como objetivo fornecer para a população padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social.

A valorização ocorre, segundo Becker (2001), em zonas costeiras de países economicamente menos desenvolvidos tropicais e mediterrâneos. Nesses lugares a maior presença do sol e das praias cria para o mercado do turismo um produto fácil de ser comercializado. Acentuamos então como os espaços são submetidos à lógica do mercado e mercantilizados na forma de produtos.

No Brasil, o desenvolvimento do turismo vem alcançando maiores patamares nos últimos anos. Em relação ao PIB a participação do turismo ainda é tímida, apesar de ter melhorado. Em 2017, 7% do PIB do Brasil vinha do turismo e o Brasil aparecia em 117ª posição na contribuição do setor na economia²⁷.

O turismo se torna um setor estratégico para o desenvolvimento a partir de 1990, ganhando cada vez mais destaque na economia e nas políticas públicas do país. As áreas costeiras possuirão papel fundamental na valorização pelo turismo, nesse caso, o Nordeste se configurará como uma região de destaque.

A orla nordestina, como já assinalado, receberá, a partir desse momento, investimentos para consolidar o turismo na região. Cidades metropolitanas que já possuíam previamente infraestrutura urbana receberam investimentos para alavancar o setor. O turismo modificou e intensificou a ocupação das cidades da orla litorânea, produzindo complexos balneários, imobiliários e marinhos, além de estruturar toda a área de transporte para maior conexão das cidades interna e externamente no Nordeste (BECKER, 2001).

É lícito afirmar, portanto, que o turismo contribuiu para o reordenamento do espaço da orla litorânea do Nordeste. A partir de seu investimento em empreendimentos imobiliários, reformas urbanas e reconfiguração do transporte aéreo ocorre ampliação do setor nas cidades consideradas principais polos turísticos.

Em nossa pesquisa buscamos traçar o percurso do desenvolvimento da atividade turística envolvendo o corpo e o sexo ao longo dos anos. Como o turismo sexual tornou-se uma modalidade turística bastante lucrativa em alguns países e como esse foi se desenvolvendo no Nordeste do Brasil.

Vimos que a exotização e a erotização que ocorria no passado colonial com as escravas ou posteriormente mulheres consideradas mistura de etnias brancas com negras não foram perdidos ao longo do tempo. O imaginário que foi construído em torno dessas mulheres permanece até os dias atuais. Muitos turistas, ao se descolaram de países do Norte, buscam encontrar mulheres as quais é atribuído um comportamento sexual mais caloroso e submisso.

²⁷ Os dados foram obtidos no site do Ministério do Turismo e fazem parte do estudo econômico elaborado pela Oxford Economic para Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC).

Esse pensamento obviamente não foi elaborado espontaneamente e teve forte ligação com a construção da sexualidade da mulher negra, em especial em nosso trabalho, da mulher latino-americana negra e “mulata”.

O turismo sexual foi definido como o deslocamento de um indivíduo ou grupo para um lugar a fim de satisfazer seus desejos sexuais. O turismo sexual tem se destacado como uma modalidade do turismo mais recente algumas vezes bem estruturada – com agenciadores e grupos pela internet trocando informações de possíveis destinos para realizar o turismo sexual – ou até mesmo de forma pouco organizada.

4.2. O turismo sexual no contexto do mercado contemporâneo do sexo

As primeiras pesquisas relatam o surgimento do turismo sexual em meados das 1950 com as guerras em países asiáticos, quando soldados se deslocavam para países da Ásia com o objetivo de descansar e se envolver com as mulheres locais.

Atualmente o turismo sexual se desenrola de forma estruturada em alguns países do leste Asiático, que receberam a fama de “paraísos sexuais” devido ao seu amplo e lucrativo mercado do sexo. Acreditamos que nesses países o turismo sexual se assemelha com a atividade da prostituição devido ao fato de esse mercado ser mais consolidado.

É importante ressaltar que o turismo sexual não ocorre apenas em países economicamente menos desenvolvidos. Existem países desenvolvidos, como a Holanda, a Alemanha, a Bélgica e a Nova Zelândia que são reconhecidos por seu mercado do sexo, contudo de uma forma distinta dos paraísos do turismo sexual contextualizados neste trabalho.

Em alguns países desenvolvidos, houve, nos últimos anos, um movimento de regulamentação da atividade da prostituição. Podemos utilizar como exemplo Amsterdã e sua *Red Light District* reconhecida internacionalmente por ser um território onde a atividade da prostituição é permitida e organizada pelo Estado do país.

Figura 4.1 – Bordel no *Red Light District* em Amsterdã

Fonte: <https://cassiuslife.com/8769/pay-for-sex-vacation-travel/>. Acessado 19 de agosto de 2018.

Na Red Light District, em Amsterdã, a atividade da prostituição é regulamentada, ocorrendo de forma estruturada e fiscalizada. Nesse caso, o país é conhecido internacionalmente por esse fato, o que atrai muitos turistas devido sua permissividade a algumas atividades consideradas proibidas em outros lugares do mundo. O objetivo de regulamentar a atividade no país foi o de evitar a exploração sexual e fornecer melhores condições de trabalho²⁸.

Na Europa, além da Holanda, a Alemanha e a Dinamarca também regulamentaram a atividade da prostituição a fim de garantir maiores direitos as trabalhadoras e controle da atividade dentro do país. Em outros países do continente a atividade é permitida ou ilegal. Contudo, as leis a respeito da prostituição variam muito e em alguns países (Suécia, Noruega, Islândia, França, Irlanda do Norte, Irlanda, Canadá, Cingapura e Coreia do Sul) apesar da prostituição não ser considerada ilegal o pagamento por sexo é considerado uma infração²⁹.

Em diversos países do mundo a atividade da prostituição é permitida, sendo que em alguns países ela é legalizada, porém não regulamentada, como no caso do Brasil; em outros países ela é legalizada e regulamentada – no entanto existem restrições quanto aos territórios da prostituição com proibição à aliciação³⁰. As leis que envolvem a prostituição são variadas e em alguns casos controversas, por mais que a atividade seja legalizada isso não garante que o pagamento por sexo não seja considerado crime, o que para alguns países, como a França, poderia ajudar a evitar a exploração do serviço sexual.

Nos países economicamente mais desenvolvidos onde a atividade é regulamentada as profissionais do sexo possuem maiores direitos e segurança para realizar seu trabalho. A prostituição nesses países é realizada de forma profissional, o que seria um problema para muitos homens europeus que procuram fora de seus países de origem o mercado do sexo. Para muitos deles a relação comercial da prostituição em seus países de origem é pouco afetuosa, o que faz com que procurem em outros lugares relações consideradas mais “calorosas” e menos estigmatizadas. Nesse sentido, podemos distinguir o turismo sexual que ocorre nesses países do turismo sexual em terras brasileiras.

Para muitos turistas, o interessante é fugir da estigmatização que envolve o mercado do sexo, devido a isso eles buscam se afastar do que chamam prostituição “hardcore”, ou seja,

²⁸Dados obtidos pela reportagem da revista El País Brasil. Site: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/16/internacional/1492312155_448388.html. Acesso 19 de agosto de 2018.

²⁹ Idem.

³⁰ Site: <https://jornalggn.com.br/noticia/as-leis-sobre-prostituicao-em-diversos-paises-europeus>. Acesso em 19 de agosto de 2018.

a prostituição realizada por profissionais, sem ligações afetivas e mais ligadas a um contrato comercial (BLANCHETTE e DASILVA, 2010).

A mulher carioca é entendida por esses homens como uma espécie de combinação ideal: sexualmente ativa e disponível, mas “tradicionalmente feminina” em seus valores. É mister notar, nesse contexto, que grande parte desses homens, quando caracteriza a carioca dessa maneira, não distingue entre prostitutas e as mulheres normais (não prostitutas). Todavia, a maioria de seus contatos sexuais-afetivos com mulheres brasileiras é com prostitutas (BLANCHETTE; DASILVA, 2010, p. 234).

A atividade da prostituição, presente em muitos países do mundo, encontra, em alguns deles, inclusive áreas específicas e regulamentadas, porém o que difere o mercado sexual de países economicamente mais desenvolvidos dos países economicamente menos desenvolvidos? Por que o turismo sexual vem se tornando um fenômeno típico de países tropicais em desenvolvimento?

Nos últimos anos houve um aumento no fluxo de pessoas que saem de países economicamente mais desenvolvidos em direção a outros lugares na busca de lazer e a procura do mercado sexual. Aliados as facilidades de transporte e comunicação essas relações transnacionais têm se tornado mais fáceis, pois as facilidades do mundo globalizado garantem maior acessibilidade a outros países do mundo. Nesta pesquisa percebemos que por mais que exista a atividade da prostituição em países desenvolvidos, esses não se destacam atualmente como rotas do turismo sexual, ou seja, a busca por sexo não é o principal fator motivacional que leva parte dos viajantes a se deslocarem para esses países. O que não exclui a possibilidade de viajantes buscarem o mercado sexual uma vez que estejam nesses países desenvolvidos.

A distinção do mercado do sexo em países economicamente mais desenvolvidos em relação a países em desenvolvimento é um ponto importante, pois os significados da atividade da prostituição e do turismo sexual são múltiplos e complexos. No caso do Nordeste do Brasil o turismo sexual nem sempre é a mesma coisa que a prostituição.

Com base nos autores consultados, podemos dizer que há uma linha tênue que separa a atividade da prostituição do turismo sexual, um coexistindo juntamente com o outro, sendo, ao mesmo tempo, atividades diferentes.

Sacramento (2006; 2017) ressalta que conceito de turismo sexual é muitas vezes dubio, pois pode não abarcar as inúmeras configurações amorosas que esses encontros transnacionais podem obter. O contrato que se estabelece entre os agentes envolvidos no turismo sexual extrapola a ligação mercantil podendo assumir um fluxo afetivo-sexual (Sacramento, 2017).

No turismo sexual que vem ocorrendo nos países latino americanos existe uma linha que separa essa atividade da prostituição, contudo podendo não excluí-la. O turismo sexual que se desenvolve em países como Brasil, Cuba, Jamaica e outras ilhas da América Central tem a característica de possuir um maior envolvimento entre as partes. Ou seja, a atividade não se limita somente ao sexo e sim também a um envolvimento afetivo.

Para Gabrielli (2011) o turismo sexual que vem se configurando no Nordeste do Brasil mexe com o imaginário de mulheres e homens envolvidos nessa relação. O fluxo de trocas, contratos comerciais ou não, interações com pessoas de culturas distintas contribui para construir a visão que se tem do outro e assim também para gerar maior interesse e aproximação de ambas as partes.

Sendo o turismo um dos meios que podem propiciar relacionamentos interpessoais entre membros de culturas distintas, a prática de viagens sexualmente motivadas se torna interessante objeto de estudo para a compreensão dos elementos culturais e simbólicos que entram/estão em jogo. O imaginário sobre terras estrangeiras fomenta a aproximação de dois corpos que não se veem, mas se leem pelos imaginários desenvolvidos ao longo de séculos de informação letradas (GABRIELLI, 2011: 138).

Sacramento (2006) estudando o turismo sexual que ocorria em Natal (RN), concluiu que os envolvimento contratuais não são “engessados” podendo estabelecer-se diversos contratos amorosos. No geral esses contratos se afastam do sexo comercial e ligam-se a relações afetivas que possibilitam uma “ilusão de normalidade”.

Ao estudar o turismo sexual que se desenvolve em Salvador (BA), Gabrielli (2011) também ressalta as diferentes formas que o pagamento pode adquirir. Como afirmamos, nem sempre o pagamento ocorre diretamente, o que para a autora, possibilita que esses relacionamentos assumam formas heterogêneas e não pré-determinadas. O pagamento diferenciado (seja na forma direta ou indireta), não seria o único motivo que atrairia as mulheres a envolver-se com os estrangeiros, pois as características distintas dos estrangeiros – em relação ao homem brasileiro – colaborariam para alimentar um imaginário das mulheres em relação a os homens de outros países, seja pelas características fenotípicas distintas ou por atributos como maior polidez.

Autores como Piscitelli, Sacramento e Gabrielli ressaltam que os homens que viajam de países europeus para o Nordeste buscam encontrar não somente sexo comercial, mas relacionamentos afetivos com mulheres de culturas distintas da sua. Para Gabrielli (2011), a autoafirmação principalmente monetária seria um forte atenuante que levaria muitos homens a realizar o turismo sexual no Nordeste brasileiro. Esses homens pertencem no geral a classe

baixa-média na Europa, porém devido ao câmbio favorável no Brasil detêm uma superioridade de renda perante as mulheres com as quais se relacionam.

Em relação a dominação econômica, Sacramento (2017) pontua que por mais que as relações no âmbito econômico sejam desfavoráveis, as mulheres não podem ser vistas como vítimas dessas relações. O autor afirma que a tendência é que a mulher seja vista como explorada, porém as mesmas se articulam de outras maneiras para garantir seu poder na relação por meio da sedução e até mesmo reafirmando os estereótipos a elas atribuídos; mulher afetuosa, carinhosa, boa amante e submissa. O autor trata as relações como jogos de interesses onde nenhuma das partes pode ser somente vista como explorador ou explorado, pois as relações se desenvolvem de modo mais complexo.

Como acentua Gabrielli (2011) o sistema desigual de gênero atribuiu as mulheres brasileiras padrões de sensualidade e atributos culturais que também são fatores motivadores do turismo sexual. A construção de uma corporificação exacerbada da figura feminina brasileira motiva o fluxo de turistas de outras regiões do mundo para o país.

É importante revelar que nos estudos de Sacramento (2006) e Gabrielli (2011), os autores podem averiguar que as mulheres também constroem um padrão imaginário do homem europeu. Distinto do homem brasileiro, o europeu seria o ideal masculino, pois seria carinhoso, afetuoso e economicamente mais abastado. Essas construções do imaginário do outro também motivam os relacionamentos.

Em alguns países, a atividade da prostituição assume um formato claramente mais mercantil. A cidade de Amsterdã tornou-se um destino turístico conhecido por regulamentar em uma determinada zona da cidade atividades consideradas ilícitas em outros países. Na Tailândia o sexo é comercializado de inúmeras maneiras, as casas de massagens são conhecidas por ofertar serviços sexuais de forma explícita. Nesses países a atividade da prostituição é encarada como profissão o que já caracteriza esses países como rota de prostituição ou lugares onde o viajante poderá usufruir desses serviços sem maiores problemas ou dificuldades.

Países latinos Americanos possuem inúmeras vantagens para os viajantes que buscam viajar a lazer e também consumir sexo. Esses países possuem paisagens naturais exuberantes e já são rotas do turismo convencional há bastante tempo.

No caso do Brasil muitos viajantes destacam o relativo custo barato no país frente ao dólar, a presença de infraestrutura turística, a segurança e a “natureza biológica das mulheres brasileiras” (BLANCHETTE e DASILVA, 2010).

Blanchette e DaSilva (2009: 2010), ao analisarem o turismo sexual que se desenvolvia no Rio de Janeiro, perceberam nas entrevistas com alguns homens consumidores de sexo que muitos atributos relacionados à mulher brasileira eram apontados como fatores motivadores para se deslocarem de seus países de origem até o Brasil.

A exotização quase que *sui generis* da mulher da brasileira era um apontamento de destaque. Para muitos homens a mulher brasileira possuía uma “natureza” erótica que a tornava mais adepta a tornar-se boa amante, além de ser mais carinhosa e menos “fria” que as prostitutas de países desenvolvidos. Ou seja, a relação mais afetiva e menos profissional era um atributo positivo para esses homens.

Embora as razões estruturais e ideológicas acima exploradas sejam, de longe, as mais citadas pelos turistas sexuais para explicarem sua vinda a terras brasileiras em busca do sexo comercializado, é importante salientar, como a sexóloga Teodoro (2004) afirma, que uma lógica biologizante e racista (no sentido de atribuir comportamentos morais a determinados tipos físicos) subscreve a noção da mulher brasileira como ser sexual excepcional. Porém, diferentemente da tese sustentada por Teodoro (e apoiada por muitos integrantes dos movimentos feministas e negros no Brasil), descobrimos que essa lógica dificilmente pode ser classificada como uma simples equação bilateral ou reducionista em que brancos dominantes buscam parceiras sexuais negras subordinadas, sustentando sua busca no privilégio de uma epiderme deficiente em melanina (BLANCHETTE e DASILVA, 2010: 234).

Como subscrevem Blanchette e DaSilva (2010), a mulher brasileira é considerada para os turistas estrangeiros como naturalmente sensual e isso adviria principalmente da mistura étnica pela qual passou a população do Brasil.

Além do fator que os autores chamam de lógica “biologizante e racista” já que conclui que o biótipo natural da mulher é sexualizado e “quente”, os autores asseveram que uma espécie de ideia de relação com costumes de mulher do passado também atraía os estrangeiros. Para muitos homens, alguns costumes como o comportamento cuidadoso e carinhoso, eram atribuídos a atributos antigos de mulher de família, ou seja, ideias conservadoras ligadas à noção de mulher do lar. O curioso é notar que mesmo em se tratando de relações envolvendo o mercado sexual os homens buscavam certo comportamento conservador nas mulheres.

Outro atrativo era a visão de superioridade econômica atribuída a esses homens e de inferioridade e de economia pobre atribuída ao Brasil. Para esses estrangeiros, o Brasil era um país extremamente pobre e desigual acometido por inúmeras desigualdades sociais que afligiam principalmente as mulheres e essas não teriam outra escolha a não ser se prostituir ou buscarem um envolvimento com homens de países mais ricos para sair da miséria. Esse

pensamento vitima as mulheres atribuindo-lhes uma vida sem opção ou escolha a não ser o mercado sexual.

Cabe aqui ressaltar nas pesquisas sobre o turismo sexual que ocorre na cidade do Rio de Janeiro por Blanchette e DaSilva (2010) que ao realizarem pesquisas de campo e entrevistarem diversas mulheres, algumas destacavam que o fator motivacional que as levaram a entrar na prostituição era a possibilidade de melhores rendimentos advindos dessa atividade em comparação com outras como garçoneiro, atendente e profissões que costumam pagar o salário mínimo. Muito longe de vitimar as mulheres, os autores destacam que a opção pela prostituição constitui forma pela qual muitas mulheres encararam a atividade como uma profissão que possibilita um melhor salário e ascensão social mais rapidamente.

Aqui ressaltamos que embora sejam diversos fatores que levam as mulheres a entrarem na prostituição ou mesmo (as que não se consideram prostitutas) a buscarem um envolvimento com um estrangeiro, não se deve vitimar ou criminalizar essas mulheres. Seja por escolha própria ou por falta de opções - devido a baixo nível escolar ou ao baixo salário – o mercado do sexo é cada vez mais amplo e envolve diversos atores, como as mulheres que se envolvem nesse mercado, turistas, agenciadores, estabelecimentos comerciais, entre outros.

Segundo Gabrielli (2011) a partir de 1990, com a estabilização do plano real, começou-se a verificar um relativo aumento no desembarque de homens solteiros e em grupos para as capitais nordestinas. A partir desse momento as autoridades passaram a dar maior atenção para esse fenômeno, pois o turismo sexual liga-se com a prostituição infantil, o tráfico de mulheres e a agenciamento da prostituição (o que é considerado crime no país). Apesar de não serem estes aspectos analisados por nós nesta pesquisa, reconhecemos a importância de apontar a existência dessas práticas, sobretudo em se considerando que a prostituição infantil e o tráfico de mulheres começaram a ganhar destaque nas capitais nordestinas, motivando autoridades locais a iniciarem um forte trabalho para coibir, principalmente, a prostituição infantil.

Exemplo disso é o estado do Rio Grande Norte que, de forma pioneira e inovadora, criou um “Código de conduta do turismo contra a exploração sexual infanto-juvenil”, no ano de 2001, a partir da iniciativa e da colaboração de entidades públicas, privadas e Organizações Não-Governamentais (Figura 4.2).

A Embratur também iniciou na década de 1990 campanhas para coibir a prostituição de crianças. Divulgando materiais nos aeroportos e nos recintos frequentados por turistas, o intuito era alertar sobre a prática criminosa que envolve a prostituição infantil (Figura 4.3).

Apesar de não ser o foco desta pesquisa a prostituição infantil ou outras práticas criminosas que envolvem o mercado do sexo, é importante ressaltar que seu aumento levou as autoridades em todas as esferas de poder a se movimentar contra as mesmas.

Figura 4.2 – Cartaz expondo o “Código de Conduta Ética do Nordeste” que criminaliza a exploração sexual infanto-juvenil

Fonte: <http://blogdocria.blogspot.com/2010/07/cria-participa-da-elaboracao-do-codigo.html>. Acessado 15/09/2018.

Figura 4.3 – Cartaz apoiado pela Embratur contra a exploração sexual infanto-juvenil³¹

Fonte: EMBRATUR (1997) *apud* KAJIHARA (2008).

O turismo sexual se especializou em algumas cidades do Brasil, mas é importante ressaltar que apesar de nossa pesquisa ter como foco a região Nordeste existem cidades em outras regiões do Brasil que também despontam como rotas desse tipo de turismo. O Mapa 4.1 mostra as principais cidades que estão se destacando como *locus* do turismo sexual no Brasil.

Além disso, não são todas as cidades da região Nordeste que recebem fluxos dessa natureza. Cabe destacar que somente algumas cidades – principalmente litorâneas – estão inseridas nas rotas do turismo sexual. As principais cidades brasileiras inseridas nas rotas internacionais do turismo sexual estão destacadas no Mapa 4.1.

³¹ Texto do *folder*: Bem-vindo ao Brasil. Porém não para fazer sexo com nossas meninas ou adolescentes. A lei é rigorosa. E castiga. O Brasil avanço muito nesta luta, porém ainda seguimos em alerta. Ajude-nos a mudar esta prática no mundo todo. Denuncie para as autoridades o turismo sexual, a pedofilia e a prostituição de crianças e adolescentes.

Mapa 4.1 – Principais cidades destinos de turismo sexual no Brasil³²

PRINCIPAIS DESTINOS DE TURISMO SEXUAL NO BRASIL

Organização: RAMOS, A. C. Elaboração: DANTAS, S.

³² O mapa foi baseado em informações obtidas a partir de diferentes fontes consultadas ao longo da pesquisa, entre as quais estão autores, sites e matérias de jornais.

O Rio de Janeiro, muito antes das cidades litorâneas do Nordeste já recebia esse tipo de turismo. O turismo no Rio de Janeiro já era estruturado muito antes das políticas nacionais de turismo começarem a focar as cidades litorâneas do Nordeste.

Antes da década de 1990 a cidade já tinha um amplo parque hoteleiro, aeroporto internacional – que facilita a conexão com o aeroporto internacional de Guarulhos, a principal porta de recebimento de voos internacionais do país – e maior divulgação turística, o que consolidou o Rio de Janeiro destino nacional e internacional do turismo.

Cabe também um destaque à cidade de São Paulo que não é necessariamente um *locus* do turismo sexual como o Rio de Janeiro e cidades do Nordeste. São Paulo possui um amplo mercado sexual devido ao fluxo de turistas de negócio que procuram esse mercado uma vez que estão na cidade, o turismo sexual aparece uma consequência do desenvolvimento mais amplo do setor.

Outras localidades no Brasil também vêm recentemente se configurando como rotas do turismo sexual, como a região do Pantanal e do Amazonas, porém essas localidades ainda não despontam como importantes receptoras desses fluxos. Pesquisas em fontes secundárias ainda são muito restritas para se poder afirmar que nessas regiões também ocorre esse tipo de turismo.

No turismo sexual podemos afirmar que o fato de uma cidade já ser considerada lugar turístico em escala nacional ou internacional pode ser um forte condicionante para o desenvolvimento do turismo sexual. Isso decorre do fato de o turista não ser atraído somente pela busca de sexo, mas também por buscar um lugar para o lazer e descanso, ou seja, um lugar em que irá aproveitar seu tempo livre e também satisfazer seus desejos sexuais. Isso é o que historicamente ocorreu nas diversas localidades brasileiras onde hoje o turismo sexual está presente de forma importante. Nenhuma entre essas localidades surgiu no cenário nacional originalmente como destino de turismo sexual.

Segundo Blanchette e DaSilva (2010), no Rio de Janeiro muitos turistas que se auto intitulam turistas sexuais³³ destacavam sua preferência pela cidade devido os preços baixos e a presença de um mercado sexual bem estruturado com variedade de lugares de todos os custos. Observa-se que o fato da cidade de a Rio de Janeiro já possuir infraestrutura urbana, relativa segurança em comparação a outros lugares e ser considerada um polo do turismo nacional e internacional acaba por destacar a cidade como rota do turismo sexual.

³³ Os autores fazem a ressalva que muitos turistas sexuais não se consideram ou se intitulam dessa maneira.

No caso das cidades da região Nordeste que adentraram na rota do turismo sexual ocorre a congruência de fatores que também tornaram essas cidades rotas do turismo convencional. São cidades que além dos atributos naturais como praias e presença do sol na maior parte do ano, também contam com parques hoteleiros estruturados, maior infraestrutura urbana, aeroportos internacionais e cada vez maior divulgação turística.

Cidades como Fortaleza (CE), Natal (RN), Recife (PE) e Salvador (BA) têm se destacado como receptoras do turismo sexual. A quantificação de quais cidades receberiam maior número de turistas sexuais, no entanto, é difícil de ser realizada, uma vez que não é todo o turista que se considera turista sexual; a busca por sexo não precisa ser o principal ponto motivador de sua viagem o que não exclui o envolvimento do turismo no mercado sexual. Além disso, no Brasil o turismo sexual não é considerado um segmento de turismo - como o turismo a lazer ou a negócios - logo os dados sobre esses fluxos são obscurecidos.

As cidades que consideramos como principais receptoras do turismo sexual decorrem de um estudo realizado por meio de fontes secundárias que destacam esses lugares como aqueles que se tornaram *locus* da atividade. As análises dizem respeito principalmente aos fluxos de turistas homens que chegam a essas cidades desacompanhados e que acabam se envolvendo com mulheres locais ligadas ou não com a prostituição. Muitos desses homens afirmam que os motivos que os trouxeram para o Brasil foi a informação sobre o mercado sexual que eles obtiveram via *internet* ou por conhecidos que já haviam estado no país³⁴.

As cidades litorâneas do Nordeste que se firmam como rotas do turismo sexual têm em comum o fato de serem metrópoles regionais. A partir de 1990 foram traçadas políticas para a consolidação do turismo em âmbito nacional. Algumas cidades do Nordeste eleitas com maior potencial para o turismo passam serem receptoras de diversos investimentos que culminam com o desenvolvimento de um parque hoteleiro e a reforma e ampliação de aeroportos. Essas

³⁴ Segundo reportagem da revista eletrônica Geledés. Site: <https://www.geledes.org.br/internet-e-a-geografia-do-turismo-sexual/>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Segundo reportagem da revista Carta Capital. Site: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Segundo reportagem eletrônica do jornal O Globo. Site: <https://oglobo.globo.com/brasil/levantamento-mostra-que-mais-de-3-mil-sites-vendem-turismo-sexual-no-brasil-16581696>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Segundo revista eletrônica ESPN. Site: http://www.espn.com.br/noticia/409353_propaganda-polemica-em-sao-paulo-reabre-debate-sobre-turismo-sexual-durante-a-copa. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Segundo reportagem eletrônica do jornal Band News. Site: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000758876/sites-que-ligam-turismo-sexual-ao-brasil-crescem-50.html>. Acessado em 14 agosto 2018.

Segundo reportagem eletrônica do jornal G1- Globo. Site: <http://g1.globo.com/mundo/blog/brasil-visto-de-fora/post/reportagem-do-le-monde-destaca-turismo-sexual-e-prostituicao-infantil-em-fortaleza.html>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

facilidades alavancam o turismo “sol e praia” no Nordeste que passa a ser percebido como uma área estratégica de desenvolvimento e gerador de divisas.

Essa série de facilidades de infraestrutura começaram a ser utilizadas por usuários do turismo sexual. Não se pode dizer que infraestruturas tenham sido pensadas para esta finalidade, mas contribuíram para o aumento do recebimento de turistas nacionais e internacionais, assim, concomitantemente com os turistas que buscam somente o lazer, essas cidades começam a receber turistas que buscam, também, o acesso ao mercado sexual.

Blanchette e Silva (2010) ressaltam que muitos turistas sexuais que se destinam ao Brasil buscam segurança, isso porquê o Brasil, em relação a outros destinos de turismo sexual não está envolvido em nenhuma guerra ou conflito.

Além desses fatores, o custo da viagem é importante, uma vez que o dólar é uma moeda mais valorizada em relação à moeda nacional, esses turistas podem usufruir de uma grande variedade de serviços pagando menos do que em seus países de origem.

4.3. O turismo sexual como negócio

Seria o turismo sexual realizado no Nordeste brasileiro uma atividade lucrativa? Ou apenas uma consequência do desenvolvimento geral do turismo na região.

A criação do Ministério do Turismo em 2003 é um importante marco do maior destaque da atividade no país. Desde sua criação, o Ministério visa explorar e ampliar a inserção do turismo na economia. Os dois últimos megaeventos que ocorreram no Brasil - Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 - buscaram aumentar o escopo do turismo no Brasil, apesar do primeiro ter inserido muito mais todas as regiões do país.

A partir da metade de 1990 o turismo no Nordeste começa a ser impulsionado; antes disso, segundo Dantas (2007), as políticas ligadas ao turismo na região eram difusas e desarticuladas. Mesmo em relação a Embratur, a empresa focava em divulgar lugares com potencial turístico já consolidado.

Segundo Dantas (2007), inicialmente os planos de desenvolvimento da região não priorizavam o turismo, pois existia um enfoque maior em industrializar a região. Mesmo a industrialização era direcionada apenas a algumas cidades, como Salvador, Fortaleza e Recife, o que não contribuía para resolver desequilíbrios inter-regionais.

A criação do Prodetur-NE em 1991 tornou o desenvolvimento do turismo um objetivo claro como forma de gerar divisas econômicas e atrair investimentos privados para a região.

O Prodetur-NE definiu 12 polos de desenvolvimento do turismo, onde apenas um deles não é um polo litorâneo – Chapada da Diamantina. Esses polos serão os considerados mais aptos para o recebimento de investimentos a fim de adentrar na lógica mercado do turismo.

Os valores gastos no Prodetur foram divididos em componentes, como já mostramos no capítulo dois e cada qual receberá diferentes quantias de investimento, visando primordialmente a criação de infraestrutura urbana.

O setor de aeroportos, saneamento e transporte foi aquele para o qual a maior parte dos recursos foram direcionados. O Gráfico 4.1 mostra a clara distinção em termos de quantias de verbas destinadas a cada setor. Ao todo foram nove aeroportos reformados, desses possibilitando o recebimento de voos internacionais que até o final da década de 1980 eram restritos aos aeroportos de Salvador (BA) e Recife (PE). Além disso, a ampliação, reforma e modernização desses aeroportos viabilizou o incremento de voos charters internacionais para a região.

Gráfico 4.1 - Valores aplicados por cada componente pelo Prodetur

Fonte: Banco do Nordeste, 2005.

A elevada quantia de recursos para o setor de mobilidade revela a lógica de investir na circulação para recebimento de grandes fluxos turísticos, assim aumentando a circulação de pessoas pela região (DANTAS, 2007).

Os dados a seguir representam a quantidade de voos regulares e não regulares³⁵ de 1975 a 1988 nos aeroportos de quatro principais capitais do Nordeste: Salvador, Recife, Fortaleza e Natal. Nesses dados podemos observar o aumento de voos nas quatro cidades que definimos como receptoras do turismo sexual.

Tabela 4.1 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Salvador nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988.

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) - Aeroporto de Salvador							
Ano	Regular		Não Regular		Demais Voos		Total
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	
1975	526.034	522.421	16.430	4.054	6.619	39	1.075.597
1980	1.031.219	14.697	17.699	-	15.407	2.151	1.081.173
1985	1.160.510	24.663	-	4.611	11.209	-	1.200.993
1988	1.460.121	26.727	-	3.359	4.374	113	1.494.694

Organização: BARBOSA, R. Fonte: ANAC (1975, 1980, 1985 e 1988).

³⁵ Transporte Regular: voo efetuado com existência de HOTRAN (horário de transporte aéreo) assim definido pela ANAC. Transporte Não Regular: voo comercial efetuado sem a existência de HOTRAN.

Tabela 4.2 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Recife nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) - Aeroporto de Recife							
Ano	Regular		Não Regular		Demais Voos		Total
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	
1975	454.138	18.207	423	508	4.733	14	478.023
1980	842.290	22.170	415	140	7.751	25	872.791
1985	967.752	54.077	19.749	19.230	6.088	36	1.066.932
1988	1.277.773	63.120	15.539	39.783	8.116	-	1.404.331

Organização: BARBOSA, R. Fonte: ANAC (1975, 1980, 1985 e 1988).

Tabela 4.3 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Fortaleza nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) - Aeroporto de Fortaleza							
Ano	Regular		Não Regular		Demais Voos		Total
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	
1975	226.400	-	203	-	4.522	-	231.125
1980	536.037	-	2.427	-	6.374	-	544.838
1985	700.525	1.132	10.589	368	5.297	20	717.931
1988	807.312	1.021	686	389	340	-	809.748

Organização: BARBOSA, R. Fonte: ANAC (1975, 1980, 1985 e 1988).

Tabela 4.4 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para Natal nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) - Aeroporto de Natal							
Ano	Regular		Não Regular		Demais Voos		Total
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	
1975	60.518	-	129	-	2.380	-	63.027
1980	161.920	-	863	-	2.651	-	165.434
1985	201.445	-	253	-	-	-	201.698
1988	303.394	-	450	-	5.520	-	309.364

Organização: BARBOSA, R. Fonte: ANAC (1975, 1980, 1985 e 1988).

Nas Tabelas 4.1, 4.2, 4.3, 4.4³⁶, nota-se o aumento do fluxo de voos nas cidades. Algumas delas, como no caso de Fortaleza, não tem dados de voos internacionais antes da

³⁶ Nessa pesquisa foi adotado o recurso de tabulação dos dados referentes ao embarque e desembarque de passageiros de cinco em cinco anos. No entanto, a partir da década de 1990 os dados começam a ser tabulados pela ANAC de outra forma e, assim não conseguimos prosseguir a tabulação dos voos por região ou cidade. Somente a partir de 2006 a Infraero volta a coletar os dados de tabulação de voos por regiões, sendo assim, nossos dados possuem um salto temporal do final da década de 1980 para os anos 2000.

década de 1980. Em 1988, o aeroporto de Fortaleza começou a sofrer reformas em suas instalações para atender as normas de internacionalização³⁷, após as mesmas o fluxo de voos internacionais aumentou gradativamente.

A cidade de Natal, ainda no final da década de 1980 não possuía embarque e desembarque de voos internacionais, ou seja, como apontamos anteriormente esta recebeu menor quantidade de recursos e a modernização de seu aeroporto ocorreu tardiamente.

No Gráfico 4.2 podemos notar claramente o aumento do fluxo aeroviário nas cidades citadas. Nas quatro cidades mostradas podemos relacionar diretamente a melhoria dos aeroportos com o aumento do fluxo turístico. A possibilidade de recebimento de voos internacionais regulares e fretados contribuiu para a inserção desses lugares na rota do turismo internacional.

Gráfico 4.2 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para os aeroportos de Salvador, Natal, Fortaleza e Recife nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1988

Organização: BARBOSA, R. Fonte: ANAC (1975, 1980, 1985 e 1988).

Seguindo a tendência das décadas anteriores, os dados do fluxo viário 2006 a 2017 também expressam o aumento na quantidade de voos regulares e não regulares. Nesse momento os dados expressam consolidação das políticas de mobilidade implementadas pelo

³⁷ Segundo reportagem eletrônica: < <http://plus.diariodonordeste.com.br/20-anos-aeroporto-de-fortaleza/#intro> >. Acessado: 17/09/2018.

Prodetur-NE, as quais possibilitaram o aumento do turismo de massa para as capitais litorâneas da região Nordeste.

Tabela 4.5 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2006 a 2010.³⁸

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a Região Nordeste								
Ano	Regular		Não Regular			Total	Var. % Anual	Part. Na Rede %
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Executivo/Geral			
2006	8222809	373115	829729	316133	33985	9775771	-	9,57
2007	9513977	391266	543779	272499	38654	10760175	10,07%	9,73
2008	10008606	464070	422117	162139	42624	11099556	3,15%	9,83
2009	12079265	440744	361548	118818	51099	13051474	17,59%	10,19
2010	14777522	471010	394550	82872	61422	15787376	20,96%	10,19

Organização: MARQUES, T. C. Fonte: INFRAERO (2010) - Anuário Estatístico Operacional.

Tabela 4.6 – Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Centro-Leste de 2006 a 2010³⁹.

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a Região Centro-Leste								
Ano	Regular		Não Regular			Total	Var. % Anual	Part. Na Rede %
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Executivo/Geral			
2006	6324692	257358	504903	142214	19142	7248309	-	7,09
2007	7155107	320973	397400	112082	14343	7999905	10,37%	7,24
2008	7321347	323936	309449	84462	28869	8068063	0,85%	7,15
2009	8565459	301396	316837	27077	52095	9262864	14,81%	7,23
2010	9746400	307773	305686	58019	66889	10484767	13,19%	6,75

Organização: RAMOS, A. C. Fonte: INFRAERO (2010) - Anuário Estatístico Operacional.

Como se pode ver nas tabelas 4.5 e 4.6, o volume de passageiros nacionais e internacionais que desembarcaram dos aeroportos controlados pela Infraero no período foi sensivelmente aumentado. Isso é mais perceptível nos gráficos 4.3 e 4.4 onde se vê a perceptível elevação do volume do transporte aéreo na região.

As políticas de incentivo ao desenvolvimento do turismo com a reforma de aeroportos surtem efeito no volume de passageiros que a cada ano aumenta nos aeroportos do Nordeste.

³⁸ Os dados que referem aos aeroportos de: SBFZ (Aeroporto Internacional de Fortaleza), SBJP (Aeroporto Internacional de João Pessoa), SBJU (Aeroporto de Juazeiro do Norte), SBKG (Aeroporto de Campina Grande), SBNT (Aeroporto Internacional de Natal), SBPB (Aeroporto de Parnaíba), SBPL (Aeroporto de Petrolina), SBRF (Aeroporto Internacional do Recife) e SBTE (Aeroporto de Teresina).

³⁹ Os dados que referem aos aeroportos de: SBAR (Aeroporto de Aracaju), SBIL (Aeroporto de Ilhéus/ Bahia: Jorge Amado), SBMO (Aeroporto Internacional de Maceió: Zumbi dos Palmares), SBSV (Aeroporto Internacional de Salvador) e SBUF (Aeroporto Paulo Afonso).

Gráfico 4.3 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2006 a 2010.

Organização: MARQUES, T. C. Fonte: INFRAERO (2010) - Anuário Estatístico Operacional.

Gráfico 4.4 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Centro-Leste de 2006 a 2010.

Organização: RAMOS, A. C. Fonte: INFRAERO (2010) - Anuário Estatístico Operacional.

A Tabela 4.7⁴⁰ já mostra outro momento com acréscimo de aeroportos controlados pela Infraero o que representou em termos de dados estatísticos a elevação do volume de passageiros pelos aeroportos nordestinos.

Tabela 4.7 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2010 a 2017.⁴¹

Movimento Anual de Passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a Região Nordeste								
Ano	Regular		Não Regular			Total	Var. % Anual	Part. Na Rede %
	Doméstico	Internacional	Doméstico	Internacional	Executivo/Geral			
2010	23922435	692355	595234	110439	149288	25469751		29,37
2011	27345167	743796	404024	110751	133917	28737655	12,83%	28,77
2012	29191360	675283	441447	51340	130453	30489883	6,10%	29,03
2013	29059491	753566	669766	38202	152093	30673118	0,60%	28,96
2014	30431432	798868	1060054	63536	152640	32506530	5,98%	28,83
2015	29672628	824932	1096548	31901	106121	31732130	-2,38%	28,33
2016	27424035	775454	981643	11784	91610	29284526	-7,71%	28,01
2017	28661200	932296	1225016	24594	91760	30934866	5,64%	28,51

Organização: MARQUES, T. C. Fonte: INFRAERO (2014: 2017) - Anuário Estatístico Operacional.

A tendência de aumento do fluxo de passageiros pelos aeroportos do Nordeste permanece e tem um pico de elevação no ano de 2014, ano da Copa do Mundo, em que houve maior quantidade de turistas no Brasil devido ao megaevento esportivo.

Apesar de o crescimento no fluxo de passageiros sofrer alguns regressos, tem-se um volume positivo até os anos de 2017, o que permite concluir que o fluxo turístico da região permanece crescendo tanto nos voos nacionais quanto nos voos internacionais (Gráfico 4.5).

⁴⁰ Os dados foram divididos em três tabelas/gráficos devido ao fato que até 2010 a Infraero separava a região Nordeste em duas áreas de estudo: Região Nordeste e Região Centro-Leste. Em 2014, essas duas regiões são fundidas em uma única.

⁴¹ Os dados que referem aos aeroportos de: SBAR (Aeroporto de Aracaju), SBFZ (Aeroporto Internacional de Fortaleza), SBIL (Aeroporto de Ilhéus/ Bahia: Jorge Amado), SBIZ (Aeroporto de Imperatriz: Prefeito Renato Moreira), SBJP (Aeroporto Internacional de João Pessoa), SBJU (Aeroporto de Juazeiro do Norte), SBKG (Aeroporto de Campina Grande), SBMO (Aeroporto Internacional de Maceió: Zumbi dos Palmares), SBPB (Aeroporto de Parnaíba), SBPL (Aeroporto de Petrolina), SBRF (Aeroporto Internacional do Recife), SBSL (Aeroporto Internacional de São Luís), SBSV (Aeroporto Internacional de Salvador), SBTE (Aeroporto de Teresina) e SBUF (Aeroporto Paulo Afonso). Em 2014, o Aeroporto Internacional de Natal deixa de ser controlado pela Infraero, logo não constando dos dados expostos.

Gráfico 4.5 - Movimento anual de passageiros (Embarcados + Desembarcados) para a região Nordeste de 2010 a 2017.

Organização: MARQUES, T. C. Fonte: INFRAERO (2011: 2017) - Anuário Estatístico Operacional.

Por meio dos dados de 1975 a 2017 podemos concluir pela existência de dois períodos das políticas de mobilidade nas capitais do Nordeste: antes do Prodetur-Ne e depois do programa, em que é perceptível que os investimentos no setor aeroviário contribuíram para maior mobilidade na região. A possibilidade de recebimento de voos internacionais em outras capitais do Nordeste além de Fortaleza, Recife e Salvador contribuiu para aumentar o fluxo turístico na região, pois conectou diretamente essas cidades a países europeus e norte-americanos.

Além disso, a viabilidade de alguns aeroportos receberem voos *charters* internacionais aumentou a facilidade dos deslocamentos de turistas em longas distâncias, antes restritos a apenas dois aeroportos do Nordeste – Salvador (BA) e Recife (PE).

Para tanto, e no sentido de viabilizar o deslocamento de turistas em distâncias intercontinentais, o recurso do voo charter é um complemento importantíssimo na ampliação da capacidade de atração de fluxos externos. Tal lógica é reforçada, de um lado, com construção de aeroportos internacionais e, de outro lado com a transformação dos já existentes à condição de internacional. Significa, nestes termos, ampliação de padrão restrito, até final dos anos 1980, às capitais nordestinas de Recife e Salvador. Na atualidade, em virtude da política de desenvolvimento agressiva adotada no Ceará e Rio Grande do Norte, as capitais de Fortaleza e Natal incluem-se no quadro dos voos internacionais, revezando em importância com as cidades anteriormente citadas (DANTAS, 2007: 23).

O aumento de voos fretados propiciou o maior fluxo de turistas internacionais para o Brasil, principalmente para o Nordeste, para onde uma- parte considerável desses voos se destina. A internacionalização dos aeroportos abriu caminho para o aumento do fluxo de turistas de outros países, inclusive com voos fretados saindo direto de alguns países da Europa – como no caso de Portugal e Itália.

Não se pode relacionar de forma direta o recebimento de voos *charters* ou o aumento de voos internacionais com o aumento do turismo sexual, pois não significa dizer que todos os turistas que se destinam ao Nordeste procuram o mercado do sexo ou que os passageiros de voos *charters* via de regra são turistas sexuais. No entanto, sabemos que a facilidade de voos diretos da Europa ou dos Estados Unidos para os aeroportos nordestinos favorece o turismo sexual para a região. A possibilidade de receber voos *charters* – que são voos fretados com o custo menor – atraiu um fluxo maior de turistas homens e mulheres, o que, aliado a outros fatores, contribuiu para que nos últimos anos tenha ocorrido um aumento do turismo sexual.

Mais do que dobrou o desembarque de passageiros estrangeiros por voos *charters* nos últimos dois anos no Brasil. A reboque desse fenômeno, novos voos internacionais regulares foram confirmados nos últimos meses e novos hotéis foram e ainda serão inaugurados na costa do país.

De janeiro a agosto de 2003, 97.350 passageiros desembarcaram em voos fretados internacionais no Brasil. Neste ano, o total subiu para 251.300 no mesmo período, segundo dados da Infraero -um crescimento de 158%.

"O voo charter cria as condições para o voo regular", afirma Jeanine Pires, diretora de turismo de negócios e eventos da Embratur.

E, segundo ela, o fenômeno é mais visível no Nordeste, para onde se dirigiram, em julho, 28 voos fretados semanais, além dos regulares. Os números de desembarques confirmam: em 2002, foram 61.100 passageiros vindos por *charters* ao Nordeste brasileiro, ante 214.800 turistas em 2004.

Fortaleza foi a cidade que mais recebeu voos fretados internacionais em julho, com nove pousos semanais, seguida por Natal, com oito, e Porto Seguro, com seis.

"São vários fatores: o turista estrangeiro tem um perfil de procurar por sol e mar, e o Nordeste é quente o ano todo. Além disso, vir por voo direto encurta a viagem no caso do europeu ou do americano", disse a diretora da Embratur (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005)⁴².

A notícia acima é um fragmento de uma reportagem produzida pelo jornal Folha de São Paulo em 2005, o qual aponta que o aumento de voos *charters* e de voos regulares elevou a demanda turística de estrangeiros pelo Nordeste brasileiro. Esses voos diminuem o custo da viagem além de serem mais rápidos por não haver necessidade de conexão com outros aeroportos, o que facilitou as viagens diretas.

⁴² Esse fragmento faz parte da reportagem do Jornal Folha de São Paulo, na sessão de Turismo em 30 de outubro de 2005. A reportagem destaca o aumento de voos *charters* como forma de aumentar o turismo internacional para a região Nordeste. Site: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3010200524.htm>. Acessado: 17/07/2018.

O fluxo de turistas estrangeiros para a região Nordeste apesar de ter crescido nos últimos anos se concentra em três estados nordestinos: Bahia, Ceará e Pernambuco. Isso demonstra a importância da consolidação de aeroportos internacionais para a região. O fragmento abaixo foi retirado do *site* de turismo do estado de Pernambuco, no qual é acentuado o aumento do fluxo de turistas e a maior concentração de turistas estrangeiros em alguns estados.

O fluxo turístico no conjunto dos estados nordestinos passou de 9.398 turistas, em 2005, para 27.372 turistas em 2012 (CTI - Nordeste, 2012) dos nove estados que compõem a Região Nordeste, o Piauí foi o estado que recebeu o menor número de turistas no período em 2010, indicado pelo desembarque em aeroportos para cada estado, cuja tabela mostra que o crescimento no período analisado se deu mais acentuadamente, por ordem, na Paraíba (54,4%), no Piauí (44,7%) e no Maranhão (37,5%). Verifica-se também que o maior fluxo de turistas estrangeiros está concentrado em **apenas três dos estados nordestinos Bahia, Ceará e Pernambuco**⁴³, por ordem de volume que também são os de maior importância econômica para a Mesorregião (PDITS - POLO COSTA DOS ARRECIFES, 2010: 26).

Ressalta-se também, a expansão do setor hoteleiro desde o início de implementação do Prodetur -NE. A região Nordeste tem a segunda maior rede hoteleira do país, estando atrás apenas da região Sudeste. Possui 23,6% dos estabelecimentos hoteleiros, 21,7% das unidades habitacionais e 22,4% dos leitos disponíveis. Dentre todos os estados do país podemos destacar a Bahia que possui a quarta colocação entre as principais unidades da federação em número de estabelecimentos hoteleiros (IBGE, 2017).

Por outro lado, os meios de divulgação são, na sociedade contemporânea, diversos e importantes para transmitir informações sobre as potencialidades dos lugares que se pretendem turísticos.

As feiras de divulgação, catálogos, folders e os meios de propaganda são formas poderosas de disseminar a ideia sobre um destino turístico. Como já afirmamos, nenhum lugar é *a priori* turístico, as formas materiais e imateriais são essenciais para tornar um lugar potencial produto para o mercado do turismo.

Nesse sentido, a *internet* corrobora para orientar viajantes dos possíveis lugares a serem visitados. Inúmeros *sites* transmitem informações sobre a rede hoteleira, a quantidade e preço de restaurantes e bares, os pontos turísticos e outros atrativos. De fato, a *internet* facilitou o acesso a informações e assim contribuiu para colocar na geografia do turismo lugares que antes eram inacessíveis.

⁴³ Grifo nosso.

Contudo, a *internet* sendo um importante meio de transmissão de informações, também possibilitou a disseminação de um *rol* de informações a respeito de outros assuntos como o mercado do sexo, violência e etc.

Em relação ao turismo sexual não é diferente, a *internet* funciona como o principal meio divulgador de lugares onde homens e mulheres podem encontrar um mercado sexual amplo e diverso. Abaixo trazemos um fragmento encontrado e um *site* que lista os principais destinos do turismo sexual no mundo.

O Brasil figura nesta lista juntamente com as ilhas Filipinas, Tailândia, Cuba, República Dominicana, Costa Rica. Os *sites* nem sempre convergem sobre os melhores lugares para se realizar turismo sexual, alguns colocam países desenvolvidos, como a Holanda, também como um potencial lugar para se realizar turismo sexual.

Abaixo temos a descrição do Brasil em um *site* que lista os melhores países para realizar turismo sexual. Existem diversos *sites* que fazem *rankings* dos destinos do turismo sexual, os países nem sempre são os mesmos, no entanto o Brasil aparece na maioria deles como um potencial destino.

Turistas, viajando aqui para um carnaval brilhante, não são avessos a continuar a noite com os moradores locais e a se envolver no turismo sexual no Brasil. No entanto, as mulheres brasileiras não recusam esses ganhos e não estabelecem preços altos. Em "casas de massagens" locais, além de lavar e massagear, você também pode solicitar tipos diferentes de serviços. O serviço similar custa de US\$ 20 a US\$ 50 por hora nas ruas, bares e nos inúmeros bordéis. A propósito, os serviços de meninas com aparência europeia são muito mais caros do que as latinas, as mulatas e negras⁴⁴.
(tradução nossa)

Em diversos *sites* encontramos informações e sugestões de lugares onde o mercado do sexo é mais amplo. As “dicas” que esses *sites* oferecem vão de preços, lugares mais seguros, fenótipo das mulheres, traços étnicos e tipos de serviços realizados.

Esses espaços são bastante diversificados possuindo diversas informações - algumas corretas outras não – sobre o mercado do sexo. As salas de bate-papo propiciadas por esses *sites* também são um ponto de encontro para os interessados trocarem informações, agendar ou pegar telefones de serviços e garotas.

⁴⁴ Tradução: Tourists, traveling here for a bright carnival, are not averse to continue the evening with local residents and to be involved in Brazil sex tourism. However, Brazilian women do not refuse such earnings, and they don't set high prices. In local "baths", in addition to washing and massage, you can also order services of a different kind. The similar service costs from \$ 20 to \$ 50 per hour on the streets, bars and in the numerous brothels. By the way, the services of girls with European appearance are valued much more expensive than latinas, the mulatto, and the. Site: <https://godatenow.com/blog/dating-tips/sex-tourism-destinations--advice/>. Matéria de 30/11/2017. Acessado: 17/07/2018.

Piscitelli (2005), que analisou a geografia do turismo sexual na *internet*, afirma que os aspectos culturais se expressam como potencializadores de um destino sexual. A heterogeneidade de informações que esses *sites* fornecem acaba definindo os circuitos do turismo sexual. Muito mais que um meio de informação, a *internet* vem se tornando importante ferramenta de definição da geografia do turismo sexual. Abaixo temos um fragmento de uma reportagem escrita por Piscitelli (2015), em que a autora ressalta a importância dos novos meios de comunicação na divulgação dos destinos do turismo sexual, assim como a forma que o componente racial assume para definir os destinos.

Tomando como referência o material analisado no *site*, meu principal argumento é que, embora haja uma íntima relação entre turismo sexual e desigualdade, a pobreza, nem sequer quando é extrema, garante o “sucesso” de um novo centro de turismo sexual. No marco de certas condições econômicas, aspectos culturais que se expressam na imbricação entre traços étnico/regionais e estilos de sexualidade operam à maneira de atração para o surgimento de novos alvos. A alocação desses traços é construída em um marco no qual a recriação de códigos da sexualidade é orientada por uma “educação” coletiva, através da transmissão de códigos de conduta e saberes que, atravessados por gênero, traçam fronteiras etno-sexuais. Trata-se de limites entre grupos, caracterizados pela intersecção e “interação” entre sexualidade e etnicidade. Essas fronteiras, que mostram a emergência de novos processos de racialização, são fundamentais na delimitação de novos espaços turísticos para o consumo de sexo.⁴⁵

O componente racial que exotiza mulheres de alguns países é um fator que influi mais para um lugar se tornar destino do turismo sexual que a pobreza do país. A definição de certas etnias ou fenótipos de mulheres que seriam mais atraentes contribuem para traçar o circuito do turismo sexual. A pobreza ou o fato de um país ser barato é um fator relevante, porém não é o principal determinante na definição do mercado do sexo internacional (PISCITELLI, 2005: 2015).

Se somente a pobreza justificasse um país se tornar rota do turismo sexual teríamos mais economias pobres do capitalismo com rota para desse tipo de turismo. E até mesmo os países vizinhos do Brasil como Bolívia e Paraguai poderiam ser considerados melhores destinos para esse tipo de turismo, uma vez que podem ser considerados com um custo de vida mais baixo que o Brasil. O fraco desenvolvimento e o relativo baixo preço do mercado sexual é um fator relevante, porém o componente étnico atua como um fator primordial pois suscita o desejo desses viajantes em explorar uma nova cultura e se relacionar com mulheres que eles consideram diferentes das mulheres Ocidentais (PISCITELLI, 2005: 2015).

⁴⁵ Fragmento da matéria de Adriana Piscitelli para a revista eletrônica Geledes de 22/03/2015. Acessado 18/07/2018.

As últimas reportagens que mapeavam os *sites* de turismo sexual encontraram mais de três mil páginas que relacionavam o Brasil com essa prática. Esses *sites* demonstram o grande poder da *internet* na propagação de informações, uma vez que conseguem atingir o maior número de pessoas e possuem pouco ou nenhum controle na disseminação de informações.

O fragmento abaixo revela o mapeamento do mercado do sexo e como esse cresceu nos últimos anos, principalmente, relacionando o Brasil a essas rotas.

BRASÍLIA - De 2013 para cá, surgiram 3.350 sites, em diversas línguas, associando o Brasil à pornografia ou vendendo o país como um bom destino para o turismo sexual. O levantamento, feito pela empresa Axur, mostra que o número de novas páginas já supera as 2.165 que o Ministério do Turismo tinha conseguido tirar do ar em 2011 e 2012 pelos mesmos motivos. A maioria dos novos sites associa o Brasil ou seus símbolos nacionais à pornografia. São 2.576 nessa situação. Outros 555 usam o país para promover a prostituição. Também há 74 deles incentivando o turismo sexual, e 124 associando o país à pornografia infantil. Há até mesmo 17 páginas de zoofilia, ou seja, de sexo com animais. Por fim, quatro sites chegam a vender pacotes de turismo sexual para o Brasil.⁴⁶

Não podemos afirmar ao certo se o turismo sexual é mais ou menos lucrativo que outros segmentos ou se ele já se estrutura como um negócio semelhante a países do Leste Asiático. Como afirmamos, no Brasil, essa modalidade de turismo não é mensurada pelos órgãos oficiais e, conseqüentemente, não há estudos sobre seu impacto econômico.

De fato, sabemos que ele ocorre e que vem aumentando seu escopo de cidades nos últimos anos. Kempadoo (1999), ao analisar o turismo sexual na região do Caribe, afirma que o turismo sexual tornou-se igualmente lucrativo assim como a indústria do turismo regular, pois leva uma grande quantidade de viajantes para esses países e assim acaba movimentando diversos setores da economia.

Assim, podemos concluir que as diversas modalidades turísticas que vêm se desenvolvendo possibilitaram maiores rendimentos para as cidades litorâneas do Nordeste. Essas se apoiaram em diversos fatores para se consolidarem no Nordeste brasileiro, com o turismo sexual não é diferente, o setor vem crescendo e com isso consolida o Brasil como uma rota do turismo sexual. Em relação aos órgãos oficiais essa é uma consequência negativa do turismo que não foi endossado pelo Estado. De qualquer forma o turismo sexual se espacializou pelas cidades litorâneas do Nordeste de forma a incluir esses lugares na geografia do mercado do sexo internacional.

⁴⁶ Reportagem do jornal o Globo “Levantamento mostra que mais de 3 mil sites vendem turismo sexual no Brasil”, de 28/06/2015. Site: <https://oglobo.globo.com/brasil/levantamento-mostra-que-mais-de-3-mil-sites-vendem-turismo-sexual-no-brasil-16581696#ixzz5LcfsRd2Rstest>. Acessado 18/07/2018.

Considerações Finais

Iniciamos essa pesquisa com o objetivo de buscar entender como o Nordeste do Brasil havia se inserido na Geografia internacional do turismo sexual. Inicialmente essa questão apontava para a solução envolvendo causas de ordem histórica, econômica e social.

O Brasil, assim como outros países periféricos do sistema capitalista tem seu desenvolvimento econômico atrelado a economia dos países centrais e nossa formação econômica dependente, portanto, de países desenvolvidos. Esse processo é desigual e combinado fazendo com que nosso fraco e tardio desenvolvimento econômico fosse parte do processo de exploração pela qual passou o país no período colonial. O Brasil serviu como fornecedor de matéria-prima para as economias desenvolvidas que puderam se industrializar e se desenvolver rapidamente.

As relações econômicas desiguais culminaram com o baixo desenvolvimento social que uma parcela da população. A concentração de terra e de riquezas marcou o período colonial, assentando a desigualdade socioeconômica no Brasil.

A dependência econômica subordinou o país à periferia do sistema e, internamente as sucessivas Divisões Territoriais do Trabalho se distribuem pelo tempo, revelando profundas diferenças inter-regionais.

A região Nordeste, que no período colonial foi a mais dinâmica, perdeu espaço econômico para a região Centro-Sul durante o processo de industrialização do país. Assim, consolidou-se como fornecedora de matéria-prima e mão de obra para as demais regiões. Os problemas sociais do Nordeste se intensificaram devido a uma estrutura de renda concentrada, onde a maioria da população carecia de condições melhores de sobrevivência.

Os índices sociais do Nordeste demonstram que, por anos, a população sofreu com a falta de infraestrutura e condições mais adequadas de vida. Esse panorama somente começou a melhorar a partir de meados dos anos 2000 quando políticas públicas mais contundentes foram aplicadas com o objetivo de superar o atraso socioeconômico da região.

No caso do Nordeste, a desigualdade social não deve ser apenas observada em relação à renda, mas também pela falta de acesso a serviços elementares em que a parcela mais pobre da população esteve e continua excluída. Nesse caso, devido a desigualdade social, de gênero e étnica as mulheres serão as mais prejudicadas nesse sistema. Devido a isso encontraremos índices sociais mais preocupantes quando tratamos desse grupo social.

Arretche (2015) argumenta que as desigualdades sociais afetam diretamente os grupos mais vulneráveis, pois apesar de nos últimos anos os índices de renda do Brasil terem aumentado com a política de elevação do salário mínimo, esse aumento foi desigual, beneficiando menos a etnia negra e as mulheres, ou seja, a desigualdade funciona também pela variável de gênero e etnia.

A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil, quando esta não possui elevados níveis educacionais, quase sempre é em trabalhos com baixa remuneração, quando não informais. Devido a esse panorama, alguns trabalhos acadêmicos reconheceram a inserção da mulher na atividade da prostituição como caminho possível para a conquista de melhor remuneração, mais elevada que outros tipos de trabalho e, conseqüentemente maior inserção de mulheres pobres no mercado de consumo. Mesmo as mulheres que não se consideram prostitutas, mas iniciam um envolvimento amoroso com turistas estrangeiros, apontam para os benefícios que esses lhes trariam. A possibilidade de frequentar lugares caros e consumir produtos eram pontos importantes fizeram com que muitas mulheres se envolvessem tanto na atividade na prostituição como em relacionamentos amorosos com turistas estrangeiros.

Apesar de os fatores de ordem econômica serem relevantes para determinar que a economia da região Nordeste devido ao maior atraso econômico fez com que a população carecesse de melhores oportunidades, vimos que não somente esse fator convergiu para tornar o Nordeste uma região receptora de turismo sexual.

A partir da década de 1990 o turismo foi eleito como um propulsor da inserção econômica do Nordeste na economia nacional. As políticas públicas que foram desenvolvidas na região a partir desse momento focaram, principalmente, as cidades consideradas com maior potencial turístico.

Nesse momento vimos que o Nordeste passa a receber investimentos para urbanizar e melhorar a oferta de serviços urbanos básicos e visavam sua utilização pela indústria do turismo. O turismo sexual não foi um segmento impulsionado diretamente pelo Estado, porém se beneficiará do incentivo ao turismo de massa para se consolidar nas cidades litorâneas.

Onde chegamos com essas reflexões? Pretendemos iluminar o fato de que não só no Brasil e não só especificamente na Região Nordeste, o turismo sexual instalou-se no bojo do desenvolvimento de um turismo massivo, sendo mesmo, na prática, antecedido por este ou, em alguns casos, se desenvolvido concomitante, o que pode ser compreendido em se

considerando o conjunto de demandas por infraestruturas e serviços que aproximam o turismo sexual de outros segmentos.

As questões de ordem social e cultural atuaram também como causas importantes para que o litoral do Nordeste se tornasse atrativo para o turismo sexual. Pois como acentua Piscitelli (2005) não somente um país possuir uma economia pobre o faria automaticamente ser um destino do turismo sexual. Logo, observamos que na América Latina existem países com menor desenvolvimento socioeconômico que o Brasil, porém esses não se tornaram destino do turismo sexual.

A exploração da sexualidade foi importante para consolidar uma imagem estereotipada da mulher brasileira. Por diversos meios da mídia e do *marketing* a imagem feminina brasileira era tratada de forma erotizada o que acabou formando um imaginário que as mulheres eram “por natureza” calorosas e sexualizadas.

Essas imagens foram transmitidas por diversos meios de comunicação, porém na atual fase da globalização a *internet* opera como o principal divulgador de imagens estereotipadas que afetam as mulheres brasileiras.

Homens de países economicamente mais desenvolvidos buscam explorar destinos turísticos onde eles possam também aproveitar de um mercado sexual. Esses homens buscam experiências hedonistas de prazer, o que os leva a lugares considerados exóticos com mulheres com características opostas as mulheres de seus países de origem.

Essas características associadas ao comportamento da mulher brasileira e as características ligadas a aparência física fizeram com que homens de países desenvolvidos imaginassem encontrar aqui mulheres naturalmente calorosas, apaixonadas e com um “instinto sexual”. Essa visão estereotipada da figura feminina brasileira contribuiu, assim como outros fatores, para que homens de países desenvolvidos comesçassem a viajar para o Brasil em busca de seu mercado sexual.

A pobreza que esses homens associam a condição econômica do país é relevante, pois para eles as mulheres se envolvem com a prostituição devido as péssimas condições econômicas a qual estão submetidas. Nesse sentido, para os estrangeiros, mulheres “normais” se envolvem no mercado sexual, pois são “vítimas” das condições financeiras do país (BLANCHETTE; DASILVA, 2010).

A hipersexualização da figura feminina brasileira é outro fator de extrema relevância para se entender as causas para o Brasil ter entrado na rota do turismo sexual. A combinação

dessa causa com as demais, de ordem socioeconômica, culminou para a entrada de algumas cidades no mercado do turismo sexual.

Como tratamos nessa pesquisa, o turismo sexual possui inúmeras facetas que o diferenciam da prostituição, sem que contudo se possa negar as aproximações entre um e outro. O fato de as mulheres que se envolvem com estrangeiros nem sempre se considerarem garotas de programa é importante, pois aponta que esse segmento é complexo e permite diversas formas de envolvimento.

Como aborda Piscitelli (2004; 2011) a presença da “ajuda” ou de relações afetivas mais duradouras vem sendo comum nas cidades do Nordeste apontadas como *locus* do turismo sexual. A distinção desse tipo de envolvimento é o que faz com que muitos homens se destinem para o Brasil, pois esses querem fugir dos estigmas de consumidores da prostituição que certos países carregam.

Nesse sentido alguns homens buscam fugir da prostituição considerada profissional e assim se engajam em relacionamentos com mulheres locais. A forma de pagamento não é direta, porém os benefícios desses envolvimento podem ser na forma de presentes, viagens e até a um casamento no futuro. Quando observamos esse tipo de relacionamento percebemos a distância entre este e a atividade da prostituição.

Em sua vasta obra, Piscitelli trata da distinção dessas duas atividades, onde principalmente no Nordeste do Brasil o turismo sexual carrega peculiaridades que o afastam da prostituição.

Autoras como Kempadoo, Mullings e O’Connell e Taylor (1999), analisaram o turismo sexual que ocorre nas ilhas caribenhas e devido suas pesquisas conseguimos encontrar similaridades com os fatores que levaram ao desenvolvimento do turismo sexual na América Central com o que ocorre no Nordeste do Brasil.

Apesar das particularidades existentes em cada lugar, as causas convergem para que economias pobres do sistema capitalista que experimentaram nos últimos anos o aumento do mercado turístico em áreas litorâneas se tornaram rotas do turismo sexual. Nesses lugares a população mais pobre se insere de forma precária na economia e o envolvimento com turistas estrangeiros acaba sendo visto como positivo para fazer com que os primeiros consigam se inserir na sociedade de consumo (mesmo que momentaneamente).

A exploração da sexualidade de homens e mulheres desses países é relevante, pois historicamente essa visão foi construída e fez com que uma lógica naturalizante caracterizasse a população local como exóticos.

A exotização do diferente, por homens e mulheres de países Ocidentais, levou a erotização e a hipersexualização da população de países destinos do turismo sexual. Essas características nos apontam para os motivos que tornaram o Nordeste uma rota do turismo sexual.

Referências Bibliográficas

ALFREDO, A. **Geografia do turismo a crise ecológica como crítica objetiva do trabalho o turismo como "ilusão necessária"**. GEOUSP: Espaço e Tempo, n. 9, 2001. p. 37-62.

Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2001.123513>>.

AQUINO, J. P. D. **Turistas estrangeiros e mulheres locais: “mercado do sexo” e romance nas noites da Praia de Iracema em Fortaleza**. Revista de Antropologia, v. 58, n. 2, Ceará: Universidade Federal do Ceará. p. 208 – 234. 2015.

Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108572>>.

ALFONSO, L. P. **EMBRATUR: Formadora de imagens da nação brasileira**. 2006. 139f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. **A questão regional: o caso do Nordeste brasileiro**. In:_____. *As alternativas do Nordeste*. Recife: Editora Universitária, 1983, cap. 1.

_____. **Os desníveis de desenvolvimento regional e a política de “aménagement de territoire”**. In:_____. *Espaço, polarização e desenvolvimento: a teoria dos polos de desenvolvimento e a realidade nordestina*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. cap. 4, p. 45-68.

ARAGÃO, R. F. **A racionalidade turística e ressignificação do espaço cearense**. In: SILVA, J. B.; DANTAS, E. W. C.; ZANELLA, M.; MEIRELES, A. J. A. *Litoral e Sertão: natureza e sociedade no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 279-288.

ARAGÃO, R.; DANTAS, E. W. C.; LIMA, E. L. V. de; THÉRY, H. **Nordeste brasileiro fragmentado: de uma região com bases naturais a uma fundamentação econômica**. In:

SILVA, J. B.; DANTAS, E. W. C.; ZANELLA, M.; MEIRELES, A. J. A. *Litoral e Sertão: natureza e sociedade no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 23-44.

ARRETCHE, M. **Apresentação**. In:_____ (Org.). *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 1- 20.

_____. **Trazendo o conceito de cidadania de volta: a propósito das desigualdades territoriais**. In:_____ (Org.). *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 193 – 222.

_____. **Conclusões – as políticas na trajetória da democracia a redução das desigualdades**. In:_____ (Org.). *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 423 – 455.

BACELAR, T. A. **Nordeste, Nordestes: que nordeste?**. In:_____ Ensaios sobre o desenvolvimento brasileiro - Heranças e Urgências, 2000. p. 1-43.

Disponível em:

http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1956%3Anordeste-nordestes-que-nordeste-&catid=58&Itemid=414.

_____. **Herança de diferenciação e futuro de fragmentação**. Estudos Avançados, v. 11, n. 29, 1997. p. 7-36.

Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100002>>.

BANDYOPADHYAY, R.; NASCIMENTO, K. **“Where fantasy becomes reality”**: how tourism forces made Brazil a sexual playground. *Journal os Sustainable Tourism*, v. 18, n. 8. London (UK): Routledge. 2010.

Disponível em: < <https://doi.org/10.1080/09669582.2010.497220>>.

BARRETO, M.; CAETANO, R. F. **“A construção da imagem da mulher brasileira como atrativo turístico.”**. Anuário de pesquisa do mestrado em turismo, 2003. p. 97-125.

BECKER, B. **Políticas e planejamento do turismo no Brasil**. Caderno Virtual de Turismo, v. 1, n. 1, 2001. p. 1-7.

Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/2>>.

BENEVIDES, I. P. **“Prostiturismo” feminino em Fortaleza: um encontro de cúpido com mercúrio**. In:_____. *Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria*. Ceará: Edições UFC, 1998. Cap. 5, p. 139-151.

BENEVIDES, I. P. **Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria**. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

BERDOULAY, V.; PAES, M. T. D. **Imagem e patrimonialização em planejamento urbano: Salvador (Bahia) e Bourdeaux em perspectiva**. Revista Cidades: Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, v. 5, n. 7, 2008. p. 33-47.

BIGNAMI, R. **A imagem do Brasil no turismo**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Aleph, 2005.

BLANCHETTE, T.; SILVA, A. P. **A mistura clássica: o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual**. Bagoas, v. 4, n. 5, 2010. p. 221-244.

Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art13_blanchettesilva.pdf>.

CARLOS, A. F. A. **O consumo do espaço**. In:_____. (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 173-186.

_____. **A produção do não-lugar**. In:_____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 103-129.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Da sedução do turismo ao turismo da sedução**. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 119-135.

COELHO, V. S. P.; DIAS, M. F. **Saúde e desigualdade no Brasil**. In: ARRETCHE, M. (Org.). *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 249- 276.

CRUZ, R. C. A. **Política de turismo e território**. SP: Contexto, 2000.

_____. **Políticas de turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil**. 1999. 203 f. Tese (Tese de Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

_____. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo**. In: Yázigi, E. (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 107-119.

_____. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

_____. **Introdução à Geografia do turismo**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2003. p. 3-24.

DANTAS, E. **Imaginário social nordestino e políticas de desenvolvimento do turismo no nordeste brasileiro**. GEOUSP: Espaço e Tempo, n. 22, 2007. p. 09-30.

Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74063>>.

DAVIDSON, J. O'C; TAYLOR, J.S. **Fantasy Islands: exploring the demand for sex tourism**. In: KEMPADOO, K. (org.). *Sun, sex, and gold: tourism and se work in the Caribbean*. Oxford: Rowman & Littlefild, 1999. p. 37-54.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 25ªed. São Paulo: Nacional, 1995.

GABRIELLI, C. **Intersecções entre o mercado turístico e o mercado do sexo em Salvador, Bahia, Brasil**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 5, n. 2, 2011. p. 136-156.

Disponível em: < <https://doi.org/10.7784/rbtur.v5i2.377>>.

HARVEY, D. **A opressão via capital.** In:_____. *O novo imperialismo*. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 77-114.

_____. **Observações introdutórias.** In:_____. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Anna Blume, 2006. p. 77-94.

KAJIHARA, K. A. **A imagem do Brasil no exterior:** análise do material de divulgação oficial da Embratur desde 1966 até os dias atuais. 2008. 97f. Tese (Graduação em Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

KEMPADOO, K. Part 1: **Introduction.** In:_____. *Sun, sex, and gold: tourism and se work in the Caribbean*. Oxford: Rowman & Littlefild, 1999. p. 3-33.

LEFEBVRE, H. **A sociedade burocrática de consumo dirigido.** In:_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 77-119.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro editora, 2006.

_____. **Introdução.** In:_____. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 17- 35.

_____. **O Espaço.** In:_____. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 36-57.

LOPES, A. C. B.; MALERBA, R. C. **A imagem do Brasil como destino de turismo sexual na produção acadêmica de dissertações e teses (2001 - 2012).** Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2015. p. 167-181.

Disponível em:

< <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/994/438>>.

LÖWY, M. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** CARNEIRO, H. (Trad.). Actuel Marx, n. 18, 1995. p. 73-80.

Disponível em: <
<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Lowy,%20Michael/a%20teoria%20do%20desenvolvimento%20desigual%20e%20combinado.pdf>>.

LUCHIARI, M. T. **Urbanização turística um novo nexos entre o lugar e o mundo**. In: LIMA, L. C. (Org.). *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*, v. 2. Fortaleza: UECE, 1998. p. 15- 29.

MACEDO, M. B. **Quando planos públicos são elaborados por consultorias privadas: o Prodetur/NE e a terceirização na política pública de turismo**. 2017. 351f. Tese (Tese de Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

MACEDO, S. S. **Paisagem, turismo e litoral**. In: YÁZIGI, E. (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 181-213.

MARQUES, E. **Condições habitacionais e urbanas no Brasil**. In: ARRETCHE, M. (Org.). *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 223- 247.

MATTOS, R. B. **A dinâmica dos espaços da prostituição na cidade do Rio de Janeiro: 1840-1940**. In: OLIVEIRA, R. S.; RIBEIRO, M. A. *Território, sexo e prazer*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2011. p. 45-59.

MILNE, S.; ATELJEVIC, I. **Tourism, economic development and the global-local nexus: Theory embracing complexity**. *Tourism Geographies*, v. 3, n. 4, 2001. p. 370-393.
 Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/146166800110070478>>.

MORAES, C. C. A. **Turismo – segmentação de mercado: um estudo introdutório**. In: ANSARAH, M. G. R. (Org.). *Turismo segmentação de mercado*. São Paulo: Editora Futura, 2000. p. 13-32.

MOSCOSO, L. **Vulneráveis, mulheres são vítimas do mercado do sexo.** *Diário do Nordeste*, Fortaleza (CE), p. 8, 8 jan. 2012.

_____. **Em busca de um projeto de vida, elas saem do país.** *Diário do Nordeste*, Fortaleza (CE), p. 6, 9 jan. 2012.

_____. **Tráfico é fenômeno de caráter criminoso, invisível e velado.** *Diário do Nordeste*, Fortaleza (CE), p. 6, 10 jan. 2012.

MULLINGS, B. **Globalization, tourism, and the international sex trade.** In: KEMPADOO, K. (Org.). *Sun, sex, and gold: tourism and sex work in the Caribbean*. Oxford: Rowman & Littlefield, 1999. p. 55-80.

NADAIS, C.; SANTOS, N. **O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea.** *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n. 1. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2012. p. 143-163.

Disponível em: < <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/21114> >.

NOVACK, G. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade.** São Paulo: Rabisco, 1988.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia par uma re (li) gião?** SUDENE, Nordeste e conflito de classes. 6ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **A crítica à razão dualista.** São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, A. **Amor, apego e interesse:** trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 537- 582.

_____. **El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil.** *Quaderns-e*, n. 4. 2004. Barcelona: Institut Català d'Antropologia, s/p.

Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/QuadernseICA/article/view/51433>> Acesso: 01 de outubro de 2016.

_____. **Sexo tropical. Comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira.** *Cadernos PAGU*, n° 6/7, Raça e Gênero, Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. 2004. **"On gringos and natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism"**. Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology.

Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/portugues/artigos2004.htm>>. Acesso: 01 de outubro de 2017.

_____. 2015. **Turismo sexual no Brasil.** Com ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=114&id=1379&tipo=1>> Acesso: 06 de fevereiro de 2018.

_____. **"Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual.** *Cadernos PAGU*, n° 25, Raça e Gênero, Campinas: UNICAMP, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200011&lng=en&nrm=iso> Acesso: 01 de outubro de 2017.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930.** 3ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo: Modelo sol e praia.** In: _____. *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.* São Paulo: Hucitec, 1996. p.145-184.

SACRAMENTO, O; RIBEIRO, F. B. **Sexo, amor e interesse entre gringos e garotas em Natal.** *Cronos*, Natal (RN), v. 7, n. 1, 2006. p. 161-172.

Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/320006765_Sexo_amor_e_interesse_entre_'gringos'_e_'garotas'_em_Natal>.

SACRAMENTO, O. **Homens em férias abaixo do Equador:** questionando a sustentabilidade empírica do conceito de turismo sexual. Book of Proceedings, v. II – Internacional Conference on Tourism & Management Studies. Algarve, 2011.

_____. **Mulé'tem que ficar esperta: turismo, encontros passionais e gestão feminina da intimidade no Nordeste do Brasil.** Mana, v. 23, n. 1, 2017. p. 137-165.

Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442017v23n1p137>>.

SANDEVILLE, E. J. **A paisagem natural tropical e a sua apropriação para o turismo.** In: Yázig, E. (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 141-159.

SILVA, J. C. **O conceito de território na Geografia e a territorialidade da prostituição.** In: OLIVEIRA, R. S.; RIBEIRO, M. A. *Território, sexo e prazer*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2011. p. 19-41.

SILVA, C. A. F. **Apresentando os territórios da prostituição na Geografia brasileira.** In: OLIVEIRA, R. S.; RIBEIRO, M. A. *Território, sexo e prazer*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2011. p. 9- 15.

Silva, A. P.; Blanchette, T. 2005. **'''Nossa Senhora da Help': sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana''**. Cadernos PAGU, n. 25, 2005. p. 249-280.

Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200010>>.

_____. **“Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano”.** In: PARKER and CORREA (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos*. Rio de Janeiro: SPW, 2009. p. 192-233.

Disponível em: < <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>>.

SILVEIRA, M. L. **Da fetichização dos lugares à produção local do turismo.** In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 36-45.

SILVEIRA, R. M. G. **Introdução; Fundamentos teóricos metodológicos.** In:_____. *O regionalismo Nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984. p. 15- 37.

SIMMEL, G. **Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro** (1892). In:_____. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 01-17.

SOTRATTI, M. A. **Imagem e Patrimônio Cultural:** as ideologias espaciais do patrimônio turistificado na promoção turística internacional do Brasil - EMBRATUR 2003-2010. 2010. 247 f. Tese (Tese de Doutorado) – Instituto de Geociências. Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

Disponível em:<
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/287048/1/Sotratti_MarceloAntonio_D.pdf>.

SMITH, Neil. **A Produção do espaço.** In:_____. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 109-147.

SOARES DO BEM, Arim. **A dialética do turismo sexual.** Campinas: Papirus, 2005.

Referencias documentais

ANAC. Anuário do Transporte aéreo – 1975. Departamento de aviação civil.

Disponível em: < <http://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas/anuario/1975-dados-estatisticos>>.

_____. Anuário do Transporte aéreo – 1980. Departamento de aviação civil.

Disponível em: < <http://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas/anuario/1980-dados-estatisticos> >.

_____. Anuário do Transporte aéreo – 1985. Departamento de aviação civil.

Disponível em: < <http://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas/anuario/1985-dados-estatisticos> >.

_____. Anuário do Transporte aéreo – 1988. Departamento de aviação civil.

Disponível em: < <http://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas/anuario/1988-dados-estatisticos> >.

BIMT. Boletim de inteligência de mercado do turismo. Estudo da demanda de turismo internacional 2012-2016. 1ª ed. Brasil, 2018.

Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/images/pdf/rimt/BIMT_Estudo_demanda_turistica_internacional.pdf>.

BNB – BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A. PRODETUR/NE I – Relatório Final de Projeto. Brasília, 2005.

Disponível em: < http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/docum_9_pcr_i.pdf >.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Serviços de Hospedagem 2017. Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100623.pdf> >.

INFRAERO – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Anuário estatístico operacional, 2010. Brasília, 2011.

Disponível em: < <http://www4.infraero.gov.br/media/551857/final.pdf> >.

INFRAERO – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Anuário estatístico operacional, 2011. Brasília, 2012.

Disponível em: < http://www4.infraero.gov.br/media/551856/anuario_2011_2.pdf >.

INFRAERO – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Anuário estatístico operacional, 2014. Brasília, 2015.

Disponível em: < http://www4.infraero.gov.br/media/551855/anuario_2014.pdf >.

INFRAERO – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Anuário estatístico operacional, 2017. Brasília, 2018.

Disponível em: < http://www4.infraero.gov.br/media/674694/anuario_2017.pdf >.

IPETURIS. Estudos de mercado dos Polos turísticos do Prodetur Nacional do Estado do Ceará. Produto 3 – Estudo da demanda atual. Versão final. Ceará, 2011.

Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br/images/PDFs/PRODETUR/produto-3-estudo-demanda-atual.pdf> >.

_____. Estudos de mercado dos Polos turísticos do Prodetur Nacional do Estado do Ceará. Produto 6 – Estudo de Compatibilização entre oferta e demanda. Versão final. Ceará, 2011.

Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br/images/PDFs/PRODETUR/produto-6-estudo-compatibilizacao-oferta-demanda.pdf> >.

MME – Ministério de Minas e Energia. Programa Luz para Todos. Um marco Histórico: 10 milhões de brasileiros saíram da escuridão. Relatório, [s/d].

Disponível em: < <http://www.mme.gov.br/documents/10584/3042878/Livro+%60%60UM+MARCO+HIST%C3%93RICO+-+10+milh%C3%B5es+de+brasileiros+sa%C3%ADram+da+escurid%C3%A3o%60%60+-+Portugu%C3%AAs/fd6da853-1341-45d5-a6e0-13a0ffc5f5a4?version=1.3> >.

MTur. Ministério do Turismo. Caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil 2010 – 2014: Relatório descritivo. Fundação Instituto de Pesquisas econômicas (FIPE), [s/d]. Disponível em: < http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-internacional/item/download/702_7dd6fcbac8dbb5ef39348da6bdd2147a.html >.

MTur. Ministério do Turismo. Pesquisa anual de conjuntura econômica do Turismo. 13ª ed. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/sondagens-conjunturais/pesquisa-anual-de-conjuntura-econ%C3%B4mica-do-turismo/item/download/693_f7a7cdfde674562b53e34eb8a2aaae55.html >.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Agreste. Pernambuco, [s/d].

Disponível em: < http://www.empetur.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=24303939&folderId=25394195&name=DLFE-119445.pdf >.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Costa das Dunas. Versão final. Rio Grande do Norte, 2011.

Disponível em: < http://natalbrasil.tur.br/wp-content/uploads/2014/04/PDITS_POLO_COSTA_DAS_DUNAS.pdf >.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Costa dos Arrecifes. Pernambuco, [s/d].

Disponível em: < http://www.empetur.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=24303939&folderId=25394195&name=DLFE-189501.pdf >.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Litoral Leste. Tomo I: consolidação dos municípios, objetivos e diagnóstico estratégico. Fortaleza, 2014.

Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br/images/PDFs/PRODETUR/PDITS-litoral-leste-tomo-I.pdf> >.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Litoral Leste. Tomo II: estratégias de desenvolvimento turístico, planos de ação, feedback, referências e anexos. Fortaleza: 2014.

Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br/images/PDFs/PRODETUR/PDITS-litoral-leste-tomo-II.pdf>>.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Salvador e Entorno. Secretaria de Cultura e Turismo. Salvador, [s/d].

Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/turismobahia/pdtis-salvador-e-entorno>>.

Pesquisa Eletrônica - Sites:

Revista eletrônica Geledes: Internet e a geografia do turismo sexual. Adriana Piscitelli (22/03/2015)

Site: <https://www.geledes.org.br/internet-e-a-geografia-do-turismo-sexual/>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

A imagem internacional do turismo sexual no Brasil: o “prostiturismo” no marketing turístico.

Site: <http://www.fernandofeijo.com/imagem%20do%20brasil.pdf> . Acessado em 04 de setembro de 2011.

Reportagem eletrônica do jornal O Globo: os países emissores de turistas homens para o Brasil.

Site: <https://oglobo.globo.com/brasil/levantamento-mostra-que-mais-de-3-mil-sites-vendem-turismo-sexual-no-brasil-16581696>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Reportagem eletrônica da BBC: Turismo sexual estimula exploração sexual infantil no Brasil.

Site: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/07/100730_brasil_pedofilia_rc.shtml. Acessado em 06 de fevereiro de 2017.

Reportagem eletrônica da Folha: Turistas italianos e portugueses lideram turismo sexual no Nordeste.

Site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5441.shtml>. Acessado em 06 de fevereiro de 2017.

Reportagem eletrônica da Folha: O turismo sexual na Tailândia

Site: <http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2016/07/1793228-governo-da-tailandia-quer-fechar-o-cerco-contr-o-turismo-sexual.shtml> . Acessado em 06 de fevereiro de 2017.

Reportagem eletrônica da revista Carta Capital: Denúncias a respeito do turismo sexual no Brasil na Copa do Mundo em 2015.

Site: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Revista eletrônica ESPN: Propaganda polêmica em São Paulo reabre debate sobre turismo sexual durante a Copa.

Site: http://www.espn.com.br/noticia/409353_propaganda-polemica-em-sao-paulo-reabre-debate-sobre-turismo-sexual-durante-a-copa. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Reportagem eletrônica do jornal Band News: Crescimento de sites que divulgam o Brasil como destino de turismo sexual.

Site: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000758876/sites-que-ligam-turismo-sexual-ao-brasil-crescem-50.html>. Acessado em 14 agosto 2018.

Reportagem eletrônica do jornal G1- Globo: O turismo sexual e a prostituição de crianças em Fortaleza (CE).

Site: <http://g1.globo.com/mundo/blog/brasil-visto-de-fora/post/reportagem-do-le-monde-destaca-turismo-sexual-e-prostituicao-infantil-em-fortaleza.html>. Acessado em 19 de agosto de 2018.

Reportagem eletrônica da Folha: Voo charter dobra vinda de turista estrangeiro.

Site: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3010200524.htm>. Acessado em 17 de agosto de 2018.

Sex Tourism: Destinations & Advice (Matéria de 30/11/2017).

Site: <https://godatenow.com/blog/dating-tips/sex-tourism-destinations--advice/>. Acessado em 17 de agosto de 2018.

Documentário:

CINDERELAS, Lobos e Um Príncipe Encantado. Diretor: Joel Zito Araújo: Casa de Criação Cinema, 2009. (1h 48min)

<https://www.youtube.com/watch?v=6BZG-6heFXw&t=613s>

Acessado em 28 de novembro de 2016.